



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projeto Final de Mestrado para Obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

## UM LUGAR EXTREMO DO TEJO

*Projeto de Reabilitação do Forte da Trafaria para um Centro de Artes e Tecnologia*

Joana Candeias Coelho | Licenciada

---

Orientação Científica

Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Júri

Presidente: Professor Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

Vogal: Professor Doutor Luís Miguel Cotrim Mateus

Documento Definitivo

Lisboa, FAUL, Março 2020



## UM LUGAR EXTREMO DO TEJO

*Projeto de Reabilitação do Forte da Trafaria  
para um Centro de Artes e Tecnologia*





## Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho e que me motivaram todos os dias a fazer mais e melhor. Não sendo possível agradecer individualmente a cada uma, dedico uma especial atenção:

Ao professor José Aguiar, que me orientou e demonstrou estar sempre disponível para me auxiliar. Por me incentivar a arriscar e a melhorar, levando-me a criar uma nova perspetiva sobre a reabilitação.

Aos meus pais e irmã, que sempre me apoiaram e motivaram a ultrapassar os obstáculos e a alcançar objetivos, tornando-me na pessoa que sou hoje.

Ao Filipe, que aguentou os momentos mais críticos deste percurso, sem nunca desistir de me motivar e apoiar.

À Mónica, uma grande companheira que caminhou comigo e que tornou as noites mais fáceis, nunca deixando desistir.

À minha família e amigos, que ao longo deste percurso acreditaram no meu sucesso, demonstrando um grande carinho e amizade que contribuiu para a realização e conclusão deste trabalho.

Obrigado a todos por estarem do meu lado.



## Resumo

A reabilitação de preexistências é um tema cada vez mais presente na nossa sociedade, sobretudo onde o território é fortemente marcado por edifícios devoluto e espaços vancantes, o que merece um olhar mais atento.

Com o pós-guerra foram diversas as estruturas militares que caíram em desuso e consequente abandono, resultando num vasto património histórico e artístico que deve ser alvo de projetos que os devolvam à cidade e à estima pública, resgatando-os da decadência em que se encontram.

Perante esta questão, o presente trabalho incide sobre a necessidade de reutilizar o património militar devoluto, com um grande potencial para a regeneração urbana e para o desenvolvimento de novas centralidades. O principal foco é o território da Trafaria, que apesar da importância histórica e do património militar que alberga, enfrenta problemas de integração na cidade e de envelhecimento da população residente, fatores que levam ao seu isolamento e degradação urbana.

Neste sentido, o projeto tem como finalidade a requalificação e consolidação da frente ribeirinha da Trafaria e a reabilitação do Forte da Trafaria através da inserção de novos usos, procurando atrair mais população para esta zona da cidade e potenciar o desenvolvimento sócio-económico local. Esta intervenção tem como fim a reintegração das estruturas militares na sua envolvente e na comunidade e, em simultaneamente, a valorização da memória e identidade do Forte Militar.

### **Palavras-chave:**

Forte Militar; Trafaria; Reabilitação; Limite Urbano; Centro de Artes



## Abstract

The rehabilitation of preexisting structures is an increasingly present theme in our society, especially where the territory is strongly characterized by vacant buildings and empty spaces that deserve a more attentive look.

With the post-war context, many were the military structures that fell in disuse and, consequently, in abandonment, resulting in a large range of historical and artistic patrimony which should be targeted by projects that return it back to the city and public respect, rescuing it from the decay it currently they currently face.

Taking this topic into account, the present work focuses in the necessity of reusing the vacant military heritage, that shows a big potential for the urban regeneration and for the development of new centralities. The main focus is Trafaria's territory that, besides its historic significance and the military heritage it holds, faces integration problems towards the city and also the aging of the population it shelters, factors that lead to urban isolation and degradation.

Thus, the project aims the requalification and consolidation of Trafaria's riverfront and the rehabilitation of Trafaria's Fort through the implementation of new uses, so as to attract new population to this part of the city, boosting the local socioeconomic development. This intervention aims the reintegration of the military structures in its surroundings and in the local community and, simultaneously, the military's fort valorization and memory.

### **Key-words:**

Military Fortress; Trafaria; Rehabilitation; Urban Limits; Arts Center



# Índice

RESUMO	VII
ÍNDICE	XI
ÍNDICE DE IMAGENS	XIII
<b>1  INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
1.1  Enquadramento Temático	2
1.2  Objetivos	4
1.3  Metodologia	5
<b>2  OS FORTES E O SEU VALOR CULTURAL</b>	<b>7</b>
2.1  Património Militar	9
2.1.1  Património Militar como parte do Património Cultural	11
2.2  Conservação do Património Militar	13
2.3  O Sistema Defensivo da Margem Sul	15
<b>3  A TRAFARIA E A DEFESA DE LISBOA</b>	<b>23</b>
3.1  Formação de um Território	25
3.2  Estruturas Militares na Trafaria	29
3.3  O Forte da Trafaria	35
3.3.1  Caraterização dos Espaços	42
<b>4  CASOS DE ESTUDO</b>	<b>51</b>
4.1  Museu San Telmo	53
4.2  Cidadela de Cascais	59
4.3  Faculdade de Artes e Arquitetura da Universidade de Évora	63
<b>5  UM CENTRO DE ARTES E TECNOLOGIAS</b>	<b>69</b>
4.1  Programa	71
4.3  Plano Urbano	73
4.3  Proposta Arquitetónica	76
<b>6  CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>85</b>
<b>7  BIBLIOGRAFIA</b>	<b>89</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>93</b>





## Índice de Imagens

01. Forte da Trafaria	XIX
Fotografia da autora	
02. Castelo de Almada após reparações de 1810	3
<a href="https://almada-virtual-museum.blogspot.com/search?q=defesa+de+lisboa">https://almada-virtual-museum.blogspot.com/search?q=defesa+de+lisboa</a>	
03. Carta Topográfica Militar da Península de Setúbal, 1813	16
Centro de cartografia FAUL	
04. Proposta de evolução das fortificações da Margem Sul	19
Desenho da autora	
05. Mapa de estudo das estruturas militares existentes sobre o território	20
Desenho da autora	
06. Um pescador da Trafaria, 1919	26
<a href="http://olhai-lisboa.blogspot.com/2010/11/pescador-da-trafaria.html">http://olhai-lisboa.blogspot.com/2010/11/pescador-da-trafaria.html</a>	
07. Trafaria, vista geral e Rio Tejo	27
<a href="https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2014/07/trafaria-e-cova-do-vapor-em-1946.html">https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2014/07/trafaria-e-cova-do-vapor-em-1946.html</a>	
08. Impacto do silos sobre a paisagem	28
Fotografia da autora	
09. Estruturas militares na Trafaria	30
Desenho da autora	
10. Torre de S. Sebastião vista do Rio Tejo	31
<a href="https://www.patrimonio.pt/post/2019/03/10/torre-velha-da-caparica-ou-a-desvalorização-do-património">https://www.patrimonio.pt/post/2019/03/10/torre-velha-da-caparica-ou-a-desvalorização-do-património</a>	
11. Conjunto do Forte da Trafaria	32
Fotografia da autora	
12. Bateria de Alpena	33
<a href="http://ruinarte.blogspot.com/2009/11/as-baterias-de-alpena-trafaria.html">http://ruinarte.blogspot.com/2009/11/as-baterias-de-alpena-trafaria.html</a>	
13. 1ª Bateria da Raposeira	33
Fotografia da autora	
14. Quartel do Grupo de Artilharia nº4, 1909	34
<a href="https://mar-da-costa.blogspot.com/2017/05/a-trafaria-em-1908.html">https://mar-da-costa.blogspot.com/2017/05/a-trafaria-em-1908.html</a>	
15. Planta do Forte da Trafaria, 1700-1900	35
Infraestruturas do Exército	

16. Planta do lugar da Trafaria 1793	37
Infraestruturas do Exército	
17. Presído Naval na Trafaria: planta 2º pavimento, 1910	39
Infraestruturas do Exército	
18. Proposta de estudo de evolução do Forte da Trafaria	40
Desenho da autoria	
19. Vista aérea do Forte da Trafaria	42
Autor desconhecido	
20. Aspeto atual da muralha do Forte	43
Fotografia da autora	
21. Vista da Praceta Porto de Lisboa e do Forte	43
Fotografia da autora	
22. Numeração do edificado	44
Desenho da autora	
23. Edifício 1 e 2 - antiga habitação dos oficiais	44
Autora: Mariana Rodrigues	
24. Edifício 3 - fachada da Igreja e dragoeiro	46
Autora: Mariana Rodrigues	
25. Edifício 3 - interiores	46
Fotografias da autora	
26. Edifício 4 - fachada do edifício das celas prisionais	46
Fotografias da autora	
27. Edifício 4 - interior do edifício e das celas	47
Fotografias da autora	
28. Edifício 5 - antigo refeitório e patamar	47
Fotografias da autora	
29. Edifício 6 - fachada e interiores	48
Fotografias da autora	
30. Edifício 6 - vista sobre o conjunto, edifício 3 e 5	48
Fotografias da autora	
31. Anexos	49
Fotografias da autora	
32. Edifício 7 - fachada principal	49
Fotografias da autora	
33. Relação entre o novo volume e a preexistência	53
<a href="https://www.dezeen.com/2011/06/18/san-telmo-museum-extension-by-nieto-sobejano-arquitectos/">https://www.dezeen.com/2011/06/18/san-telmo-museum-extension-by-nieto-sobejano-arquitectos/</a>	

34. Fachada principal do antigo convento dominicano	54
<a href="https://www.santelmomuseoa.eus/index.php?option=com_flexicontent&amp;view=items&amp;id=5200&amp;cid=1&amp;Itemid=23&amp;lang=en">https://www.santelmomuseoa.eus/index.php?option=com_flexicontent&amp;view=items&amp;id=5200&amp;cid=1&amp;Itemid=23&amp;lang=en</a>	
35. Relação entre o novo volume com a envolvente urbana e natural	56
<a href="https://www.dezeen.com/2011/06/18/san-telmo-museum-extension-by-nieto-sobejano-arquitectos/">https://www.dezeen.com/2011/06/18/san-telmo-museum-extension-by-nieto-sobejano-arquitectos/</a>	
36. Maquete do projeto do Museu de San Telmo	56
<a href="http://www.arch2o.com/san-telmo-museum-nieto-sobejano-arquitectos/arch2osan-telmo-museum-nieto-sobejano-arquitectos-34/">http://www.arch2o.com/san-telmo-museum-nieto-sobejano-arquitectos/arch2osan-telmo-museum-nieto-sobejano-arquitectos-34/</a>	
37. Fachada metálica com alguma vegetação	57
<a href="https://www.dezeen.com/2011/06/18/san-telmo-museum-extension-by-nieto-sobejano-arquitectos/">https://www.dezeen.com/2011/06/18/san-telmo-museum-extension-by-nieto-sobejano-arquitectos/</a>	
38. Conexões entre o edifício novo e antigo	57
<a href="https://www.dezeen.com/2011/06/18/san-telmo-museum-extension-by-nieto-sobejano-arquitectos/">https://www.dezeen.com/2011/06/18/san-telmo-museum-extension-by-nieto-sobejano-arquitectos/</a>	
39. Planta do piso térreo	58
<a href="https://www.dezeen.com/2011/06/18/san-telmo-museum-extension-by-nieto-sobejano-arquitectos/">https://www.dezeen.com/2011/06/18/san-telmo-museum-extension-by-nieto-sobejano-arquitectos/</a>	
40. Corte transversal	58
<a href="https://www.dezeen.com/2011/06/18/san-telmo-museum-extension-by-nieto-sobejano-arquitectos/">https://www.dezeen.com/2011/06/18/san-telmo-museum-extension-by-nieto-sobejano-arquitectos/</a>	
41. Conexão entre volumes	59
<a href="https://www.archilovers.com/projects/73904/cascais-citadel-hotel.html">https://www.archilovers.com/projects/73904/cascais-citadel-hotel.html</a>	
42. A Cidadela de Cascais antes da intervenção	60
<a href="https://www.goncalobyrbnearquitectos.com/citadel-of-cascais-home">https://www.goncalobyrbnearquitectos.com/citadel-of-cascais-home</a>	
43. Planta de cobertura	61
<a href="https://www.goncalobyrbnearquitectos.com/citadel-of-cascais-home">https://www.goncalobyrbnearquitectos.com/citadel-of-cascais-home</a>	
44. Pátio interior da Cidadela de Cascais	62
<a href="https://www.goncalobyrbnearquitectos.com/citadel-of-cascais-home">https://www.goncalobyrbnearquitectos.com/citadel-of-cascais-home</a>	
45. Relação da cobertura com a muralha	62
<a href="https://www.goncalobyrbnearquitectos.com/citadel-of-cascais-home">https://www.goncalobyrbnearquitectos.com/citadel-of-cascais-home</a>	
46. Cobertura que envolve o pátio principal	63
<a href="http://ilobo.pt/Leões.html">http://ilobo.pt/Leões.html</a>	
47. Vista aérea da Fábrica dos Leões	64
<a href="http://ilobo.pt/Leões.html">http://ilobo.pt/Leões.html</a>	
48. Axonometria ‘subtração, reutilização e adição’	65
<a href="http://ilobo.pt/Leões.html">http://ilobo.pt/Leões.html</a>	

49. Pátio principal	66
<a href="http://ilobo.pt/Leões.html">http://ilobo.pt/Leões.html</a>	
50. Relação entre o novo e o preexistente	67
<a href="http://ilobo.pt/Leões.html">http://ilobo.pt/Leões.html</a>	
51. Oficinas de artes	67
<a href="http://ilobo.pt/Leões.html">http://ilobo.pt/Leões.html</a>	
52. Proposta urbana	72
Desenho da autora	
53. Axonometria - Edificado demolido	76
Desenho da autora	
54. Axonometria - Edificado reabilitado	77
Desenho da autora	
55. Axonometria - Edificado construído	79
Desenho da autora	
56. Planta Piso 0	81
Desenho da autora	
57. Axonometria - Circulação horizontal e vertical	82
Desenho da autora	
58. Cortes	83
Desenho da autora	







01. Forte da Trafaria (Fotografia da autora)





# 1 | INTRODUÇÃO

## 1.1| ENQUADRAMENTO TEMÁTICO

Desde a Antiguidade que a cidade de Lisboa teve a necessidade de se defender, quer através das suas sólidas muralhas, quer através das suas fortificações. Sendo uma cidade de estuário e ponto estratégico para as principais rotas comerciais da Europa, viu desde cedo a importância na defesa do Tejo, uma necessidade constante ao longo da sua história que levou à construção de inúmeras estruturas militares.

A margem sul desempenhou um papel fundamental no sistema defensivo da barra, tendo sido levantadas fortificações em locais estratégicos com o objetivo de controlar as zonas propícias à entrada e ao desembarque das forças inimigas. A evolução do armamento e as diferentes necessidades de cada época, construindo e reconstruindo, levou a que as estruturas fossem sendo adaptadas.

Com o fim dos cenários de guerra estas fortificações foram gradualmente desocupadas, perdendo a sua utilidade e importância em torno das cidades urbanizadas que se iam desenvolvendo, resultando num vasto património arquitetónico e artístico, onde grande parte foi entregue à sua sorte. Atualmente, parte destas estruturas encontram-se abandonadas e num avançado estado de decadência e ruína, à espera de serem resgatadas.

Pontos marcantes da paisagem urbana, que guardam em si parte da nossa história e identidade, têm vindo a ser recuperados pela cidade contemporânea, existindo alguns (mas poucos) projetos de (re)apresentação de reutilização e de (re)apropriação pela cidade do seu património militar<sup>1</sup>. A necessidade de revitalizar e conservar a memória destes locais é fundamental, podendo resolver-se através da inserção de novos usos e da devolução destas estruturas à cidade e à estima pública.

---

<sup>1</sup> Aguiar, José; Pacheco, Pedro (2019) *Construir no (e com o) Construído: Lisboa, Construir no (e com o) Construído: Reabilitar o Património Militar, Desenhar Novas Centralidades* Lisboa, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

O presente trabalho desenvolve uma reflexão sobre a urgência e necessidade de conservação do património militar, em particular na margem sul do Tejo, assim como a análise do território da Trafaria enquanto potencializador de uma nova centralidade, que requer uma requalificação do seu espaço público e de equipamentos que dinamizem e sirvam de catalizadores para o seu desenvolvimento.

O projeto incide sobre o antigo Forte da Trafaria, na sua reabilitação e reconversão, adquirindo uma nova função capaz de preservar e conservar a memória deste espaço e dos seus valores, relacionando-o com o espaço público e com a comunidade. A frente ribeirinha da Trafaria também é objeto de intervenção, como peça que dá continuidade ao antigo Forte, requalificando todo o percurso da marginal junto à praia e na zona junto aos silos, entendidos como parte degradante da paisagem.



02. Castelo de Almada após reparações de 1810 (Autor: Pierre Eugène Aubert)

## 1.2| OBJETIVOS

O desenvolvimento deste trabalho passa pela reabilitação do conjunto arquitetónico que constitui o Forte da Trafaria, através da sua adaptação a uma nova funcionalidade que responde às carências do local, resultando numa proposta de reabilitação e requalificação urbana e do objeto. Como principais objetivos teóricos e práticos, propõe-se:

- Compreender o valor e a importância do património militar na sociedade, como forma de preservar a memória e história da nossa nação para as gerações futuras
- Desenvolver uma proposta urbana focada na reabilitação do Forte da Trafaria e na requalificação da zona envolvente da faixa ribeirinha, transformando-o num ponto de referência enquanto peça histórica e cultural deste território
- Inserir um novo programa no conjunto edificado do Forte da Trafaria, que seja capaz de atrair novas faixas etárias, promovendo a sua fixação neste território, visando contrariar o envelhecimento da população residente e promover o desenvolvimento socio-económico
- A criação de um equipamento educacional e cultural adaptado às preexistências e novos espaços de lazer e estadia abertos à população, permitindo o acesso público à história e memória do local

## 1.3| METODOLOGIA

Este trabalho desenvolveu-se numa componente teórica e prática, realizadas em paralelo e ao longo de diversas fases que incluíram a contextualização temática, a nível teórico e histórico, a análise de referências e o desenvolvimento de uma proposta urbana e arquitetónica. Estas fases podem definir-se por:

- Consulta de bibliografia relevante para entender os conceitos e ideias base das temáticas abordadas sobre património militar, bem como o processo de reabilitação e reutilização
- Recolha e análise de cartografia e documentação histórica sobre a evolução do sistema defensivo da margem sul do Tejo, analisando posteriormente a importância do território da Trafaria na defesa, assim como as estruturas existentes atualmente
- Análise do território e do lugar através da análise de cartografia histórica e documentação, levantamento fotográfico e visita ao terreno, permitindo perceber qual o seu estado atual, potencialidades e relação com a envolvente
- Escolha de alguns casos de referência, estudando diferentes abordagens para a problemática arquitetónica e programática, que permitam fundamentar as opções de projeto
- Reflexão sobre as análises do tema e do lugar, entendendo quais as carências e potencialidades do local, definindo os conceitos que poderão ser aplicados na proposta arquitetónica
- Desenvolvimento de um programa, com base na reflexão crítica e dando resposta às carências reconhecidas, e uma proposta urbana como o objetivo de requalificar o território e o lugar
- Elaboração de uma proposta arquitetónica, tendo em consideração as análises efetuadas e os objetivos descritos, realizada através de desenhos técnicos/esquícios, modelos tridimensionais e maquetes



## 2|

## OS FORTES E O SEU VALOR CULTURAL

*“Património é tanto a obra-de-arte, a ruína, o objecto-construção, a arquitectura de um edifício (o monumento clássico), como o lugar-ambiente, os núcleos urbanos a que (mal) chamamos centros históricos, ou seja, a cidade antiga e a cidade consolidada. É património o território e a paisagem humanizada, enquanto arquitecturas de vasta escala, ou seja, organizações voluntárias do espaço feito por (e portadoras dos valores dos) homens. É também património (intangível) o saber que permitiu projectar, construir, manter ou alterar.”<sup>1</sup>*

José Aguiar

---

<sup>2</sup> Citado por: Silva, Gastão de Brito e (2014) *Portugal em Ruínas* Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos (p. 9)



## 2.1| PATRIMÓNIO MILITAR

Ao longo dos tempos o conceito de património evoluiu, ganhou importância e gerou diversas opiniões sobre quais os critérios que mais se adequavam a um dado objeto para que este fosse ou não abrangido por esta caracterização.

De acordo com François Choay<sup>3</sup>, o património é entendido como um bem destinado a um aglomerado populacional caracterizado por uma diversidade de objetos pertencentes a um passado comum.

O aparecimento desta ideia de conservação dos objetos e dos seus valores surge no contexto religioso (altura em que os objetos conservados eram apenas os monumentos), apesar de na sua origem não estar a intenção de conservar o objeto arquitetónico na sua componente material, mas sim o que este representava, o lugar de culto.

Esta ideia começou a suscitar interesse na sociedade levando ao início de estudos sobre a conservação e preservação dos edifícios, enquanto monumentos históricos e artísticos, que acabou por resultar num primeiro documento que estabeleceu princípios e critérios aplicáveis à conservação do património, a Carta de Atenas de 1931.

O problema em torno desta excessiva valorização com o edificado do passado é a criação de cidades museu, excluindo que a cidade é um órgão em constante mutação e evolução, além da sua preocupação apenas com o património enquanto objeto físico.

---

<sup>3</sup> Choay, Françoise (2001) *Alegoria do Património* Edition. Ed.: Estação Liberdade

Contudo, depois da 2ª Guerra Mundial, a necessidade de recuperar as cidades levou à revisão dos princípios e critérios defendidos em na Carta, por diversos teóricos. Destes destaca-se Cesare Brandi e Roberto Pane, referindo que “o essencial da crítica (...) às anteriores teorias de conservação centrou-se na sobrevalorização dos aspectos históricos relativamente aos aspectos artísticos”<sup>4</sup>.

Este novo pensamento resultou num novo documento, a Carta de Veneza de 1964, que ainda hoje se encontra válida. A reestruturação dos princípios e critérios resultou numa nova definição do conceito de monumentos históricos, descrito do 1º artigo da carta, passando não só a englobar as criações arquitetónicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos e rurais que testemunhem uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico, não só às grandes criações mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural<sup>5</sup>.

Através da evolução dos princípios e critérios, podemos entender que o conceito de património é indissociável da cidade, fazendo parte da sua identidade, das suas histórias e do meio onde se encontra, não podendo ser apenas reconhecida nos seus valores materiais, mas sim no equilíbrio entre materiais e imateriais<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup>Aguiar, José (2002) *Cor e Cidade Histórica: Estudos Cromáticos e Conservação do Património*. 1ª edição. Porto, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (p.58)

<sup>5</sup> Carta de Veneza (1964)

<sup>5</sup> Carta de Veneza (1964) artg. 3 e artg. 7

### 2.1.1| PATRIMÓNIO MILITAR COMO PARTE DO PATRIMÓNIO CULTURAL

O património militar, apesar de pouco explorado, enquadra-se no conceito de património cultural, no qual a Lei de Bases do Património cultural integra “todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural, devem ser objeto de especial proteção e valorização”<sup>6</sup>.

Neste caso, enquadram-se os valores materiais e imateriais em que Lidia Klupsz<sup>7</sup> define como lugares do património militar e o espírito dos lugares de património militar (*genius loci*). É importante definir que, o espírito do lugar pode existir apenas por si só, não necessitando de um bem material para existir, enquanto que o inverso não acontece.

Os lugares do património militar, enquanto valor material (construído), podem ser divididos em três grupos: estruturas, paisagens e monumentos comemorativos. Podendo assumir que o conceito de fortificações, num sentido amplo, engloba o grupos das estruturas e paisagens que António Nunes define como, “um conjunto de edifícios, estruturas, trabalhos e obras de defesa militar numa vasta área, castelos, fortes e fortalezas, como ainda as obras de valorização do terreno para fins defensivos, como armadilhas, covas de lobo, paliçadas, fossos, remoção de terras e outras”<sup>8</sup>. Nos monumentos comemorativos enquadram-se os memoriais e cemitérios de guerra, trofeus, cenotáfios, entre outras marcas ou placas memorativas.

---

<sup>6</sup> Procuradoria Geral-Distrital de Lisboa (2001?) Lei de Bases do Património Cultural – Lei nº 107/2001, de 08 de Setembro [online] disponível em: [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=844&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=844&tabela=leis) (consultado a 04/01/2019)

<sup>7</sup> Klupsz, Lidia (2008) *The Spirit of Military Heritage Places*. In: 16th ICOMOS General Assembly and International Symposium: 'Finding the spirit of place - between the tangible and the intangible', 29 set - 4 oct 2008, Quebec, Canada

<sup>8</sup> Nunes, António (2005) *Dicionário de Arquitectura Militar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, (p.119)

O espírito dos lugares do património militar, enquanto valor imaterial, corresponde normalmente aos acontecimentos históricos associados às guerras e batalhas, mas também à glória das nações que aí se vivenciaram<sup>9</sup>. Este *Genius Loci*<sup>9</sup>, fala sobre a atmosfera dos lugares, construídos ou não construídos, onde habita a identidade daquilo que constitui o nosso património militar.

No que diz respeito à origem deste património arquitetónico, dado que desde o início das civilizações houve interesses territoriais e uma necessidade de proteger os impérios, não existem “balizas estanques ou terminantes”<sup>10</sup>. Sabe-se que no período românico houve um grande interesse e dedicação na construção de castelos e que, a cerca urbana que normalmente circundava o núcleo principal das cidades era construída aproveitando elementos de períodos anteriores, como o romano e árabe.

Hoje é possível percorrer o nosso território e encontrar diversos vestígios da arquitetura militar portuguesa referente aos diferentes períodos, tanto em locais rurais como no centro das cidades, consequência dos longos conflitos militares, tanto para conquistar como para defender. Apesar de algumas destas obras terem sido alvo de alterações, principalmente após as Invasões Francesas e pela DGEMN no século XX, podendo coexistir diferentes períodos num só, este conjunto de fortificações resulta das adaptações realizadas face às mudanças de estratégia, da evolução do armamento e da arte de sitiar, fazendo parte da nossa história e memórias, traduzem aquilo que é a evolução das fortificações em Portugal<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> Klupsz, Lidia (2008) *The Spirit of Military Heritage Places*. In: 16th ICOMOS General Assembly and International Symposium: 'Finding the spirit of place - between the tangible and the intangible', 29 set - 4 oct 2008, Quebec, Canada

<sup>9</sup> Petzet, Michael (2008) *Genius Loci - The Spirit of Monuments and Sites*. In: 16th ICOMOS General Assembly and International Symposium: 'Finding the spirit of place - between the tangible and the intangible', 29 set - 4 oct 2008, Quebec, Canada

<sup>10</sup> Noé, Paula (2014) *Guia de Inventário: Fortificações Medievais e Modernas*. Sacavém, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU) (p. 5)

## 2.2| CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO MILITAR

Ao longo do nosso território existem inúmeras fortificações, da Idade Média e Moderna, que se tornaram peças marcantes e características das nossas paisagens urbanas e rurais, contribuindo para um vasto património arquitetónico e artístico<sup>11</sup>. Enquanto parte da nossa memória e das nossas vivências, o património militar acumula uma forte carga simbólica associada a factos da história, que devem ser conservados na sua componente material e imaterial.

A arquitetura militar, enquanto componente material, integra-se no conceito de património arquitetónico que, de acordo com o IHRU, é entendido “pelo conjunto das estruturas físicas (os edifícios ou estruturas construídas e seus componentes, os núcleos urbanos e seus componentes, as paisagens e seus componentes) às quais determinado indivíduo, comunidade ou organização reconhece, num dado momento histórico, interesse cultural e ou civilizacional, independentemente da natureza dos valores em que esse interesse radique, designadamente: valor arquitetónico (artístico, construtivo, funcional), valor histórico ou documental, valor simbólico e valor identitário.”<sup>12</sup>

Enquanto parte significativa do nosso património e cada vez mais reconhecido pela população em geral, deve ser reintegrado na nossa sociedade através da salvaguarda dos seus valores e na sua transmissão às gerações futuras. A possibilidade da sua reutilização e adaptação a novos usos, como modo de preservação da memória e a identidade do lugar, através do processo de reabilitação.

---

<sup>11</sup> Aguiar, José; Pacheco, Pedro (2019) *Construir no (e com o) Construído: Lisboa, Construir no (e com o) Construído: Reabilitar o Património Militar, Desenhar Novas Centralidades* Lisboa, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (p.4)

<sup>12</sup> IHRU, IGESPAR (2010) *Património Arquitectónico - Geral*. (Kits património nº1, versão 2.0) [online] disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/DATA\\_SYS/STUDYandDOCUMENTS/NORMAL/KIT01.pdf](http://www.monumentos.gov.pt/Site/DATA_SYS/STUDYandDOCUMENTS/NORMAL/KIT01.pdf) (p.8)

O património arquitetónico militar constituiu uma parte significativa do nosso território, faz parte do testemunho identitário e representa um enorme valor, no entanto, enquanto património construído, a sua fragilidade em função do tempo é inevitável, sendo por isso, necessário criar esforços para que estes não se tornem apenas memórias enquanto é tempo.

As estruturas militares foram perdendo utilidade com o avançar do tempo, muitas delas entregues ao abandono encontram-se em tal estado de degradação que em breve deixam de ser recuperáveis e passam a ser «não-lugares sem memória», podendo isto levar à sua destruição e consequentemente ao desaparecimento da história.

Enquanto peças marcantes do nosso território, foram adquirindo uma grande importância histórica e simbólica, devendo ser desenvolvidos projetos que potenciem o seu valor e que permitam a sua devolução à cidade através da sua reutilização e adaptação a novos usos.

Nas últimas décadas têm-se realizado esforços para combater este panorama de degradação patrimonial através da reutilização e conservação dos monumentos, no entanto, como refere José Aguiar, uma das críticas geradas é devido à “a imposição de programas funcionais demasiado pesados para os monumentos” e muito pouco desejáveis para a salvaguarda dos valores presentes e das suas características específicas. Pois, quase inevitavelmente, ocorre estes edifícios serem utilizados para o contexto hoteleiro, na construção de pousadas e mais recentemente hotéis de luxo.

Estes usos muitas vezes, por se tornarem incompatíveis devido às suas exigências programáticas, não permitem salvaguardar a autenticidade arquitetónica e construtiva de muitas das estruturas antigas, acabando por deixar pouca margem de reversibilidade devido ao nível de intrusão.

Por isso, num processo de reabilitação deve-se optar pelo conceito de intervenção mínima, para que os valores e características possam ser lidos por qualquer indivíduo e que, os programas sejam capazes de se adaptar à preexistência e não o inverso.

## 2.3| O SISTEMA DEFENSIVO DA MARGEM SUL

Desde a Antiguidade que a cidade de Lisboa e o estuário do Tejo tiveram uma grande importância devido à sua posição privilegiada no centro da Europa, tornando-se num dos principais pontos de passagem das rotas comerciais. A ambição dos restantes povos relativamente à conquista da cidade despertou a necessidade de desenvolver um sistema defensivo, que conferiu inevitavelmente um papel de grande importância estratégica à margem sul, onde se levantou diversas fortificações ao longo dos séculos.

A militarização deste território pode resumir-se essencialmente em cinco épocas, compreendidas entre o domínio árabe e o início do século XX.<sup>13</sup>

A primeira, desde o domínio árabe ao século XIV, caracteriza-se pela primeira ocupação militar neste território com a construção do castelo árabe de Almada. Situada junto à margem do rio, o seu principal objetivo era a proteção da vila, no entanto a sua posição favorecida demonstrou ser um ponto importante para a defesa da capital e do Tejo. Após a sua construção, fortificação de caráter duradouro, outras foram edificadas destinando-se apenas à defesa do estuário, tendo um caráter provisório, localizaram-se na sua maioria junto à faixa ribeirinha, percorrendo a margem desde Almada à Trafaria.<sup>14</sup>

A segunda, decorrida durante o século XV e XVI, assinalada pela invasão espanhola de 1580 que tinha a necessidade de defender a cidade do exército vizinho. Na margem sul foram erigidas duas fortificações, a primeira foi a Torre de S. Sebastião, construída para posteriormente defender o Tejo em conjunto com a Torre de Belém e o Forte da Banática.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> Sousa, R. H. Pereira (1981) *Fortalezas de Almada e seu Termo*. Almada, Arquivo Histórico da Câmara Municipal (pp. 9-10)

<sup>14</sup> Ibidem (pp. 8-9)

<sup>15</sup> Ibidem (p. 19)

A terceira, durante o século XVI e XVII, foi marcada pela Guerra da Restauração, período em que houve uma necessidade de reforçar a defesa marítima na margem sul contra os espanhóis. Nesta altura foram construídos três fortes (Forte da Fonte da Pipa, da Trafaria e da Vigia), reedificou-se o Forte de Santa Luzia e a Torre de S. Lourenço e também, elaboraram-se obras de melhoramento e a ampliação da Torre de S. Sebastião e do Forte de Almada.<sup>16</sup>

A quarta, remete à primeira metade do século XIX, caracterizada pela época de maior militarização da margem sul devido à importância que o Tejo assumiu com a Guerra Peninsular e, posteriormente, a Guerra Civil.

Durante as invasões francesas constatou-se que havia uma insuficiência de fortificações para a defesa do porto de Lisboa, procedendo-se então ao reforço das estruturas, foi autorizado que se construísse quatro novas baterias na margem sul, embora apenas uma se tenha vindo a realizar; a bateria alta da Trafaria.<sup>17</sup>



03. Carta Topográfica Militar da Península de Setúbal, 1813  
(Autor: João Maria das Neves Costa)

<sup>16</sup> Sousa, R. H. Pereira (1981) *Fortalezas de Almada e seu Termo*. Almada, Arquivo Histórico da Câmara Municipal (pp. 23-26)

<sup>17</sup> Ibidem (pp. 27-28)



No decorrer da terceira invasão francesa, o comandante britânico Wellesley, mandou construir uma nova linha de defesa em ambas as margens do rio, antecipando-se com o intuito de impedir que as tropas francesas entrassem na barra do Tejo. Na margem sul foram construídas duas linhas, ao longo da faixa ribeirinha desde o Monte de Paliarte ao Monte da Raposeira, compostas por 21 fortificações de campanha, à excepção do castelo de Almada que foi adaptado para o efeito.<sup>18</sup>

Com o fim da Guerra Peninsular estas fortificações foram abandonadas, não havendo qualquer preocupação na sua conservação, o que levou ao desaparecimento de algumas destas com o passar do tempo. No entanto, como se irá verificar adiante, algumas voltaram a ser utilizadas durante os confrontos liberais.

No contexto da Guerra Civil, altura em que o país se encontrava dividido entre liberais e miguelistas, a defesa do Tejo mostrou-se vulnerável devido ao desinteresse de alguns militares (liberais) em combater, evidenciando-se quando ocorreu um “forçamento” por parte das tropas francesas para entrar no estuário. Esta fragilidade tornou determinante um novo reforço das estruturas, efetuando-se o melhoramento das fortificações existentes, do decorrer das invasões francesas, construiu-se duas novas baterias marítimas e novos fortes de carácter provisório, que não se conservaram.<sup>19</sup>

Em 1834, com a vitória liberal e a tomada de Lisboa, foram diversas as precauções tomadas para proteger a capital, realizando-se a construção de uma nova linha fortificada na margem sul, desde o Paliarte à Margueira, com o objetivo de cortar o acesso a Almada e Cacilhas.<sup>20</sup>

Por fim, a quinta corresponde ao fim do século XIX e início do século XX, época em que houve um grande progresso na artilharia, principalmente no alcance de tiro, que colocou a cidade de Lisboa numa posição desfavorável, dada a pouca utilidade das fortificações e a sua incapacidade de defesa além da barra.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> Sousa, R. H. Pereira (1981) *Fortalezas de Almada e seu Termo*. Almada, Arquivo Histórico da Câmara Municipal (pp. 31-32)

<sup>19</sup> Ibidem (p. 32-35)

<sup>20</sup> Ibidem (p. 44-45)

<sup>21</sup> Ibidem (p. 52)

Levantando-se uma nova necessidade militar, mandou-se construir duas novas baterias no Monte da Raposeira viradas para a costa atlântica; a Bateria de Alpena e a Bateria da Raposeira. As restantes fortificações acabaram por perder importância e a única construção significativa passou a ser o Quartel Militar de Artilharia nº4 da Trafaria, que servia de apoio às baterias.<sup>22</sup>

O último reforço na fortificação militar ocorreu durante a 2ª Guerra Mundial, ao instalar-se baterias anti-aéreas em algumas estruturas preexistentes; Forte do Pragal, Murfacém e Raposeira, embora posteriormente tenham sido retiradas.

Chegado o fim dos cenários de guerra, o castelo de Almada foi a única estrutura que se manteve artilhada, à excepção clara das baterias de Alpena e Raposeira, onde atualmente ainda encontramos vertígios dessas peças.<sup>23</sup>

O sistema de defesa da margem sul surge como resultado das adaptações e necessidades militares ao longo das épocas, apesar do seu papel secundário na proteção da cidade face à margem norte, acabou por influenciar o modo como os movimentos militares decorreram.<sup>24</sup>

Consequência da nossa histórica de defesas e conquistas, temos um território marcado pelas fortificações militares. Apesar de muitas delas terem sido demolidas devido à sua inutilidade, outras encontram-se presentes na nossa envolvente à espera de serem resgatadas da decadência em que se encontram, pois representam parte da história.

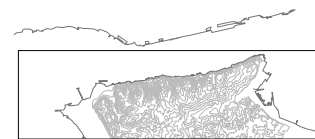
---

<sup>22</sup> Sousa, R. H. Pereira (1981) *Fortalezas de Almada e seu Termo*. Almada, Arquivo Histórico da Câmara Municipal (p. 52)

<sup>23</sup> Ibidem (p. 53)

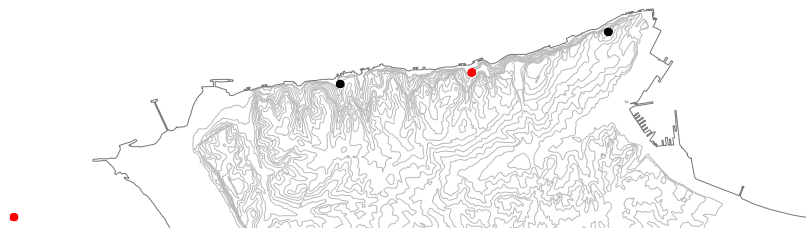
<sup>24</sup> Ibidem (p. 10)

Século XV

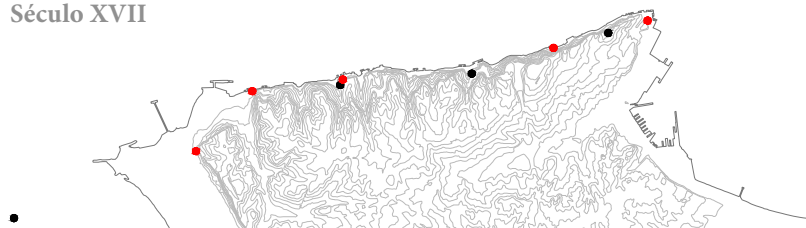


- Construído
- Existente
- Outras estruturas militares

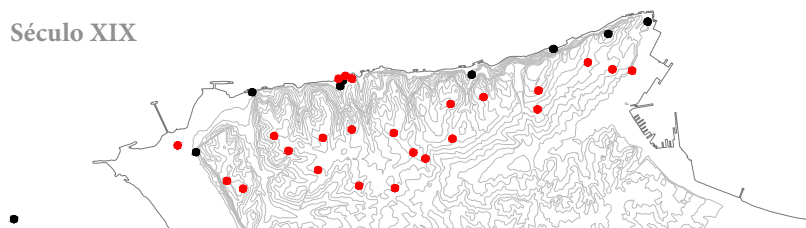
Século XVI



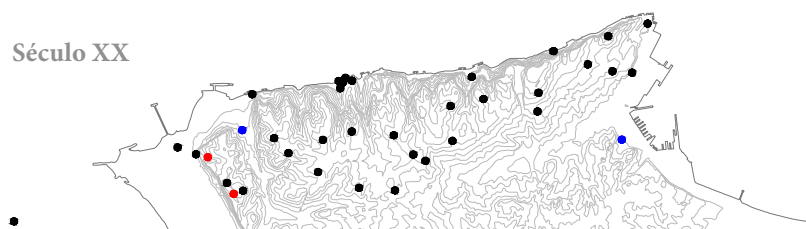
Século XVII



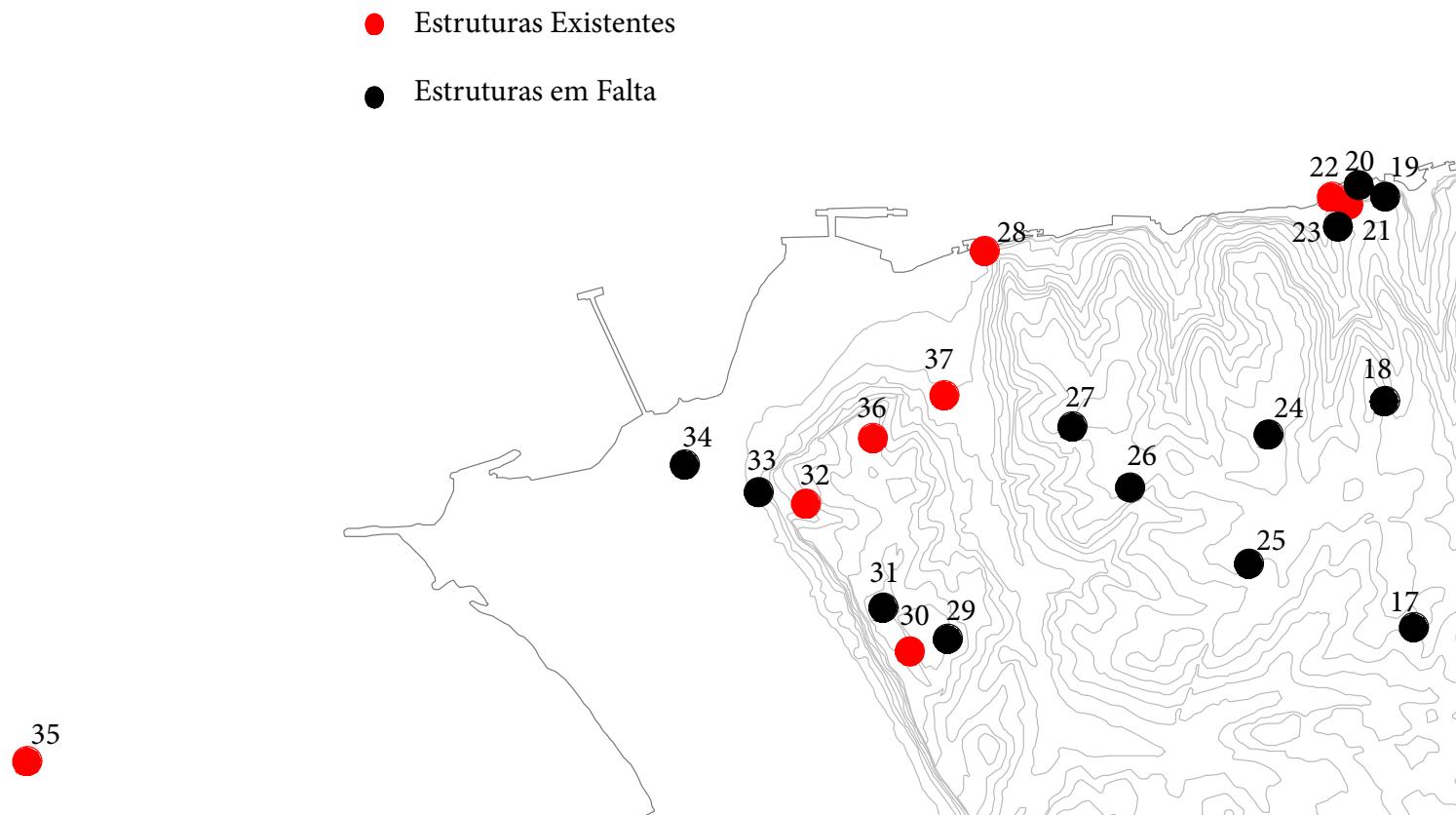
Século XIX



Século XX



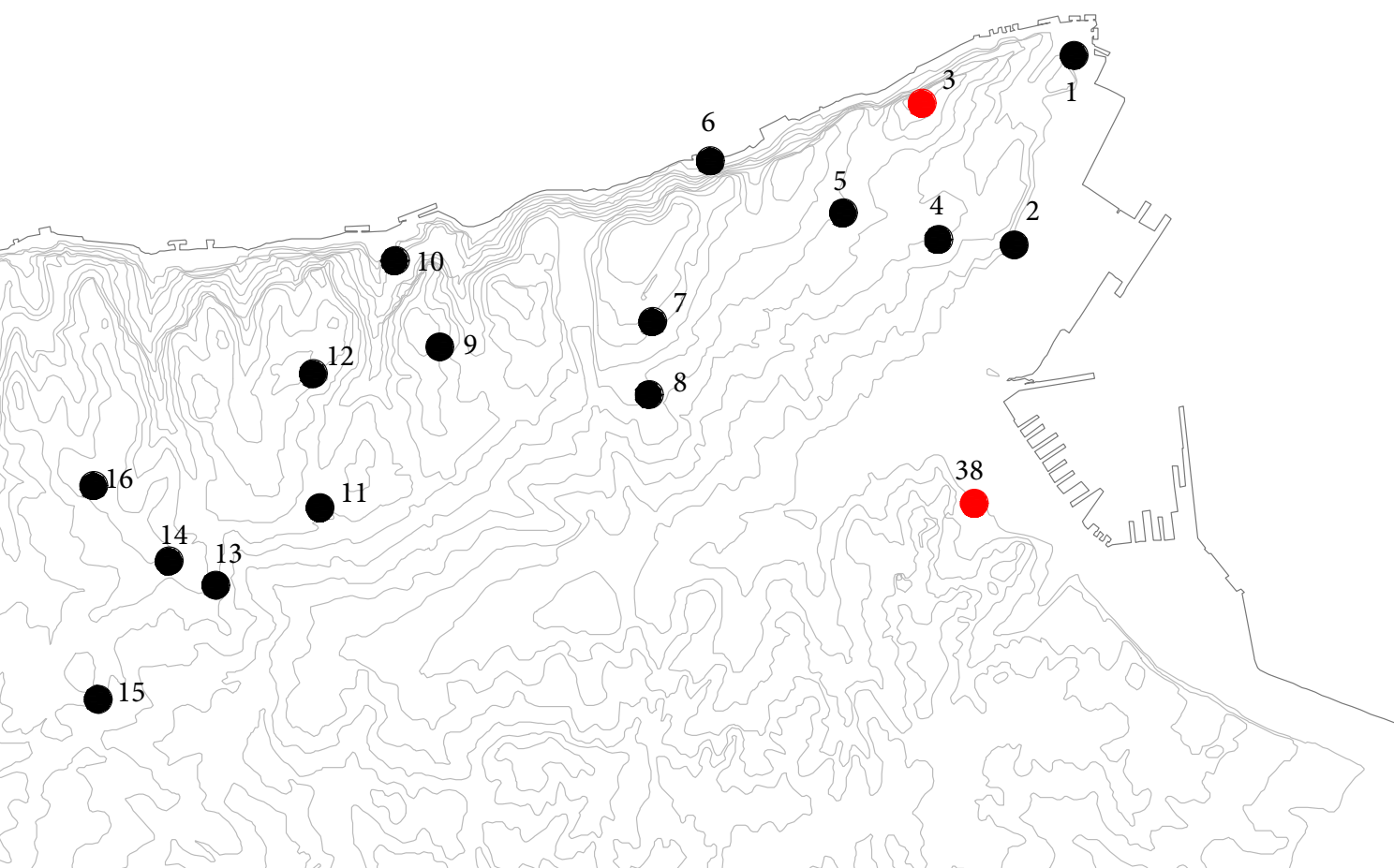
04. Proposta de evolução das fortificações da Margem Sul (Desenho da autora)



05. Mapa de estudo das estruturas militares existentes sobre o território (Desenho da autora)

## LEGENDA

- |                                      |                             |
|--------------------------------------|-----------------------------|
| 1 - Forte de Santa Luzia             | 10 - Forte da Banática      |
| 2 - Forte da Margueira               | 11 - Forte do Bicheiro      |
| 3 - Castelo de Almada                | 12 - Forte do Raposo        |
| 4 - Forte do Conde                   | 13 - Forte do Melo          |
| 5 - Forte de S. Sebastião            | 14 - Forte do Prior         |
| 6 - Forte da Fonte da Pipa (Arealva) | 15 - Forte do Pombal        |
| 7 - Forte do Pragal                  | 16 - Forte da Granja        |
| 8 - Forte de Armeiro Mor             | 17 - Forte de Possolos      |
| 9 - Forte de Palença                 | 18 - Forte de Castelo Picão |
|                                      | 19 - Bateria 30 de Junho    |



20 - Bateria do Porto Brandão  
 21 - Torre Velha (2ª do nome)  
 22 - Bateria da Paulina  
 23 - Torre Velha (1ª do nome)  
 24 - Forte de Montenhoso  
 25 - Forte de Pera de Cima  
 26 - Forte do Guedes  
 27 - Forte de Murfacém  
 28 - Forte da Trafaria

29 - Forte da Raposeira Grande e 2º Forte de Alpena  
 30 - Baterias de Alpena modernas  
 31 - Forte da Raposeira Pequena, da Raposeira e 1ª de Alpena  
 32 - 2ª Baterias da Raposeira moderna  
 33 - Forte da Vigia  
 34 - Bateria do Torrão  
 35 - Torre do Bugio (Torre de S. Lourenço)  
 36 - 1ª Bateria da Raposeira moderna  
 37 - Quartel do Grupo de Artilharia nº4  
 38 - Base Naval da Marinha de Alfeite



# 3|

## A TRAFARIA E A DEFESA DE LISBOA

*“A história da cidade é a história da civilização”*

Aldo Rossi

---

<sup>25</sup> Rossi, Aldo (2016) *A Arquitetura da Cidade* Lisboa: Edições 70



### 3.1| FORMAÇÃO DE UM TERRITÓRIO

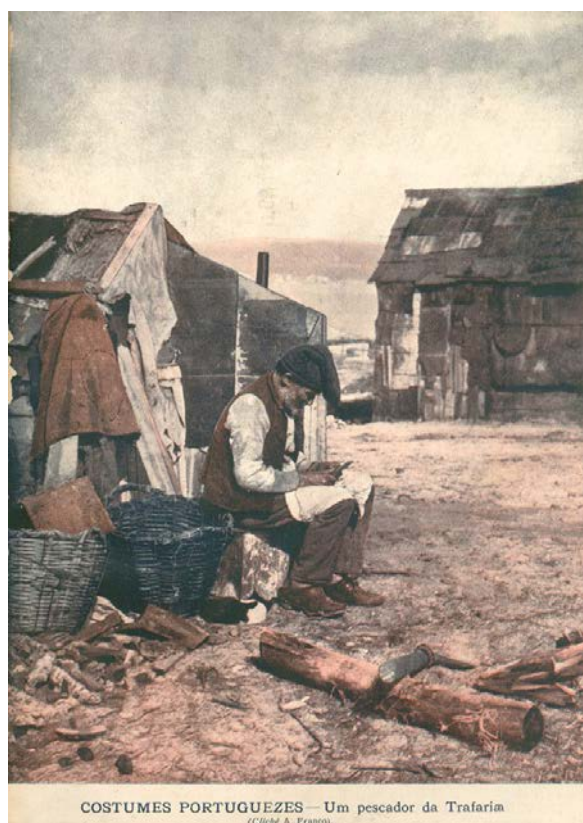
Localizado a noroeste do concelho de Almada, entre o rio e arribas de vertentes inclinadas, a Trafaria surge como um lugar extremo do Tejo, onde este e o mar se encontram, caracterizada por longos areais, alguma vegetação e uma ribeira que desaguava no rio, designada Ribeira da Enxurrada.

Conhecido por ser um local afastado e relativamente pouco povoado, com condições climáticas agradáveis e com uma grande facilidade e rapidez no acesso fluvial, mostrou ser o local ideal para no século XVI o Cardeal D. Henrique mandar construir um lazareto. Os terrenos da Trafaria iniciam assim “fama” de local de depósito daquilo que era indesejável na capital, desde mercadorias a indivíduos viajante de outros locais, de onde poderiam trazer doenças, onde estes ficavam a assoalhar algum tempo.

O movimento gerado em torno do lazareto impulsiona a formação de um pequeno povoado que se foi estabelecendo, intensificando-se mais tarde quando foi construído um forte militar

Até ao século XIX grande parte da economia local era proveniente das quintas existentes nas encostas de Murfácem e da Raposeira, que limitam o território da Trafaria a este e oeste, onde estava estabelecida grande parte da população que se dedicava a atividades como a produção de vinhas, cereais, árvores de fruto, hortas e madeira.

A localização estratégica dentro do contexto militar levou à necessidade de ocupação desses terrenos, onde se iriam construir as novas baterias militares, o que conduziu as pessoas à procura de novos locais onde se estabelecer, encontrando novas formas de subsistência local. A proximidade com o rio levou a que o foco rapidamente se virasse para a economia marítima, atividade que ainda hoje é referência neste local.



06. Um Pescador da Trafaria, 1919 (Autor desconhecido)

Apesar de nesta altura a pesca assumir um papel importante, anteriormente já alguns pescadores do norte e sul do país vinham passar aqui algumas temporadas, acabando também por se fixar. Com a transferência da atividade rural para o litoral do Tejo, inicia-se assim o dinamismo da atividade piscatória neste território.

Durante o século XVIII inicia-se uma Trafaria como local de habitação e com alguma economia local que se intensificou com a atividade marítima, a transição do interior para a zona ribeirinha e também com a implantação da função de presídio no conjunto do lazareto.

As condições dos terrenos, principalmente quando estes alagavam e as águas ficavam estagnadas, conferiu um problema para a saúde pública, pois a presença do lazareto com indivíduos e mercadorias possivelmente contaminadas demonstrava-se uma ameaça. Esta situação levou à necessidade de abrir uma vala para que as águas escoassem.

Nos finais do século XIX, a Trafaria inicia um novo período de expansão enquanto estância balnear. Começa a ser frequentada por uma população “distinta” e de alto estatuto, abandonando a má fama que tinha até então, levando ao crescimento do número de habitações, geralmente para passar as épocas de banhos, construídas junto das mais modestas dos pescadores.

Este movimento levou à criação de diversos clubes e associações recreativas para satisfazer as necessidades sociais da população, levando também ao aumento do movimento do porto de pesca, tornando-se dos mais movimentados no início do século XX.

O melhoramento das vias de acesso às praia da Costa da Caparica durante a década de 40 do século XX, que obrigaram ao desaparecimento do pântano do Juncal, tornaram a comunicação mais rápida e segura. Esta intervenção teve um grande impacto no desenvolvimento da Trafaria, pois a população começa a frequentar as praias do atlântico por serem mais atrativas e de fácil acesso, levando a um longo período de estagnação.

A pequena praia do Tejo deixa de ser opção para as épocas balneares e começa então a tornar-se um local de residência para quem trabalha na capital ou na indústria da margem sul, adquirindo a fama de zona dormitório da cidade.



07. Trafaria, vista geral e Rio Tejo (Autor: Martins & Silva)

Ainda no século XIX, associado à atividade piscatória, surgem as primeiras fábricas dedicadas à produção de azeite de sardinha. Mais tarde, é instalado no conjunto do forte-presídio uma seca de bacalhau, que acabou por cessar funções para albergar uma fábrica de adubo, que também acabou por ser encerrada posteriormente pelo Conselho de Saúde Pública.

Ao todo existiam três fábricas dedicadas à conserva de peixe e uma fábrica de dinamite, embora tenham gradualmente sido encerradas, encontrando-se todas desativadas nos anos 60 devido à falta de mão de obra local e de conhecimentos suficientes para gerir a unidade fabril.

Posteriormente, na década de 80 do século XX, instala-se o complexo industrial de armazenamento de cereais num aterro que contribuiu para a alteração e consequentemente degradação da paisagem da Trafaria, que atualmente ainda existe e marca uma forte presença na imagem da cidade.



08. Impacto dos silos sobre a paisagem (Fotografia da Autora)

### 3.2| ESTRUTURAS MILITARES NA TRAFARIA

A preocupação com a defesa do Tejo, assim como a entrada de forças inimigas, conferiu desde cedo uma importante posição estratégica do ponto de vista militar ao território da Trafaria, pois seria a primeira localidade na margem sul a que se chegaria com destino a Lisboa, sendo por isso ponto fulcral de vigilância do canal de navegação. A primeira ocupação militar deu-se em 1683, com a construção do Forte da Trafaria, cujo objetivo era formar um sistema de defesa marítima em conjunto com o Torre de S. Sebastião, a Torre de S. Lourenço e os fortes da margem norte.

No século XVII, Conde de Lippe apresenta uma proposta para construção de um conjunto de fortificações ao longo da margem sul, desde Almada até à Raposeira, visando defender a capital de uma eventual invasão terrestre vinda do sul e consequentemente impedir o acesso a locais onde fosse possível bombardear a cidade e as embarcações na margem do rio. Esta ideia apenas se veio a concretizar 50 anos mais tarde durante as invasões francesas, em 1811, por um conjunto de 21 fortes, dos quais quatro se encontravam na área envolvente da Trafaria. Destes, dois foram instalados no Monte da Raposeira (denominados de Raposeira Grande e Raposeira Pequena) e outros dois na encosta de Murfacém (denominados Forte de Murfecém e Forte do Guedes), no entanto nunca tiveram utilidade militar pois não existiu qualquer ofensiva vinda do sul.

Durante a Guerra Civil assiste-se ao reforço das estruturas militares na Trafaria, através da requalificação do Forte da Raposeira e do Forte da Trafaria e da construção de duas novas baterias; a Bateria do Torrão e a Bateria da Vigia.



09. Estruturas Militares na Trafaria (Desenho da autora)

Em 1890 inicia-se a projeção do que seria o maior complexo militar na Trafaria, que viria a integrar parte do Campo Entrincheirado de Lisboa e mais tarde a Frente Marítima de Defesa de Lisboa. Este conjunto composto por duas baterias – 1ª Bateria de Alpena e 1ª Bateria da Raposeira – viradas para a costa atlântica, cuja extensão continuou mais tarde com duas baterias – 2ª Bateria de Alpena e 2ª Bateria da Raposeira.

Como infraestrutura complementar a estas, construiu-se o Quartel do Grupo de Artilharia nº4 com a finalidade de alojar os soldados e a guarnição, garantindo a operacionalidade de todo o conjunto. Ao longo das Guerras Mundiais estas estruturas foram sofrendo melhoramentos, até serem totalmente desativadas na 2ª metade do século XX, com o fim das guerras.

Encontramos então na Trafaria um papel polivalente na defesa de Lisboa e no contexto militar: a defesa terrestre de alguma ofensiva vinda de sul; defesa da costa atlântica, instrução de artilharia; proteção da praia da Trafaria; defesa do canal de navegação para a capital, podendo cruzar fogos com a margem norte.<sup>x</sup>



### A TORRE DE S. SEBASTIÃO DA CAPARICA

Embora não pertença à freguesia da Trafaria, é considerada a fortificação militar destinada à defesa marítima mais antiga, tendo influenciado diversas estruturas que se foram erguendo em ambas as margens do Tejo, adquirindo um grande valor patrimonial neste território.

Construída em 1488, sob o reinado de D. João II, é vulgarmente conhecida como «torre velha» por oposição à «torre nova» que posteriormente veio a ser construída em Belém, também destinada à defesa da barra.

Durante o reinado de D. Sebastião, em 1570, é reedificada e em sua homenagem adquire o seu nome. Ao longo dos anos sofreu alterações e obras de melhoramento, tendo servido diversas funções, entre elas local de quarentenas e presídio.

Após a extinção das suas atividades ficou abandonada e atualmente encontra-se num avançado estado de degradação, na qual nem a sua classificação como Monumento Nacional (2012), e que lhe devia dar proteção legal, veio mudar algo em prol da sua defesa ou recuperação.



10. Torre de S. Sebastião vista do Rio Tejo (Autor: Francisco Silva)

### O FORTE DA TRAFARIA

Construído na base da enconsta de Murfacém, o Forte da Trafaria foi construído em 1683, sob o reinado de D. Pedro II, com o objetivo de complementar a defesa do Tejo em conjunto com os fortes da margem sul.

Implantado junto do lazareto já existente, o complexo forte-presídio veio a tornar-se responsável pelo desenvolvimento da população que se ia fixando no seu entorno. Estas atividades foram desativadas e as instalações chegaram a albergar outras funções como fábrica de guano de peixe, atividade que foi suspensa, sendo novamente desativado.

Durante o reinado de D. Manuel II é requalificado e todo o complexo exerce a função de presídio militar. No período do Estado Novo volta a funcionar como presídio para os opositores do regime, até que é desativado nos anos 80 do século XX.

Atualmente as instalações pertencem à Câmara Municipal de Almada, que as adquiriu em 2000, encontrando-se devoluto e em degradação. Apenas um dos edifícios do complexo é ocupado pelo grupo Plataforma Trafaria, embora não pertença ao projeto original do Presídio Militar, como é perceptível através da linguagem arquitetónica deste, trata-se de uma construção posterior.



11. Conjunto do Forte da Trafaria (Fotografia da autora)



### 1ª E 2ª BATERIAS DE ALPENA

No Monte da Raposeira, para integrar o Campo Entrincheirado de Lisboa e mais tarde a Frente Marítima de Defesa de Lisboa, foram instaladas duas baterias; de Alpena e da Raposeira, tendo sido construídas em fases distintas.

A 1ª Bateria de Alpena, construída em 1902 onde anteriormente se encontrava o reduto da Raposeira Pequena e ligeiramente a poente do reduto da Raposeira Grande. A extensão desta continuou em 1909-10, com o seu prolongamento para sul, constituindo a 2ª Bateria de Alpena. Posteriormente o conjunto das duas baterias passou a ser denominado apenas por Bateria de Alpena.

Com o fim dos cenários de guerra perderam utilidade e atualmente encontram-se abandonadas e totalmente vandalizadas, pois estão abertas a quem as queira visitar livremente, carecendo de qualquer tipo de proteção.



12. Bateria de Alpena  
(Autor: Gastão de Brito e Silva)



13. 1ª Bateria da Raposeira  
(Fotografia da autora)

### 1ª E 2ª BATERIAS DA RAPOSEIRA

A 1ª Bateria da Raposeira, localizada no extremo norte do Monte da Raposeira, foi construída em 1902, próxima de onde teria sido a Bateria da Vigia. A sua extensão foi iniciada no seguimento da anterior em 1902 e deu-se apenas por concluída em 1909, acerca de 200 metros a sul, compondo a 2ª Bateria da Raposeira.

Há semelhança do que ocorre na Bateria de Alpena, também esta está aberta ao público sem qualquer proteção, resultando na sua rápida degradação. No entanto é possível admirar a sua volumetria encaixada no terreno e as peças de artilharia, que devido à sua dimensão ainda se encontram no local.

#### QUARTEL DO GRUPO DE ARTILHARIA Nº4

O quartel militar é a estrutura mais recente da Trafaria, construído em 1905, durante o reinado de D. Carlos, surgiu como complemento às baterias de Alpena e Raposeira, para albergar a guarnição e os soldados que se encontravam em serviço.

Com o encerramento das atividades militares em 1999, funcionou como Centro de Informações e Segurança Militar da Trafaria até 2006. Atualmente as instalações encontram-se parcialmente ocupadas pelos serviços da GNR.



14. Quartel do Grupo de Artilharia nº4, 1909 (Autor: Manuel Henriques)

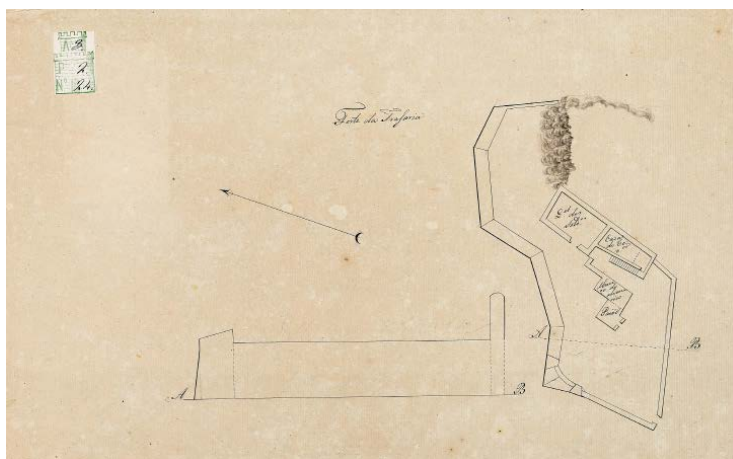
### 3.3| O FORTE DA TRAFARIA

Conhecido também por Forte da Nossa Sra. da Saúde ou Presídio da Trafaria, este conjunto arquitetónico sofreu diversas alterações a nível volumétrico e funcional ao longo da sua história.

O nascimento do complexo que atualmente constitui o Forte da Trafaria iniciou-se em 1565, ano em que o Cardeal D. Henrique mandou construir um local de quarentenas numa propriedade à beira-rio, situada a poente da encosta de Murfacém. A sua função de albergar pessoas e mercadorias, que ficariam a assoalhar antes de entrar na capital, deu incício à fama de que a Trafaria era um local de depósito do indesejável.

O movimento que se ia gerando em torno do lazareto levou à fixação de pequenos aglomerados populacionais, começando assim a desenvolver-se uma Trafaria como lugar de habitação e de atividade social. A distância da igreja mais próxima levou à manifestação de uma carência de assistência espiritual, levando à construção de uma Ermida que se veio a concluir em 1678.

Junto ao lazareto, em 1683, D. Pedro II mandou construir um Forte para a defesa da margem sul e da barra do Tejo, constituindo a primeira estrutura militar da Trafaria.



15. Planta do Forte da Trafaria, 1700-1900 (Autor: DIE)

Nos anos seguintes o complexo forte-lazareto funcionou com características polivalentes, tais como local de quarentenas, posto de aduaneiro e de cobrança fiscal no lazareto; local religioso na ermida e local de defesa marítima no forte.

Durante o século XVIII o lazareto tornou-se o centro da vida social da Trafaria e iniciam-se as primeiras intervenções no local com a reedificação da Ermida em 1725, passando posteriormente a adotar o nome de Ermida da Nossa Sra. da Saúde. Mais tarde, em 1743-45, o lazareto é alvo de uma profunda obra de melhoramento e todo o conjunto é vedado, juntamente com a Ermida.

A falta de acesso ao templo religioso levantou uma nova necessidade, já anteriormente manifestada, e acabou por se construir uma nova Ermida fora dos limites do muro, vindo a concluir-se em 1751 a Ermida de Nossa Sra. da Conceição.

Em 1751 inicia-se um novo período que marcou fortemente a Trafaria até aos dias de hoje, que terá sido a chegada dos presos para o lazareto. Com esta nova função, a necessidade de libertar espaço para albergar os condenados e os presentes problemas sanitários levou à transferência da atividade do lazareto para o Forte, que em 1797 também recebe o Corpo de Artilheiros Marinheiros, constituindo uma bateria.

Havendo a possibilidade de construir um novo lazareto, entre o presídio e a Torre de S. Lourenço (vulgarmente conhecida por Torre do Bugio), a sobrelotação e indefinição das funções do complexo tornou-se cada vez mais complicada, o que acabou por levar ao estabelecimento da função de lazareto na Torre de S. Sebastião em 1816.

Com esta transferência e após a desativação da atividade de local de quarentenas no complexo, também outras começaram a ser menos frequentes, como o uso prisional e as menores procuções militares, levaram à ausência de atividades no recinto. Abandonado e sem qualquer utilidade, o conjunto começou a ser ocupado pela população local, para arrumos e habitação.



16. Planta do Lugar da Trafaria, 1793 (Autor: Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho; DIE)

Em 1831, durante o período miguelista, há uma requalificação de todo o complexo, reconvertido 4 anos depois em instalação industrial para albergar a Sociedade de Pescarias Lisbonense, atividade que mais tarde acabou por ser suspensa pelo Conselho de Saúde Pública. No entanto a polivalência das instalações permitiu, durante os anos seguintes, receber as mais variadas funções, como os viveiros para as matas nacionais e o abrigo das galoetas reais.

A necessidade de deitar mão a esta degradação que se gerando pelas variadas funções ocorreu quando o complexo foi recuperado pelo Estado Novo, existindo uma nova proposta de ocupação do conjunto em 1901, que apenas se veio a verificar mais tarde com a construção de um Presídio Militar Naval.

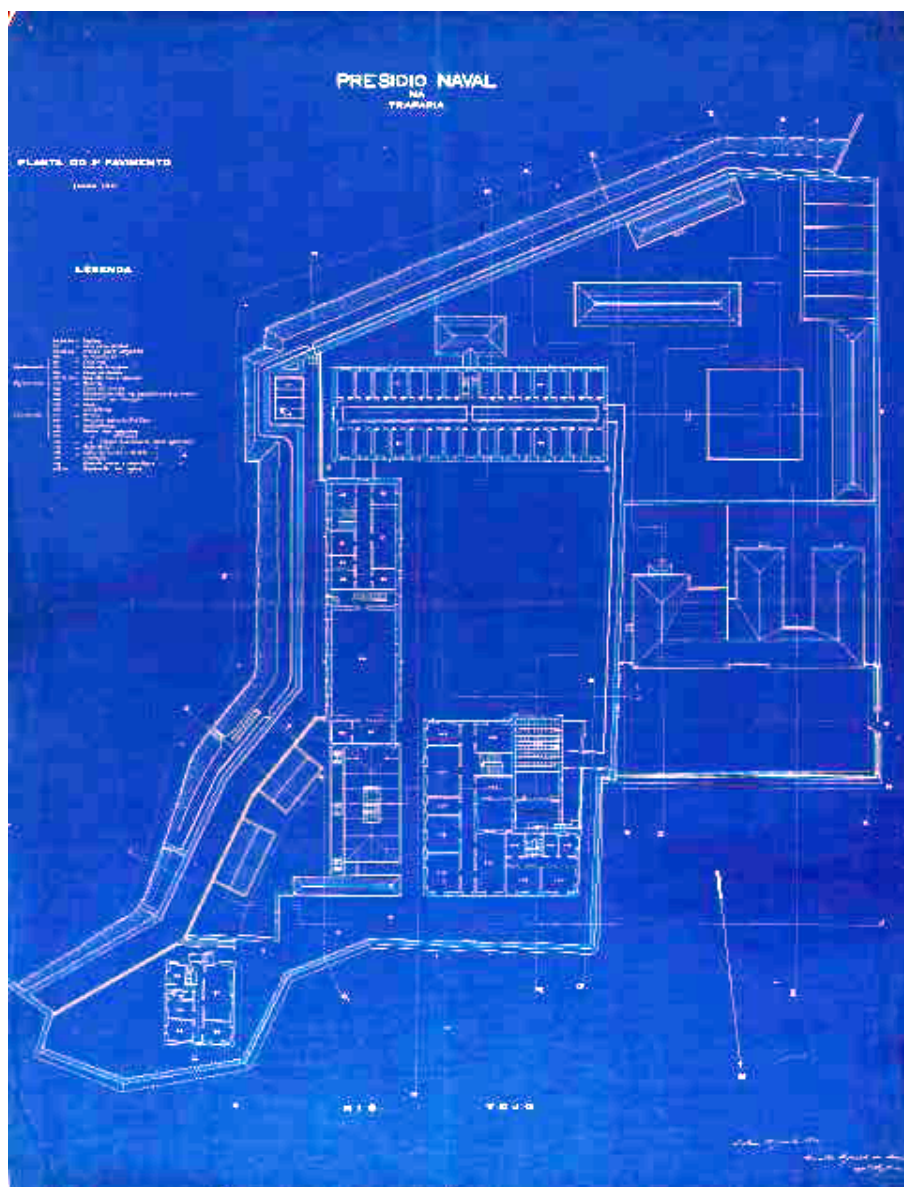
“A reconstrução do presídio só se veio a verificar em 1908/1909, aproveitando muito do plano de 1901, tomou a forma que hoje existe. Alguns dos edifícios foram construídos sensivelmente nos mesmos locais, outros completamente novos edificaram-se na área do forte, que desapareceu mais a respetiva artilharia. Desapareceu também o armazém das galeotas reais (dando lugar às habitações para oficiais de guarnição, é o edifício que hoje serve de fachada ao Presídio). A Ermida foi reconstruída um pouco mais a nascente passando da posição este/oeste para a posição norte/sul. O antigo cemitério foi também desmantelado.”

Posteriormente o complexo esteve sob a administração da Marinha, conservando a sua função e passando depois para o Exército Português. Com a entrada do novo regime foram diversos os opositores, na sua maioria militares liberais, que passaram por estas instalações que se mantiveram em funcionamento até à queda do Estado Novo, nos anos 80 do século XX.

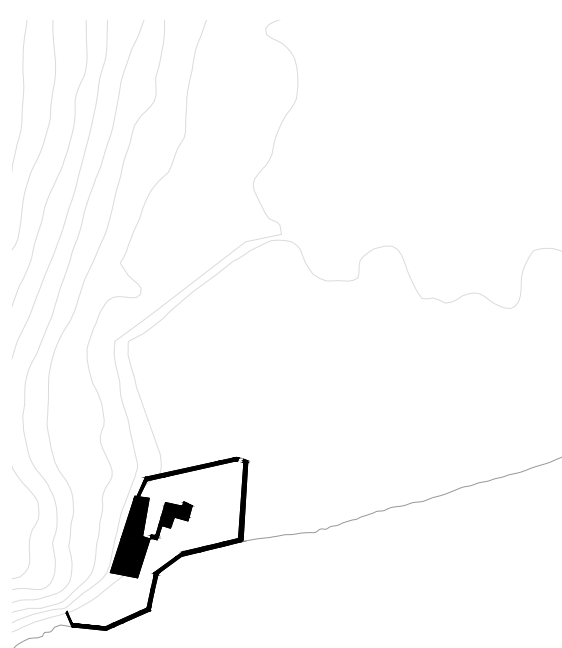
Com a Implantação da República encerram as funções no presídio, sendo desativado e sem qualquer utilidade, abandonado. Posteriormente, em 2000, o complexo é adquirido pela Câmara Municipal de Almada e atualmente encontra-se devoluto e com diversos sinais de degradação.

Nos dias de hoje, encontramos no conjunto novos edifícios que não se encontram no plano de 1910, caracterizados pela sua linguagem arquitetónica mais moderna, é perceptível que foram construções posteriores.

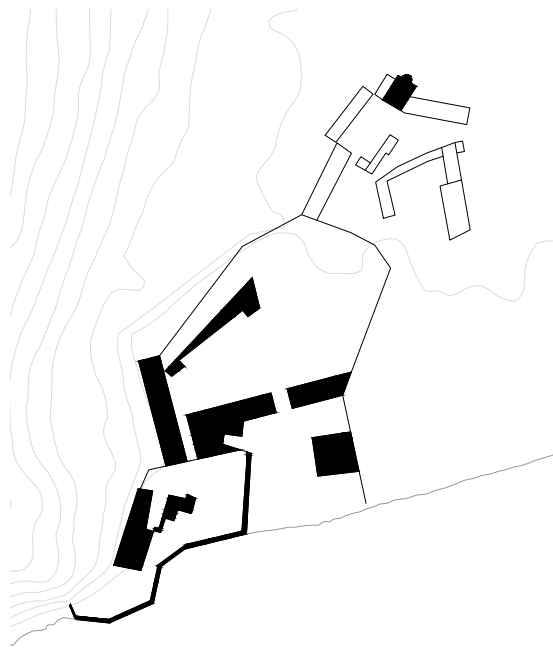




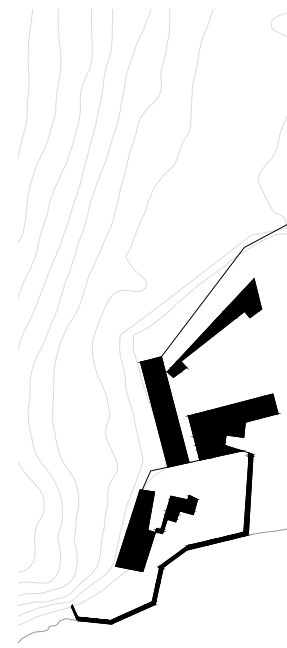
17. Presídio Naval na Trafaria: planta 2º pavimento, 1910  
(Autor: Arnaldo Augusto de Sousa Queiroz, Cap.ão D'Eng<sup>a</sup>)



1683



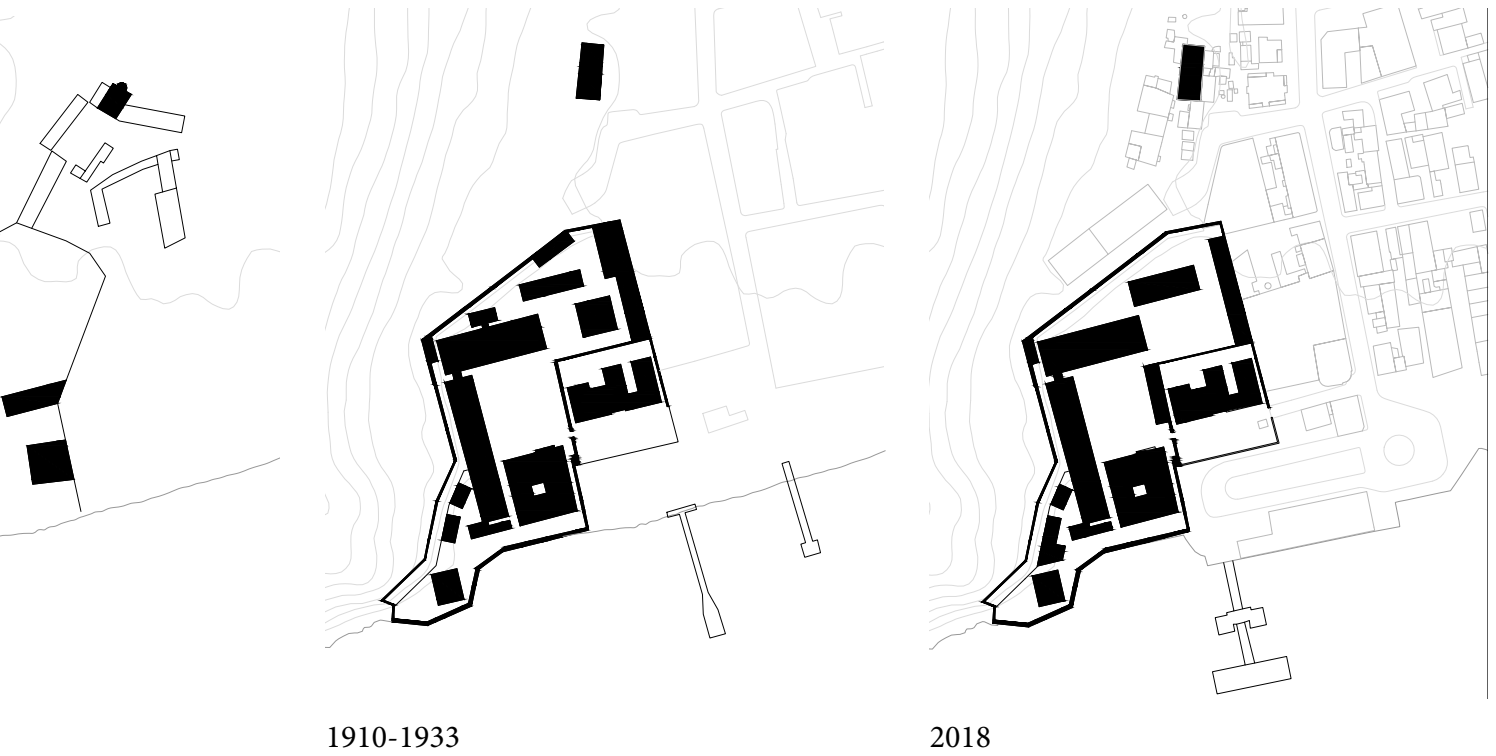
1793



1821-1857

18. Proposta de estudo de evolução do Forte da Trafaria  
(Desenho da autora)





### 3.3.1| Caraterização dos Espaços



19. Vista aérea do Forte da Trafaria (Autor desconhecido)

Limitado a Este pela costa de Murfacém e a Norte pelas águas do Tejo, o Forte da Trafaria surge como uma peça num ponto extremo, de um lugar extremo da foz.

Numa abordagem mais distante e do ponto de vista de quem se aproxima da Trafaria através do canal fluvial, o Forte surge como uma peça que está encaixada na montanha, que faz a transição entre a paisagem natural e artificial da vila.

O muro que o protege, conta parte da sua história e da sua evolução, pois é constituído por duas linhas temporais que são marcadas e visíveis a quem o visita. Uma primeira parte que se confronta com o rio, construída no século XVII para receber o Forte, onde é possível observar o embasamento em pedra aparelhada da antiga esplanada de artilharia (figura 20). Com o passar do tempo, a necessidade de murar o recinto, incluindo a Ermida da Nossa Senhora da Saúde, resultou no encerramento de todo o complexo.

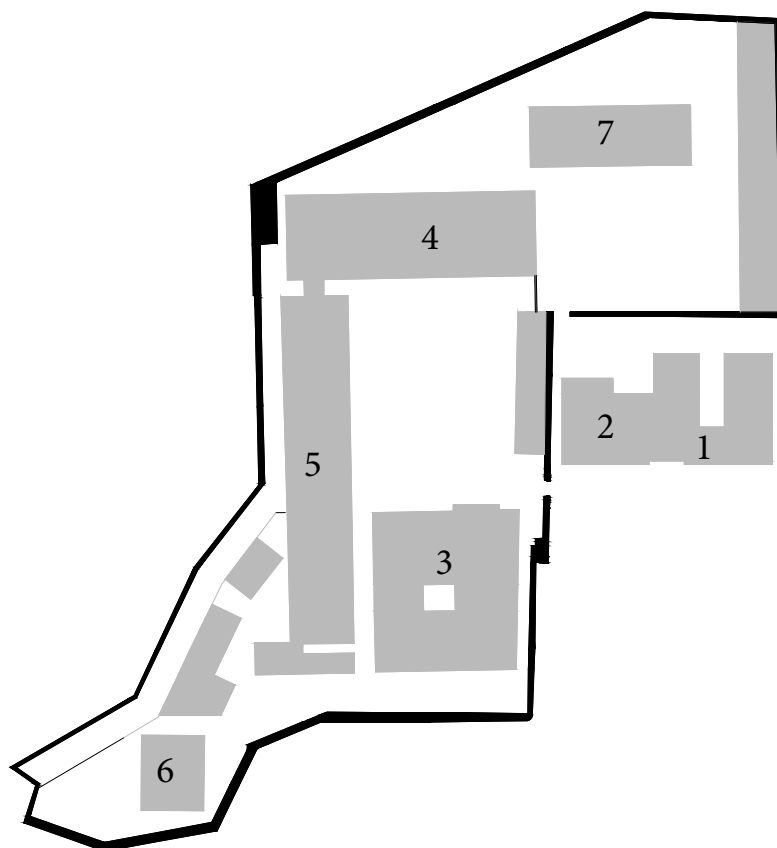


20. Aspeto atual da muralha do Forte (Fotografia da autora)

Embora o Forte se localize numa zona bastante dinâmica da Trafaria, junto à estação fluvial, passa despercebido aos mais distraídos, sendo necessário clarificar os seus limites virados para a praça e para a povoação, retirando todas as vedações que não permitem uma aproximação e clara leitura do mesmo. O facto de este também se situar zona de passagem não permitindo lugares de permanência, leva a um desinteresse do que poderá estar escondido para além do muro. É portanto clara a necessidade de libertar o espaço que divide o espaço interior do Forte e o espaço exterior, definir uma praça, um espaço que anuncie e prepare o indivíduo para a peça artística que está ali presente.



21. Vista da Praceta Porto de Lisboa e do Forte (Fotografia da autora)



22. Numeração do edifício (Desenho da autora)

Virados para a Praceta do Porto de Lisboa, surjem dois edifícios adjacentes (1 e 2) que tinham como função albergar os oficiais que trabalhavam no Forte Militar. Com o tempo um destes edifícios foi alvo de intervenção, que resultou numa alteração da linguagem arquitetónica relativamente ao outro, acabando por o descaracterizar e levando a perder a relação com o restante edifício.



23. Edifício 1 e 2 - antiga habitação dos oficiais (Autor: Mariana Rodrigues)

Entrando dentro do complexo, somos agradavelmente surpreendidos por um jardim formal, com quatro grandes dragoeiros. Este tem uma forma retangular, sendo delimitado em grande parte pelo edificado e uma outra pelo muro, mostrando-se um local tanto de recepção, de permanência e também de passagem, levando aos vários volumes o envolvem.

Dentro do complexo, o primeiro edifício apresentado é onde se localiza a Igreja de Nossa Senhora da Saúde (3), com uma fachada bastante ornamentada relativamente ao resto do edificado. A igreja sofreu diversas alterações ao longo dos anos, mas atualmente encontra-se encerrada ao público, assim como quase todo o complexo. Em torno desta desenvolve-se um volume com dois pisos bastante compartimentado, definindo também um pequeno saguão. No piso superior obtém-se uma vista sobre o Tejo e a cidade de Lisboa, no entanto os espaços interiores encontram-se bastante degradados, onde existem diversas patologias que devem ser tratadas.



24. Edifício 3 - fachada da Igreja (esquerda) e dragoeiro (direita) (Autor: Mariana Rodrigues)





25. Edifício 3 - interiores (Fotografias da autora)

No lado oposto a este volume, encontramos o edifício (4) mais emblemático de todo o complexo, as celas prisionais. Composto por 2 pisos, é carregado de uma atmosfera histórica, marcado pelo ritmo e composição das celas, pela luz que entra através das claraboias e pelos pequenos vitrais nos topos. Apesar de há muito estar desativado, a permanência neste lugar remete para momentos de reflexão e introspeção, não só pelos ambiente criado pelos pequenos espaços das celas, mas também pelo espírito e memória que o conhecimento e o entendimento pelo sítio suscitam no indivíduo.



26. Edifício 4 - fachada do edificio das celas prisionais (Fotografias da autora)



27. Edifício 4 - interior do edifício e das celas (Fotografias da autora)

Perpendicular ao edifício anterior, desenvolve-se um outro volume (5) que conecta com este através de uma passagem no piso térreo. Este dá continuidade ao corredor das celas, onde se encontram as solitárias, pequenos compartimentos sem qualquer luz natural. No entanto, encontramos também neste volume os espaços mais amplos de todo o conjunto, o antigo refeitório e salão, permitindo mais flexibilidade nos usos inseridos. No piso superior existe um acesso a um dos pontos exteriores de todo o complexo, um longo patamar que se desenvolve paralelamente ao muro, onde além de se conseguir uma vista sobre o rio e Lisboa, é possível aceder ao caminho de ronda, que se desenvolve em torno do muro que Forte.



28. Edifício 5 - antigo refeitório (esquerda) e patamar (direita) (Fotografias da autora)

Afastado dos restantes edifícios (6), surge um peça onde parece culminar toda a experiência percorrida dentro deste complexo. Um pequeno volume de dois pisos, anteriormente ocupado por oficiais que estavam detidos no presídio, agora está abandonado e bastante degradado. No piso superior, no que ocorre nos outros edifícios, obtém-se uma vista sobre a margem norte e a frente ribeirinha da Trafaria, que resulta num sentimento de preenchimento e compreensão de todo o complexo percorrido.



29. Edifício 6 - fachada (esquerda) e interiores (direita) (Fotografias da autora)



30. Edifício 6 - vista sobre o conjunto, edifício 3 e 5 (Fotografias da autora)



Além destes edifícios descritos, existem outras construções consideradas anexos que não carecem de qualquer valor patrimonial e arquitetónico, podendo ser considerada a sua demolição de modo a clarificar os espaços.



31. Anexos (Fotografias da autora)

Um outro edifício (7), cuja linguagem arquitetónica permite perceber que é uma construção mais recente, é o único que tem atividade. Este espaço alberga um grupo - Plataforma Trafaria - que usa este edifício como suporte às suas atividades.



32. Edifício 7 - fachada principal (Fotografias da autora)



## **4|** **CASOS DE ESTUDO**

*“As estruturas, para se conservarem, têm de ter utilidade e vigilância. Não é necessário serem objecto de restauro, mas é indispensável que possam ser lidas, na sua localização e na sua envolvente, por qualquer visitante.”*

Francisco de Sousa Lobo

---

<sup>26</sup> Lobo, Francisco de Sousa (2015) *A Defesa de Lisboa: Linhas de Torres Vedras, Lisboa, Oeiras e Sul do Tejo (1809-18014)*. Cascais, Tribuna da História (p. 319)

## 4.1| Ampliação do Museu San Telmo, San Sebastian



33. Relação entre o novo volume e a preexistência (Autor: Fernando Alda)

**Uso original:** Convento Dominicano de meados do século XVI

**Uso atual:** Equipamento Cultural - Museu

**Arquitectos:** Nieto Sobejano Arquitectos

**Localização:** San Sebastián, Espanha

**Ano:** 2011

### Breve Contextualização Histórica

Localizado entre a paisagem urbana do centro histórico de San Sebastian e a naturalidade paisagística do Monte Urgull, o Museu de San Telmo surge da reutilização e reabilitação de um antigo convento dominicano, construído em meados do século XVI, dedicado ao santo San Telmo. Mais tarde, em 1836, o mesmo foi ocupado e transformado para albergar um quartel militar. No ano de 1932, após a sua torre e o claustro serem declarados Monumentos Nacionais, foi adquirido pela Câmara Municipal e inaugurado como Museu Municipal.



34. Fachada principal do antigo convento dominicano (Autor desconhecido)

## Intervenção

O projeto de ampliação do Museu de San Telmo, proposto pela equipa Nieto Sobejano Arquitectos, visou complementar o antigo edifício com os espaços necessários para que um equipamento desta dimensão funcione, como um lobby, salas de montagem, loja, biblioteca, salas didáticas, áreas de armazenamento e serviços.

A entrada para o museu é feita através do novo lobby, que permite aceder ao edifício preexistente por meio de pontuais conexões que são feitas ao longo do edifício, mas que não alteram os volumes reabilitados. A recuperação e restauração do antigo convento implicou a demolição das adições feitas ao longo do tempo, que não pertenciam ao edifício original, à exceção de um dos volumes na fachada principal, cuja imagem já fazia parte da memória urbana, não fazendo sentido desaparecer.

A forte condicionante paisagística e as necessidades programáticas, simultaneamente ligadas à vontade de expressar a ligação com o lugar, definiram um dos grandes desafios desta intervenção. As descontinuidades claras presentes no contexto em que o projeto se encontra: natureza/cidade; elevação topográfica/plano horizontal; terra/mar; edifícios históricos/contemporâneos, conduziram ao reconhecimento de fronteira como um conceito.



35. Relação do novo volume com a envolvente urbana e natural

Este determinou as diretrizes do projeto, solucionando as questões relacionadas com o limite entre a estrutura urbana e a topografia do Monte Urgull, conduzindo assim o modo como o edifício se desenvolve, quase que semi-encastrado nas curvas da encosta, condicionando a espacialidade e configuração dos espaços.

Esta posição de fronteira, onde o edifício se procura diluir na paisagem e as questões associadas à sua materialidade, se devem ocorrer de maneira clara ou confusa, com força ou gentileza<sup>26</sup>, expressando leveza ou peso, foram de grande importância na escolha dos revestimentos e do modo como o volume se expressa com a envolvente construída e o espaço público.



36. Maquete do projeto do Museu San Telmo  
(Autor: Nieto Sobejano Arquitectos)

O projeto resultou num grande volume longitudinal que se esconde através de uma fachada em alumínio, funcionando como uma pele que envolve todo o edifício, permitindo que este se dissolva no ambiente do Monte Urgull, respeitando a aparência da preexistência e adquirindo um caráter único e identitário.

“A expressão de uma nova descontinuidade, edifício/muro manifesta as dualidades, natureza/artifício, sensibilidade contemporânea/registo histórico – subjacentes ao projeto.”<sup>27</sup>

<sup>27/28</sup> Nieto Sobejano Arquitectos (n.d.) San Telmo Museum [online] disponível em: [http://www.nietosobejano.com/project.aspx?i=3&t=\\_MUSEO\\_SAN\\_TELMO](http://www.nietosobejano.com/project.aspx?i=3&t=_MUSEO_SAN_TELMO)



A fachada metálica resolvida como um longo muro habitado apresenta diversas perfurações, um trabalho que combina a arquitetura com as artes plásticas, permite a passagem e o crescimento de diversos tipos de vegetação local que alteram a sua aparência ao longo das estações do ano.

O acesso pedestre à encosta é solucinado por meio de quebras no sentido da fachada e através de uma escadaria, que naturalmente ajudam a definir a imagem do Museu e da Plaza Zuloaga, criando espaços para exposições ao ar livre e um pequeno terraço/cafetaria aberto à cidade.



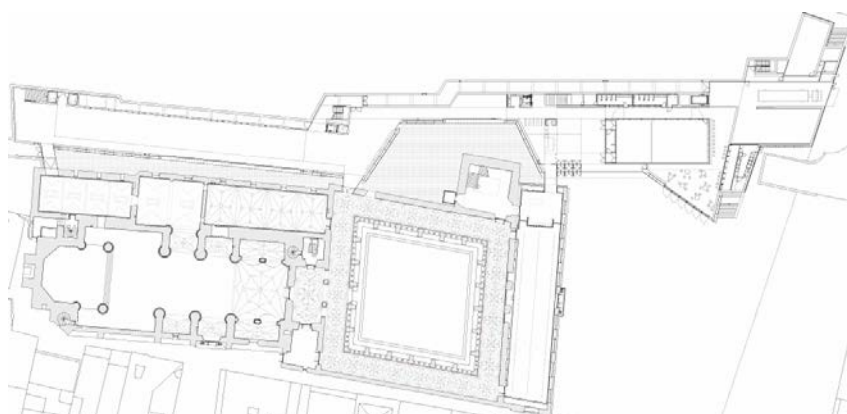
37. Fachada metálica com alguma vegetação (Autor: Stefan Tuchila)



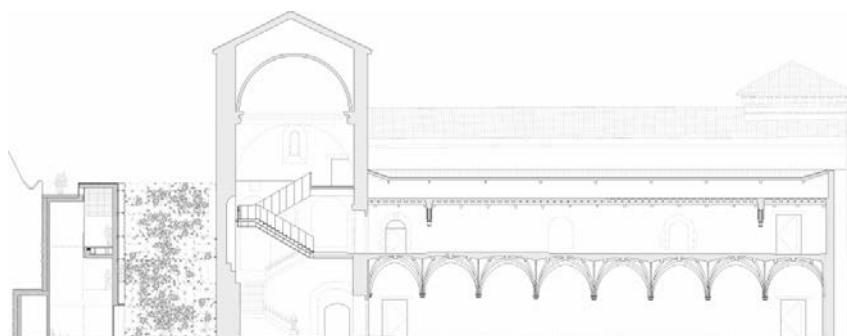
38. Pontuais conexões entre o edifício novo e antigo (Autor: Fernando Alda)

O conceito trabalhado na ampliação do Museu de San Telmo contribuiu para o desenvolvimento da nova volumetria do Centro de Artes e Tecnologia. Ambos se encontram em situações semelhantes, limitados por elementos naturais e antropológicos, onde a situação de limite e barreira são condicionantes. Assim optou-se por tratar a nova volumetria de forma semelhante ao projeto de San Sebastian, procurar que este se dilua com o seu limite, o muro do Forte, dando a sensação de pertencer a este dando-lhe como que uma nova espessura.

As pontuais conexões que encontramos no projeto analisado também foram linhas orientadoras para o tratamento das conexões entre os edifícios preexistentes e entre a nova volumetria, procurando assim que o nível de intervenção das novas infraestruturas seja mínima.



39. Planta piso térreo (Autor: Nieto Sobejano Arquitectos)



40. Corte transversal (Autor: Nieto Sobejano Arquitectos)

## 4.2.2| Cidadela de Cascais



41. Conexão entre volumes (Autor: João Morgado)

**Uso original:** Fortaleza Militar

**Uso atual:** Pousada / Museu

**Arquitectos:** Gonçalo Byrne Arquitectos e David Sinclair Arquitectos

**Localização:** Cascais, Portugal

**Ano:** 2008-2012

### Breve Contextualização Histórica

A Cidadela de Cascais surge da necessidade de reforçar a defesa do Tejo durante o reinado de D. João IV, desenvolvendo-se em torno da, já existente, Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, construção do século XVI. Desempenhou um papel fundamental enquanto fortificação militar na defesa da barra do Tejo, ao longo de séculos, sendo alvo de diversas obras de que culminaram no seu abandono e degradação.

A distribuição volumétrica que compõem a Cidadela, comum às fortalezas da época, é definida por uma praça central (Praça de Armas) que é delimitada por quatro edifícios-quarteirão, sendo que a entrada para o seu interior é feita através da Porta de Armas, constituindo o unico acesso existente.



42. A Cidadela de Cascais antes da intervenção (Autor: João Morgado)

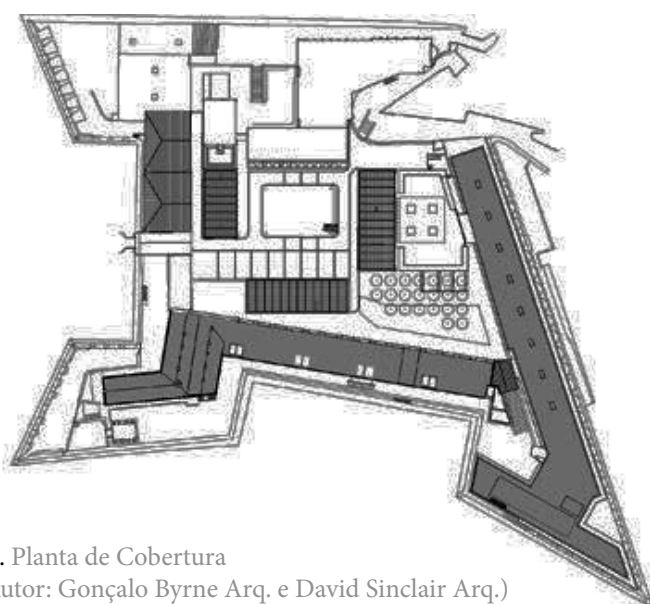
## Intervenção

A intervenção na Cidadela de Cascais teve como premissas a renovação e integração do conjunto fortificado, assim como o Palácio da Presidência e a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, enquanto pólo cultural e turístico aberto à população.

O projeto de Gonçalo Byrne Arquitectos e David Sinclair Arquitectos, teve como objetivo a reconversão do conjunto para um equipamento turístico e urbano, conseguido através reabilitação e adaptação dos edifícios preexistentes e da construção de um novo volume para albergar a Pousada da Cidadela de Cascais.

As construções que definem a Praça de Armas, abertas a qualquer pessoa, são reutilizadas para albergar espaços de comércio, restauração e lazer. O edifício localizado a sul da praça, onde se encontra a entrada para a pousada e o espaço da recepção, assume um papel forte devido ao eixo central criado pelo alinhamento entre ele e a Porta de Armas, permitindo uma hierarquização dos edifícios.

A barreira visual que a muralha assume foi uma das grandes questões relativamente ao novo uso, a questão associada à relação dos quartos com a vista e o mar



43. Planta de Cobertura  
(Autor: Gonçalo Byrne Arq. e David Sinclair Arq.)



Junto da muralha e do edifício sul da praça, surge um novo volume sobre a antiga Bateria sul que compunha a fortificação. Esta nova construção, para albergar os quartos, desenvolve-se num volume baixo e horizontal, no qual a relação com a muralha é feita de vãos envidraçados, permitindo que os quartos tenham uma vista panorâmica sobre o oceano e uma cobertura metálica que surge de forma subtil atrás da muralha, como uma “cornija de sombra”<sup>28</sup>.

À semelhança do que ocorre neste caso de estudo, o Forte da Trafaria também é um conjunto edificado limitado por um sólido muro. A nova volumetria que se desenha paralelamente á linha do muro, permitiu solucionar a questão de como o Centro de Artes e Tecnologia se iria desenvolver de forma a diluir-se. Assim, permitiu também a definição de uma nova praça no interior do Forte.



44. Interior da Cidadela de Cascais (Autor: Fernando Guerra)



45. Relação da Cobertura e da Muralha (Autor: Fernando Guerra)

<sup>28</sup> Gonçalo Byrne Arquitectos (n.d.) Conversion of the Citadel of Cascais into a Charm Hotel [online] disponível em: <https://www.goncalobyrnearquitectos.com/citadel-of-cascais-home>

### 4.2.3| Faculdade de Artes e Arquitetura da Universidade de Évora



46. Cobertura que Envolve o Pátio (Autor: Leonardo Finotti)

**Uso original:** Fábrica de Moagem

**Uso atual:** Faculdade de Artes e Arquitetura

**Arquitectos:** Inês Lobo Arquitectos & Ventura Trindade Arquitectos

**Localização:** Évora, Portugal

**Ano:** 2006-2011

### Breve Contextualização Histórica

O departamento de artes visuais e arquitetura da Universidade de Évora nasce de um projeto de reutilização e reabilitação da antiga Fábrica dos Leões, construída em 1916 pela Sociedade Alentejana de Moagem, que na década de 70 passa a denominar-se por Fábrica de Massas Leões. Situada na periferia do centro histórico de Évora, encerra a atividade industrial em 1933, sendo posteriormente adquirida pela Universidade de Évora, em 1998, para albergar espaços afetos ao ensino.



47. Vista aérea da Fábrica dos Leões (Autor: David Freitas)



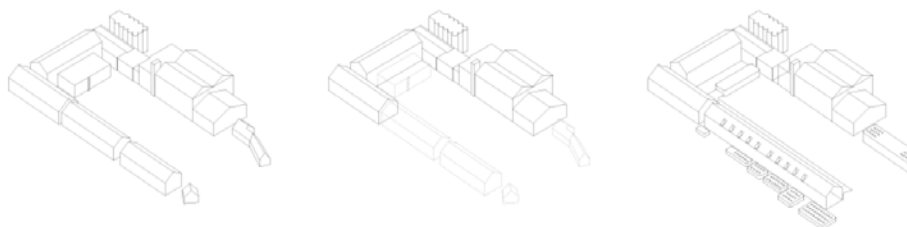
## Intervenção

*A excessiva volumetria imposta de forma abrupta sobre o terreno plano*<sup>29</sup> constitui o principal valor deste conjunto, anteriormente pensado para receber máquinas e não pessoas, resulta numa diversidade de espaços que pela sua versatilidade e dimensão, se adaptam facilmente à nova função.

O intervenção, da autoria de Inês Lobo Arquitectos & Ventura Trindade Arquitectos, assenta sobre a ideia de subtração, adição e reutilização.

Numa fase inicial se opta pela demolição das construções anexas, que não faziam parte do projeto original. Substituindo estas construções surge um novo volume, que alberga todos os serviços administrativos e o departamento de artes visuais e multimédia, ao qual se associada uma cobertura. Uma nova cafeteria surge na continuidade deste novo espaço coberto, que faz a ligação com o volume sudeste, parcialmente ocupado pela biblioteca ainda hoje aguarda intervenção.

Nos espaços interiores dos edifícios da antiga indústria há a intenção de reutilizar os espaços, libertando-os de todas as construções provisórias tornando os espaços mais claros e amplos, onde foram adicionadas as infraestruturas e o mobiliários necessário para a nova funcionalidade. O edifício a nordeste do conjunto é reconvertido, passando a albergar as salas do departamento de arquitetura.



48. Axonometria 'subtração, reutilização e adição' (Autor: Inês Lobo Arq. e Ventura Trindade Arq.)

<sup>29</sup> Inês Lobo Arquitectos (n.d.) Art and Architecture Faculty [online] disponível em: <http://www.ilobo.pt/Leões.html> Tradução livre do texto original: "(...) its principle value consists of its excessive volume that is imposed abruptly on the plateau."

A nova cobertura metálica, retirada dos cais da linha férrea e áreas de cargas e descargas que serviam a unidade industrial, abriga as pessoas que aqui trabalham e estudam, afirmando não só um espaço de circulação coberto mas também espaços de encontro, funcionando como uma coluna vertebral que une os diversos edifícios, permitindo que todo o conjunto funcione como uma única estrutura. A organização espacial das novas volumetrias (em formato de U) permite definir o espaço exterior, um pátio principal que se assemelha à ideia de um campus universitário e que se relaciona com todos os edifícios, novos e preexistentes.

As materialidades escolhidas para as novas intervenções são representativos dos ambientes industriais, as estruturas metálicas e chapas de aço e alumínio, permitindo o contraste entre o antigo e o contemporâneo, mas que lê como um só conjunto<sup>30</sup>.

O conteúdo programático do antigo conjunto frabril, idêntico ao proposto para a reconversão do Forte da Trafaria, permitiu analisar o modo como os espaços preexistentes se poderiam vir a adaptar ao novo uso de modo pouco invasivo.



49. Pátio principal (Autor: Leonardo Finotti)

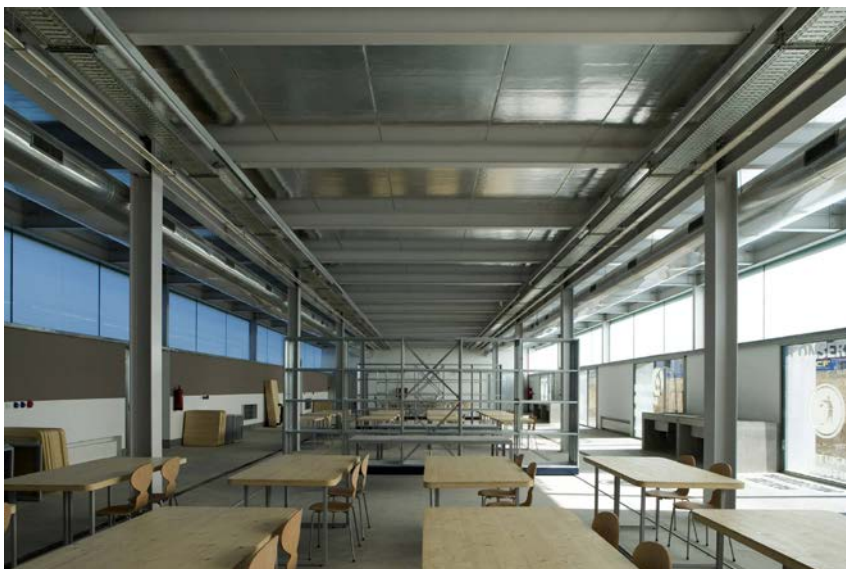
---

<sup>30</sup> Inês Lobo Arquitectos (n.d.) Art and Architecture Faculty [online] disponível em: <http://www.ilobo.pt/Leões.html>

Outro aspeto relevante neste caso de estudo foi a questão de circulação, que adquire um papel importante para que todo o conjunto funcione como um único. Assim, procurou-se aplicar este conceito no Centro de Artes e Tecnologia através de elementos que permitam a circulação horizontal e vertical entre os diversos volumes que caracterizam Forte.



50. Relação entre o novo e o preexistente (Autor: Leonardo Finotti)



51. Oficinas de artes (Autor: Leonardo Finotti)



# 5|

## UM CENTRO DE ARTES E TECNOLOGIA



## 5.1| PROGRAMA

O projeto de arquitetura propõe, através dos objetivos estabelecidos inicialmente e que vão de encontro com o programa proposto pela Câmara Municipal de Almada em conjunto com a Universidade Nova de Lisboa, um Centro de Artes e Tecnologias.

Assim, ambiciona-se que o complexo arquitetónico do Forte da Trafaria albergue zonas de formação, produção e exposição no contexto das artes e tecnologias, especialmente direcionado para o ensino especializado, mestrados e doutoramentos. Além destes espaços, existiram diversas estruturas de apoio como um centro de documentação, uma cafetaria, lounge, áreas de armazenamentos e de cargas de descargas.

Através de um processo de reciclagem e reabilitação dos edifícios e espaços existentes, da implantação de novos volumes que suportem as infraestruturas necessárias para as componentes programáticas que assim o exijam e um conjunto de “veias e artérias” que estabeleçam uma ligação entre os diversos edifícios e que permitam circular entre eles, como uma única estrutura, tornando-o acessível a qualquer indivíduo, inclusive os de mobilidade reduzida.

A distribuição do programa pressupôs uma análise dos espaços existentes, estudando quais as suas características e potencialidades, procurando adaptar a função ao espaço proposto.

## 5.2| PROPOSTA URBANA

O desenvolvimento de uma nova proposta urbana para a frente ribeirinha da Trafaria, cujo objetivo é a sua requalificação e a revitalização dos espaços urbanos, procurando recuperar o dinamismo que em tempos existiu neste território.

Incidindo sobre a faixa marítima, os principais pontos de intervenção são: o terreno junto à central industrial (1) (2); a praia e a marginal (3); a Praceta do Porto de Lisboa e os edifício envolventes (4), onde se inclui o Forte da Trafaria (5), que será o objeto alvo de intervenção deste projeto.

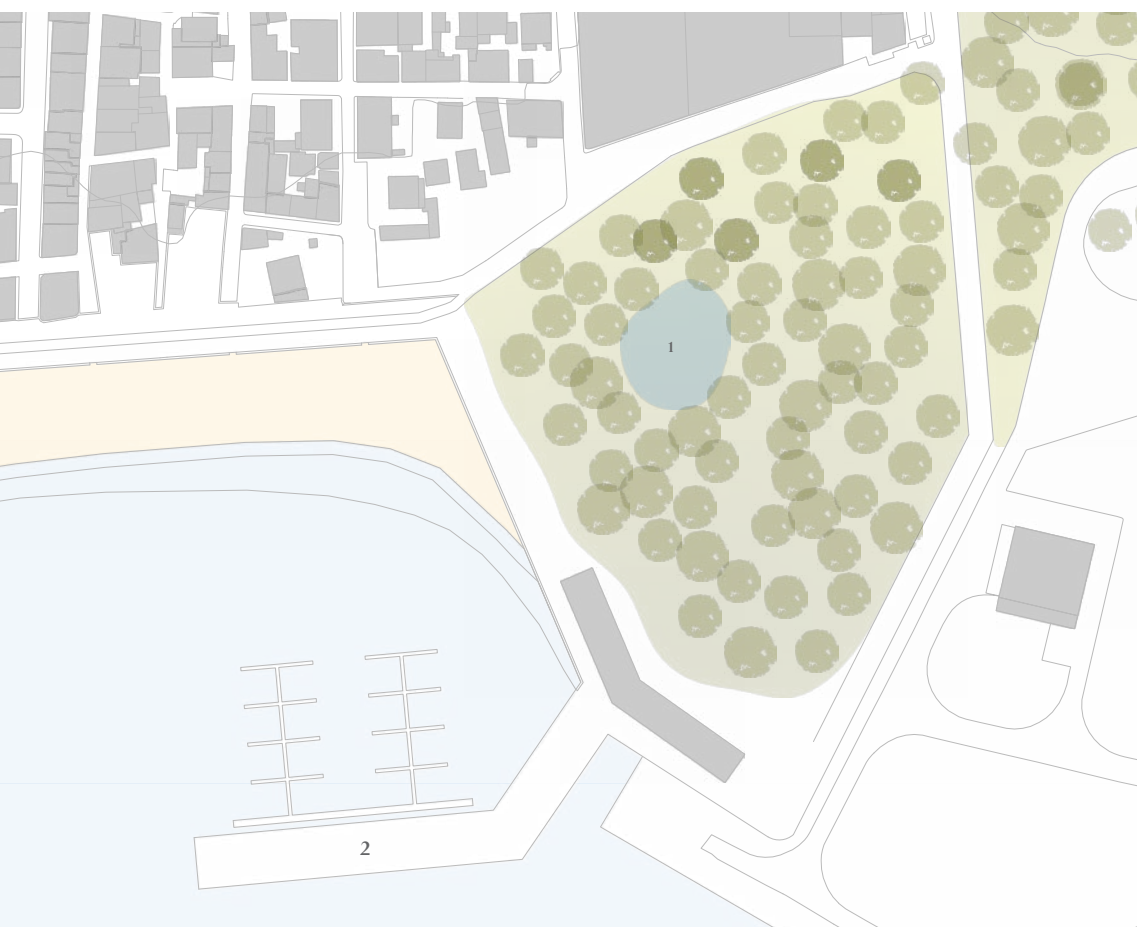


52. Proposta urbana (desenho da autora)



A zona industrial, que se destaca pelos silos, que surgem como peças impactantes na paisagem urbana e natural da Trafaria, que devido à sua dimensão tornam-se difíceis de camuflar. Deste modo, propõe-se a criação de um parque verde no terreno adjacente à unidade industrial, estendendo-se para até à encosta, que atualmente se encontra parcialmente ocupado pelas oficinas, bastante degradadas, dos pescadores. Assim, pretende-se criar um espaço público qualificado, onde através da vegetação e das copas das árvores se tenta diluir a imagem dos silos.

Propõe-se também conjunto de estruturas de apoio ao parque, de modo a potencializar o desenvolvimento de atividades de lazer e convívio, como uma pequena marina de recreio onde se irão localizar as novas oficinas cedidas aos pescadores locais, pequenos espaços de restauração, serviços e equipamentos que permitam a concretização de atividades náuticas.



Junto a este será recolocada a estação fluvial, anteriormente localizada na Praceta do Porto de Lisboa, permitindo libertar o espaço que antecede o Forte, assim como um parque de estacionamento que garanta as necessidades de todas as estruturas e do parque.

O passeio da marginal é caracterizado por diversos edifícios, onde encontramos espaços dedicados à restauração, acabando por estender a sua atividade através de esplanadas para a marginal. No lado oposto temos o muro que o separa do areal, onde as pessoas se sentam para admirar a paisagem. Assim, a requalificação da marginal passou pela definição dos pavimentos, definindo zonas de estadia, com algum mobiliário urbano e vegetação para criação de zonas sombreadas e zonas de circulação principalmente dedicadas aos peões, uma via de velocípedes que se estende até à ciclovia existente junto aos silos e que atravessa o interior do parque verde. Por fim, existirá uma zona de circulação automóvel para ocasiões específicas, casos de emergência, acesso aos espaços de restauração para cargas e descargas.

Na Praceta do Porto de Lisboa, como referido anteriormente, propõe-se a transferência da estação fluvial para junto do marina de recreio e a demolição de alguns edifícios e estruturas que se encontram na praça, permitindo assim a definição e clarificação de uma praça que serve de local de chegada e antecipa a entrada no Forte da Trafaria. O parque de estacionamento que também ocupava parte desta também é transferido para uma zona vacante adjacente ao Forte, dando apoio ao Centro de Artes e à Praceta do Porto de Lisboa.

O pontão pertencente à estação fluvial será reciclado, buscando a memória dos pontões existentes quando a Trafaria era destino balnear. Este tem, também, como propósito permitir que as pessoas tenham uma maior relação com o Rio e uma melhor leitura do muro do Forte da Trafaria que se encontra com a água.

O programa proposto para o Forte da Trafaria é um Centro de Artes e Tecnologias, com o intuito de promover o desenvolvimento socio-económico e cultural deste território, atrair novas populações das diversas faixas etárias e criar novas condições que permitam a sua eventual fixação nesta zona. Este irá albergar diversas valências, permitindo também o acesso à comunidade através de eventos e exposições de diversos temas.

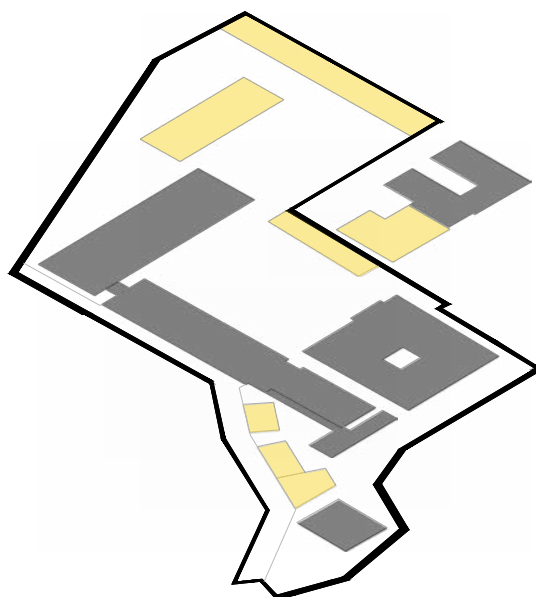
## 5.3| PROPOSTA ARQUITETÓNICA

O projeto arquitetónico de reconversão do conjunto do Forte da Trafaria para um novo centro de artes e tecnologias surge da reabilitação, adaptação e ampliação das preexistências, desenvolvido através de um processo de subtração, reutilização e adição.

### - Subtração de volumes

A primeira fase deste processo incidiu sobre os volumes que ao longo dos anos foram sendo anexados ao conjunto original, cujo valor arquitetónico não justificava a sua reabilitação. Também se optou pela demolição de um dos edifícios originais localizados no exterior do limite do muro, pois a sua linguagem arquitetónica e volumetria foi alterada, permitindo assim uma maior clareza da linha do muro.

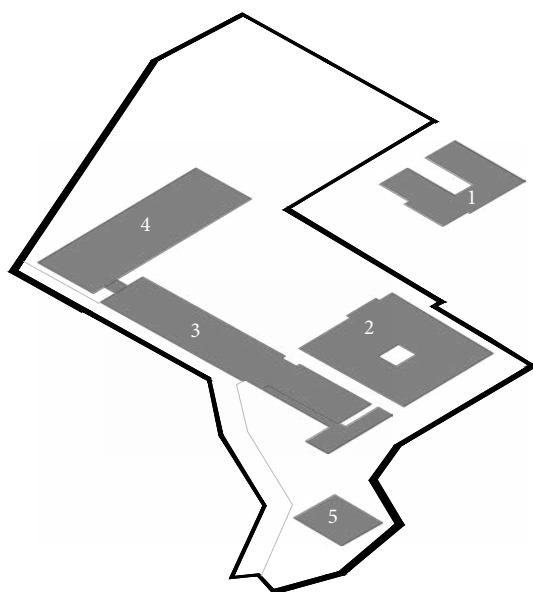
No interior dos edifícios preexistentes a nível de intervenção foi mínimo, optando-se por abrir pontualmente alguns vãos que permitissem a passagem entre espaços.



53. Axonometria - Edificado demolido

### [re]utilização das preexistências

A segunda fase de desenvolvimento do projeto arquitetónico consistiu na análise dos edifícios preexistentes, procurando perceber as suas potencialidades físicas e espaciais de modo a adaptar o programas proposto aos espaços, albergando as funções de carácter público no pisos térreos e as de carácter privativo nos pisos superiores.



54. Axonometria - Edifício rehabilitado

No edifício 1, o único de todo o conjunto que se encontra fora dos limites do muro e que se relaciona diretamente com a Praceta do Porto de Lisboa, propõe-se a criação de uma cafetaria/restaurante de apoio ao espaço público da praceta, com a intenção de o seu uso também se estender para o exterior e dinamizar este espaço. Na parte tardoz do edifício localiza-se a zona de cargas e descargas, permitindo o acesso direto à entrada de serviço.

O edifício 2 alberga no piso térreo a zona de serviços públicos como a loja, reprografia, secretaria e também a sala de professores. O espaço da igreja, anteriormente ocupado por atividades religiosas, é agora um espaço polivalente onde podem ocorrer reuniões, pequenas conferências ou exposições. O piso superior, mais privativo, alberga espaços de ensino e a parte administrativa do complexo.

No piso térreo do edifício 3, o antigo refeitório é agora ocupado por um auditório polivalente, um espaço amplo e com um pé-direito alto que permite a sua adaptação a diversos tipos de eventos. Ao lado deste encontra-se uma pequena cafetaria que se relaciona diretamente com o jardim formal, servindo de apoio aos docentes e discentes em geral mas também de apoio ao auditório. Encontramos também alguns gabinetes de trabalho que se estendem para o piso superior, assim como um antigo salão que dá lugar a uma sala de trabalho comum.

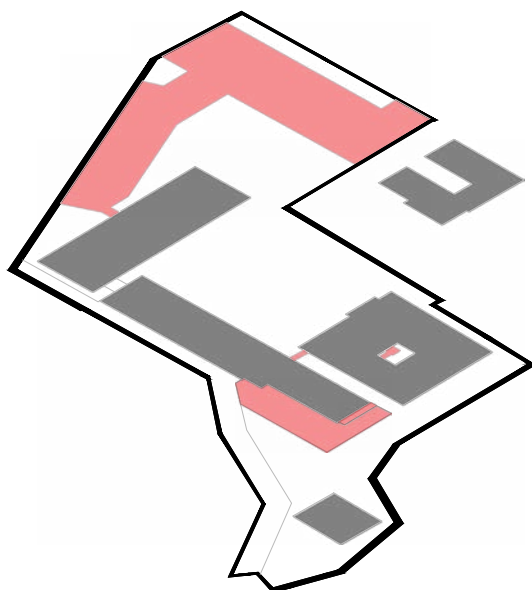
O edifício 5, o mais emblemático, traduz com clareza a função que marcou este conjunto arquitetónico – a função de presídio. No piso térreo, acessível a qualquer pessoa, as celas e o corredor são utilizados como zona expositiva, cuja intenção é divulgar a sua história e dar a conhecer a importância do papel da Trafaria na defesa de Lisboa. No piso superior, existem pequenos estúdios individuais onde os estudantes se podem dedicar aos seus trabalhos e investigações de modo intenso e introspetivo.

Por fim, optou-se por albergar em ambos os pisos do edifício 5 o centro de documentação. Sendo o volume mais isolado de todo o conjunto demonstrou ser o mais adequado para a função, um espaço sossegado que facilita a concentração.

#### **[+] Adição de um novo volume e de “veias e artérias”**

A terceira fase consistiu na adição de novos volumes para albergar parte do programa que não se adequava aos espaços preexistentes, sendo o caso daqueles que requerem infraestruturas de maior porte. Também foi adicionado um conjunto de “veias e artérias” para permitir que o complexo funcione com um único sistema, com acessos verticais e horizontais que facilitam a circulação entre os diversos edifícios, incluindo a acessibilidade a indivíduos de mobilidade reduzida.

Um novo volume para albergar as valências que necessitam da maiores infraestruturas surge na parte tardoz do edifício das celas, desenvolvendo-se paralelamente à linha do muro como se pertence-se a este, dando-lhe uma nova espessura e permitindo definir uma nova praça dentro do Forte. A entrada principal localiza-se o zona sul desta praça, onde um lounge de duplo pé-direito é iluminado através de um pátio interior, que se relaciona com o muro original do conjunto.



55. Axonometria - Edificado construído

No interior deste novo edifício encontramos a componente produtiva do Centro de Artes e Tecnologias, como as oficinas de artes, um espaço amplo com duplo pé-direito, que através dos seus vãos envidraçados permite relacionar-se com quem passa pela nova praça, havendo a possibilidade também de desenvolver parte do trabalho de oficina no exterior. Junto a esta temos quatro salas para as aulas práticas e pontuais workshops, que são iluminadas através do pátio que se cria entre o novo edifício e o muro do Forte, permitindo que estes também desenvolvam trabalhos num exterior mais privativo. No piso superior encontramos um corredor de circulação, com uma parede envidraçada virada para as oficinas de artes, que une as diversas salas de informática.

No lado oposto da componente de produção foi desenhando um grande espaço, amplo e com um pé-direito elevado, para albergar uma componente expositiva. O objetivo deste espaço é variado e foi desenhado para ser utilizado em diversos contextos, sendo previsto a sua utilização tanto para expor e apresentar trabalhos do próprio centro como eventos exteriores.

Outro novo edifício também é desenhado junto ao auditório, este desenvolve-se como que a flutuar em cima da preexistência com o objetivo de complementar a componente teórica do Centro de Artes e Tecnologia, dado que os espaços disponíveis não tinham área suficiente.







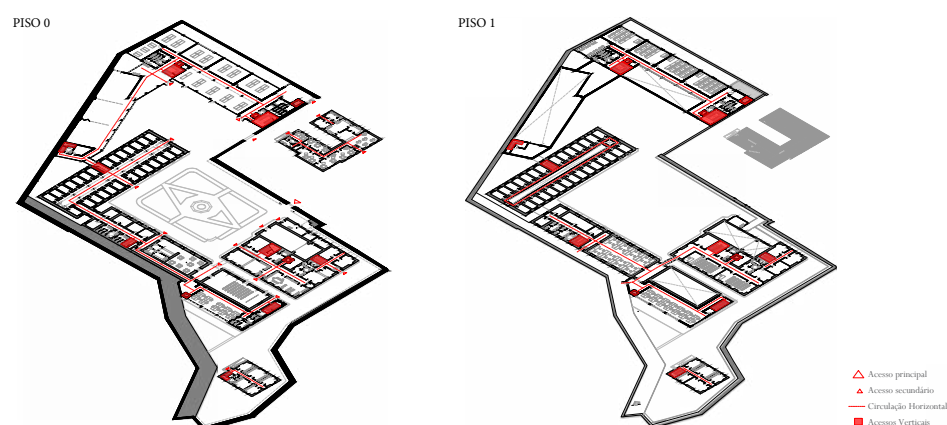
# LEGENDA:

1. Reprografia
2. Loja de materiais
3. Sala professores
4. Secretaria
5. Serviços administrativos
6. Sala de conferências
7. Centro de documentação
8. Sala polivalente
9. Sala de trabalho
10. Cafetaria
11. Gabinetes
12. Zona expositiva
13. Oficinas
14. Salas práticas
15. Lounge
16. Zona Polivalente
17. Cargas e descargas
18. Restaurante/Cafetaria de apoio à praça
19. Cozinha

56. Planta Piso 0

Os acessos verticais foram estrategicamente colocados de modo a serem o menos intrusivos possível, como é o caso do saguão do edifício 2 e na fachada lateral do edifício 3. Este último insere-se num dos volumes desenvolvidos e permite também o acesso à plataforma que se encontra numa cota mais elevada.

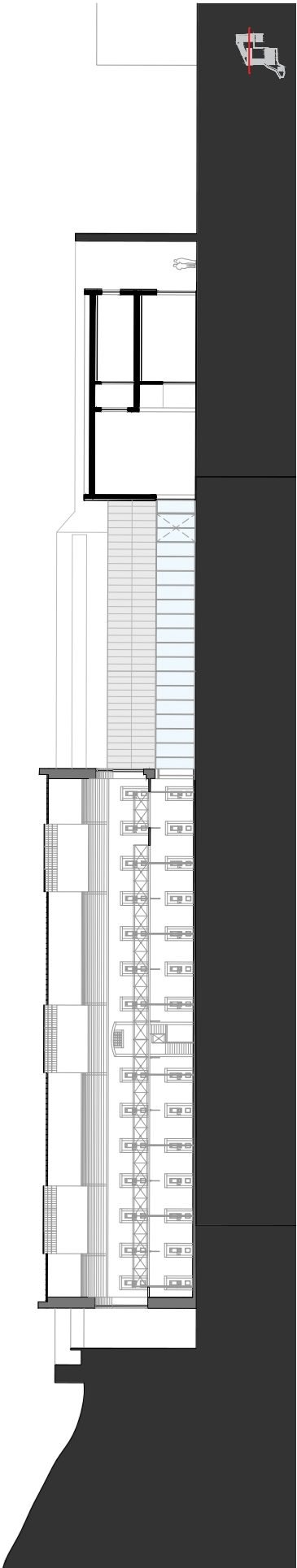
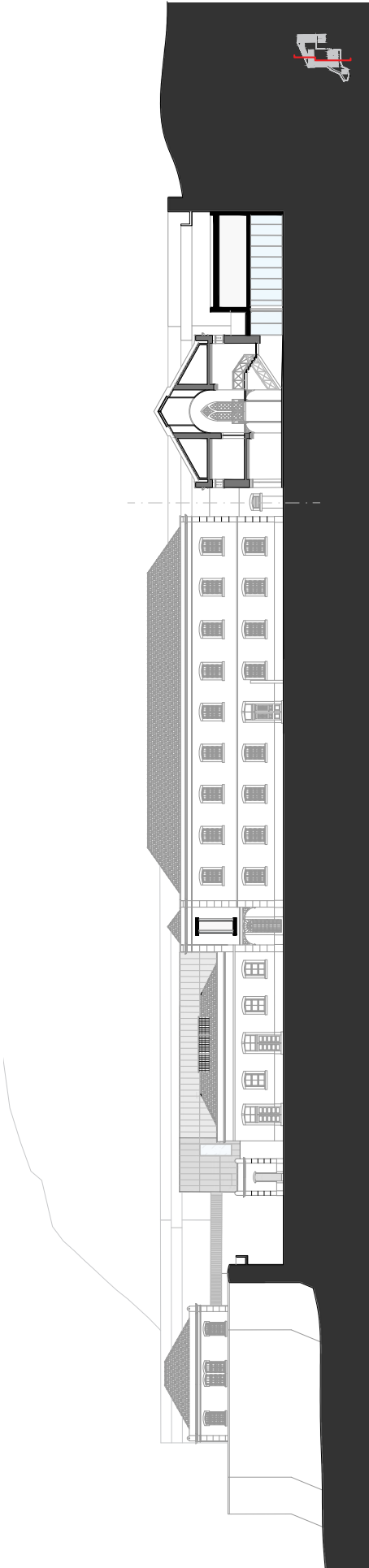
Ao nível dos acessos horizontais é desenhada uma ponte coberta e envidraçada que trata de fazer a conexão entre os pisos superiores do edifício 2, 3 e o novo volume que a este se adiciona. Uma pontual conexão também é concebida entre o volume das celas e o novo, permitindo circular entre eles.



57. Axonometria - circulação horizontal e vertical

### Materialidades

Para novos volumes, com um sistema estrutural em betão armado, os revestimentos exteriores escolhidos foram o vidro e chapas de zinco verticais. A ideia traduzida na distribuição do programa, onde os pisos térreos albergar as funções mais públicas, refletiu-se através da colocação de uma fachada envidraçada em todo o seu perímetro, permitindo assim uma relação entre o interior e exterior e uma maior permeabilidade. Já nos pisos superiores, de funções mais privadas e partes da fachada que não se relacionam com a envolvente, são revestidas com chapas de zinco colocadas na vertical, contrastando assim com os edifícios preexistentes.



58. Cortes



## **6|** **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



As estruturas militares desempenharam um papel importante na história e crescimento do nosso território ao longo dos séculos. Apesar de ser um património pouco explorado, tem vindo a ganhar cada vez mais relevo na nossa sociedade, pois constituem parte das nossas paisagens urbanas e rurais.

No entanto, o pós-guerra levou ao abandono de muitas destas construções, deixando espaços devoluto e em alguns casos ruínas em risco de desaparecer, que guardam memórias ligadas à defesa do nosso território, que deixaram de ter utilidade na cidade atual.

Peças marcantes da nossa sociedade merecem ser conservadas, transmitindo a sua identidade às gerações futuras. A preservação destas construções deve ser incentivada, através do desenvolvimento de propostas de intervenção fiáveis e que não destruam estes edifícios,

A análise de outros casos de reutilização do património permitiu entender que é necessário respeitar a forma e a memória dos lugares e que estes podem ser alvo de projetos de reutilização, desde que estes se adaptem às necessidades locais, reintegrado as construções não só na paisagem urbana mas também na memória da população.

O lugar extremo do Tejo, desintegrado do seu contexto urbano, alberga uma estrutura que desencadeou a formação deste povoado, o Forte da Trafaria.

A importância de reutilizar este conjunto, devolvendo-o à cidade e aos seus habitantes, através da valorização da identidade dos seus espaços.





## 7| BIBLIOGRAFIA

Aguiar, José (1999) *A Conservação da Identidade do Património Urbano e o Lugar das Novas Architecturas*. In: 1º Fórum Internacional de Urbanismo: 'Estratégias de Reabilitação dos Centros Históricos' jan , Vila Real, URBE

Aguiar, José (2002) *Cor e Cidade Histórica: Estudos Cromáticos e Conservação do Património*. 1ª edição. Porto, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Aguiar, José (2010) *Após Veneza: do Restauro Estilístico para o Restauro Crítico (1964-1980)*. In: 100 Anos de Património, Memória e Identidade. Portugal, 1901-2010. Lisboa: IGESPAR, pp.219-237

Aguiar, José; Pacheco, Pedro (2018) *Lisboa, Construir no (e com o) Construído: Reabilitar o Património Militar, Desenhar Novas Centralidade*. Lisboa, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Almeida, Carlos A. F. (1896) *História da Arte em Portugal - O Românico*. Volume 3. Lisboa, Publicações Alfa

Barranha, Helena (2016) *Património Cultural: Conceitos e Critérios Fundamentais*. 1ª edição. Lisboa, IST Press e ICOMOS-Portugal

Barroso, José et al (1982) *Trafaria - A Comunidade e o Recreio*. Almada, Universidade Nova de Lisboa

Berger, José Paulo (2018) *A Fortificação e a Artilharia de Costa na Defesa do Porto de Lisboa*. In: Aula: 'Fortificação e Arquitetura Militar', 17 oct 2018, Ajuda, Faculdade de Arquitetura

Carta de Veneza

Choay, Françoise (2001) *A Alegoria do Património*. Edition. Ed.: Estação Liberdade

Gonçalves, Elisabete; Silva, Francisco; Dias, Vanessa (2013) *Actas: 1º Encontro Sobre Património de Almada e do Seixal*. Almada, Centro de Arqueologia

Inês Lobo Arquitectos (n.d.) *Art and Architecture Faculty* [online]  
1(consultado a 07/05/2019)

Klupsz, Lidia (2008) *The Spirit of Military Heritage Places*. In: 16th ICOMOS General Assembly and International Symposium: 'Finding the spirit of place - between the tangible and the intangible', 29 set - 4 oct 2008, Quebec, Canada

Leal, Carlos Barradas (2014) *OuTrafaria*. Trafaria, Junta da União das Freguesias de Caparica e Trafaria

Lobo, Francisco de Sousa (2015) *A Defesa de Lisboa: Linhas de Torres Vedras, Lisboa, Oeiras e Sul do Tejo (1809-18014)*. Cascais, Tribuna da História

Nieto Sobejano Arquitectos (n.d.) *San Telmo Museum* [online] disponível em: [http://www.nietosobejano.com/project.aspx?i=3&t=\\_MUSEO\\_SAN\\_TELMO](http://www.nietosobejano.com/project.aspx?i=3&t=_MUSEO_SAN_TELMO) (consultado a 02/10/2019)

Noé, Paula (2014) *Guia de Inventário: Fortificações Medievais e Modernas*. Sacavém, Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU)

Nunes, António L. P. (2005) *Dicionário de Arquitectura Militar*. Casal de Cambra, Caleidoscópio

Petzet, Michael (2008) *Genius Loci - The Spirit of Monuments and Sites*. In: 16th ICOMOS General Assembly and International Symposium: 'Finding the spirit of place - between the tangible and the intangible', 29 set - 4 oct 2008, Quebec, Canada

Procuradoria Geral-Distrital de Lisboa (2001) *Lei de Bases do Património Cultural – Lei nº 107/2001, de 08 de Setembro* [online] disponível em: [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=844&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=844&tabela=leis) (consultado a 04/01/2019)

Silva, Francisco; Dias, Vanessa (2015) *Actas: 2º Encontro Sobre Património de Almada e do Seixal*. Almada, Centro de Arqueologia

Soares, Manuel Lourenço (1986) *Trafaria e sua Toponímia*. 1ª edição.  
Almada, Câmara Municipal de Almada

Sousa, R. H. Pereira (1981) *Fortalezas de Almada e seu Termo*. Almada,  
Arquivo Histórico da Câmara Municipal

## ANEXOS

Anexo I | Cartografia Histórica e de Referência

Anexo II | Registo Fotográfico e de Referência

Anexo III | “450 Anos de História: O Presídio e a Trafaria” Painéis Exposição, CMA

Anexo IV | Levantamento das Infraestruturas do Exército - Forte da Trafaria

Anexo V | Processo de Trabalho

Anexo VI | Paineis Finais

## Anexo I | Cartografia Histórica e de Referência



1617 - Mapa de Almada Concelho

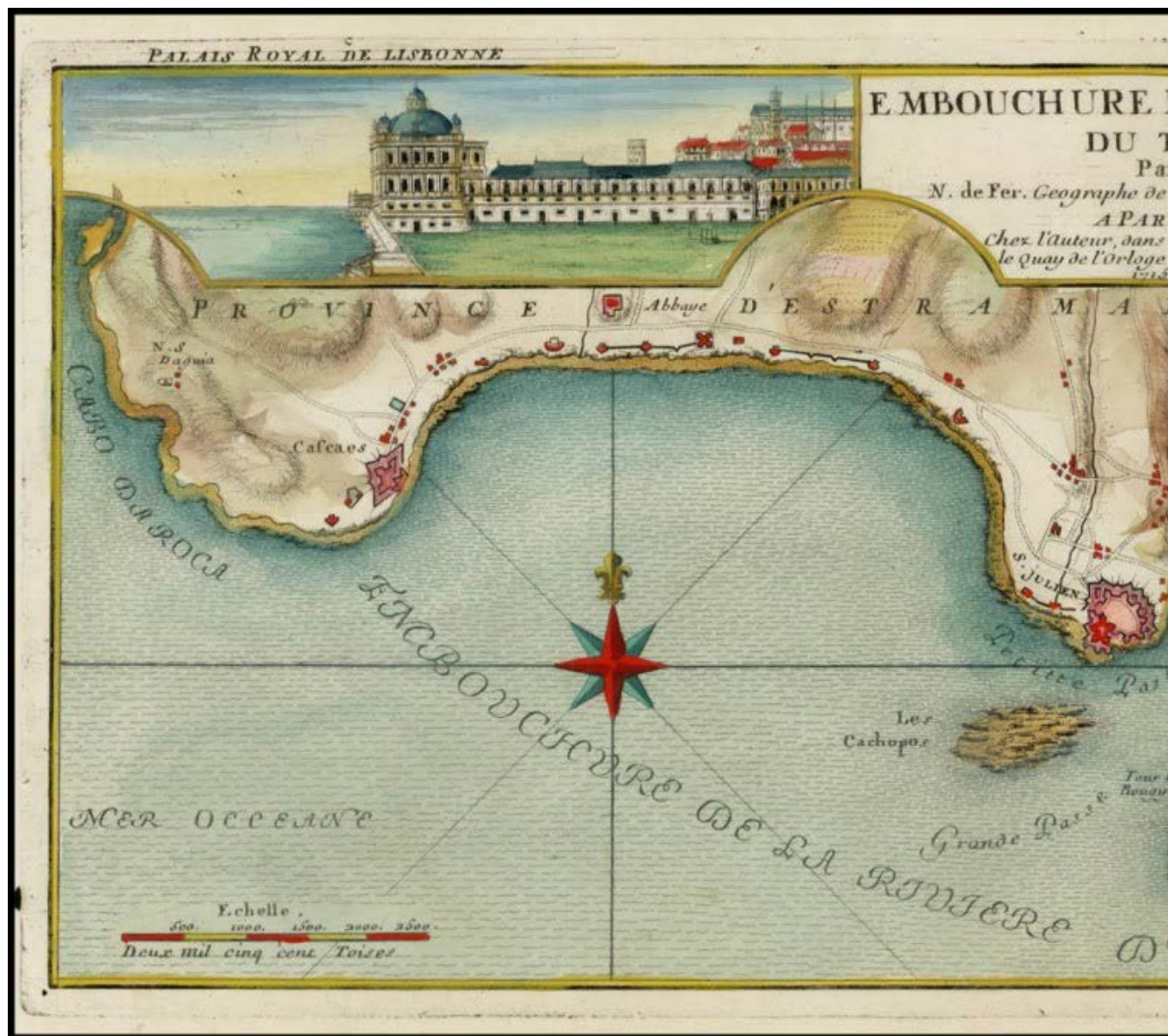




1634 - El Atlas del Rey Planeta (detalhe)

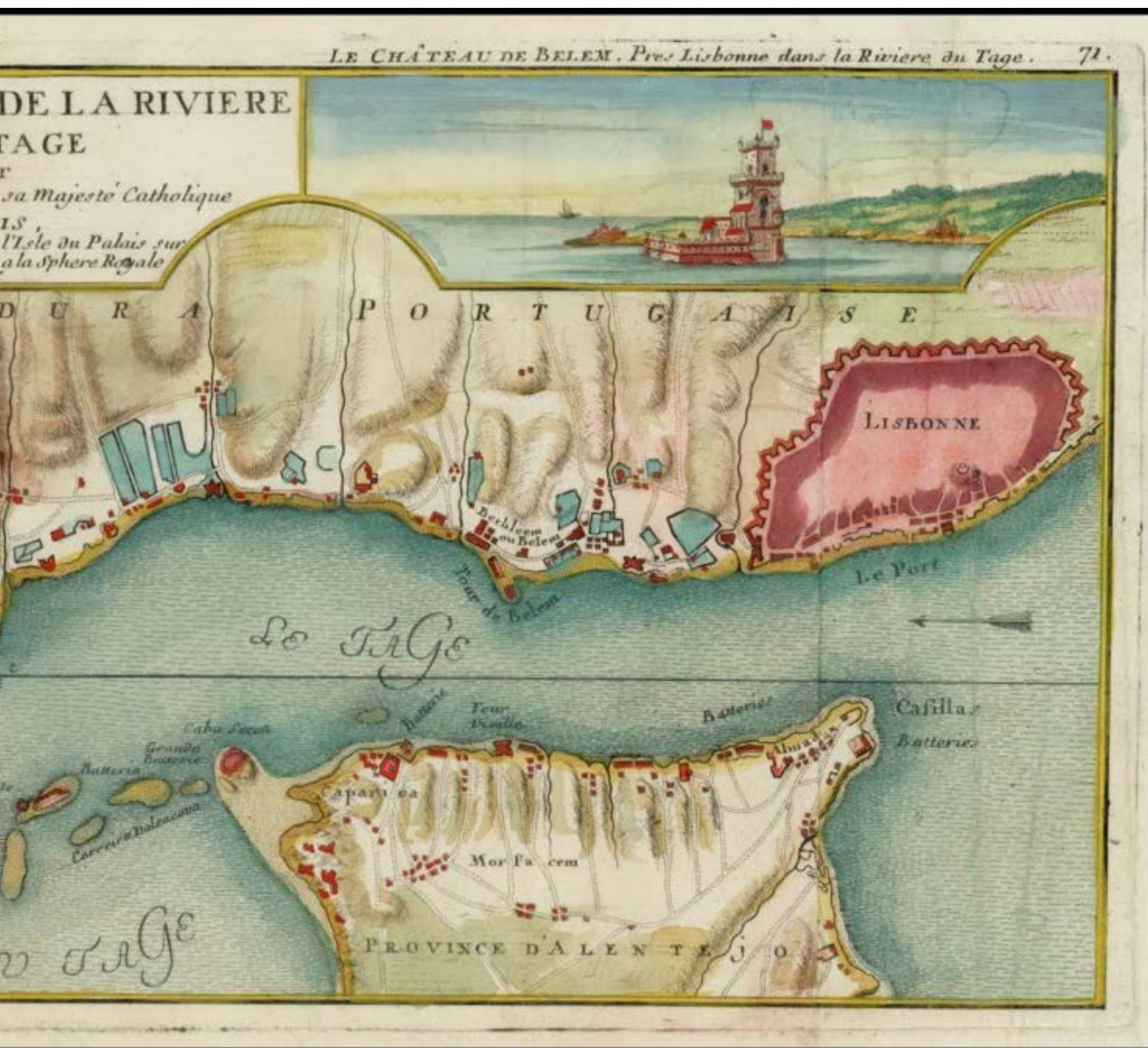


1642 - A barra do Tejo baseada no Regimento de Pilotos



1715 - Mapa Embouchure de la Riviere Du Tage

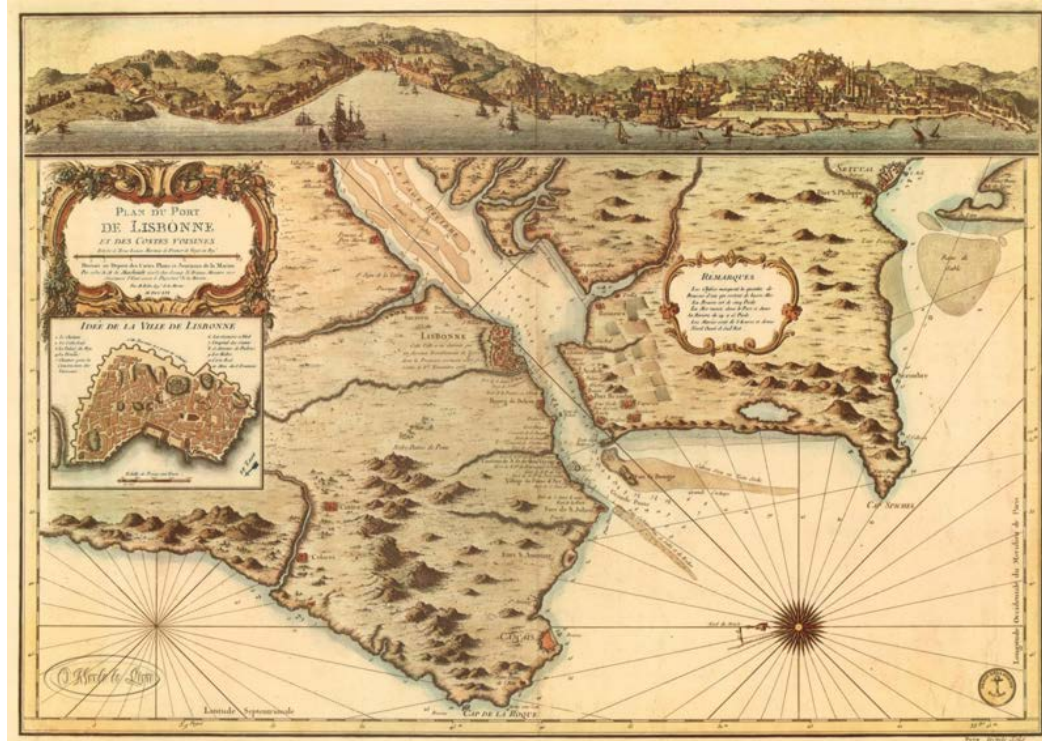








1756 - Plan du Port de Lisbonne et de ses Costes Voisinnnes



1756 - Plan du Port de Lisbonne et de ses Costes Voisinnnes



1810 - Mapa A military sketch of the country between Lisbon and Vimeiro occupied by the British Army





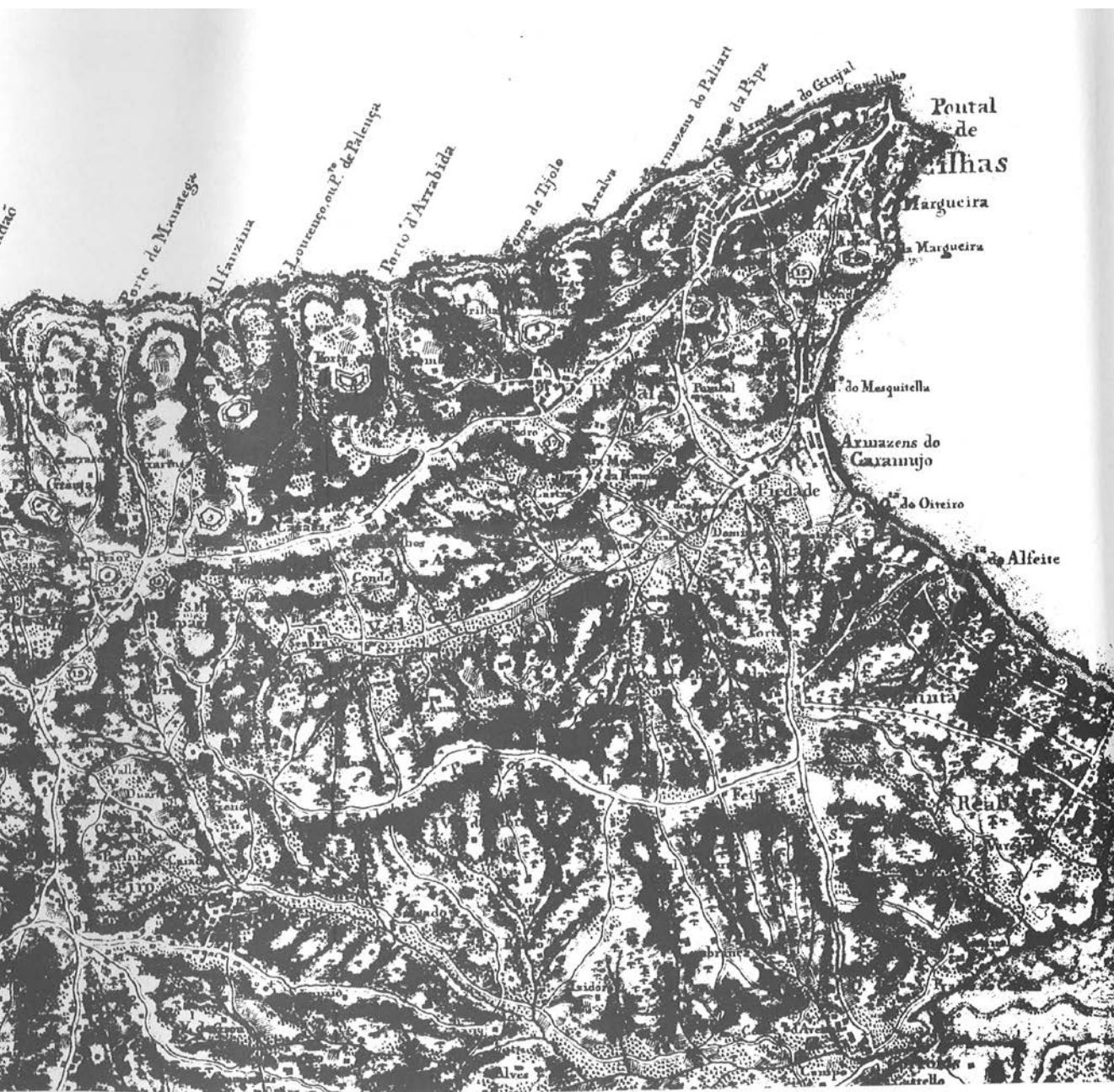
1810 - Esboço do terreno da margem esquerda do Tejo, extendendo-se de Almada à Trafaria, entrincheirado como posição militar





1813 - Carta Topográfica Militar





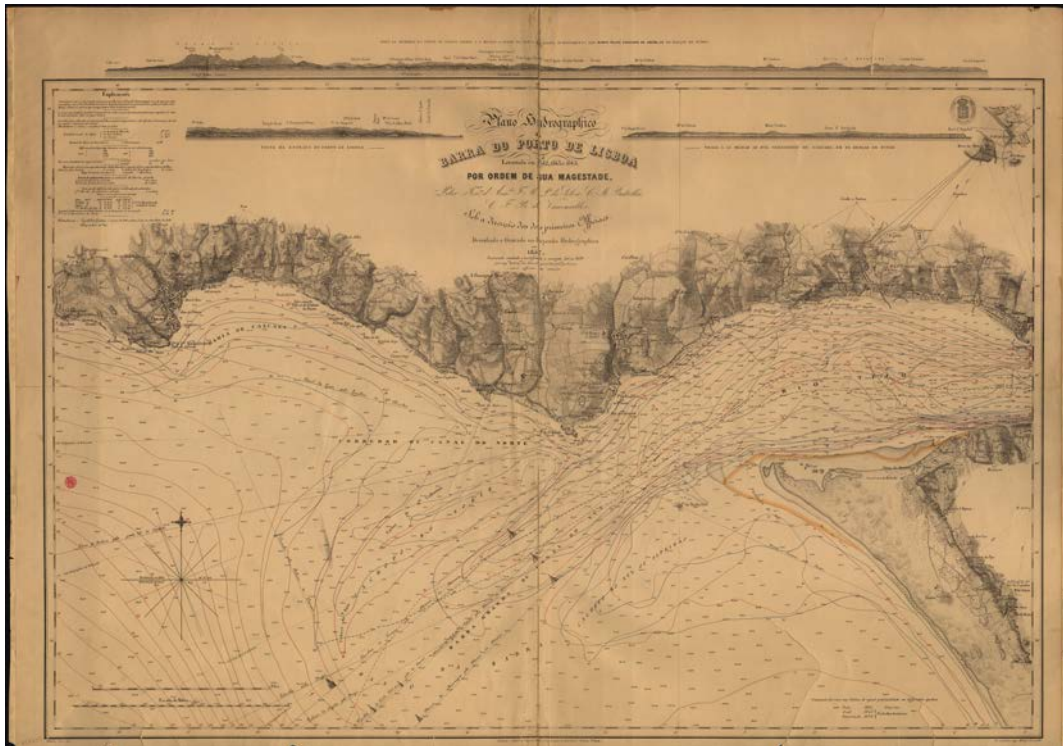


1813 - Carta Topográfica Militar da Península de Setubal (detalhe) José Maria das Neves Costa

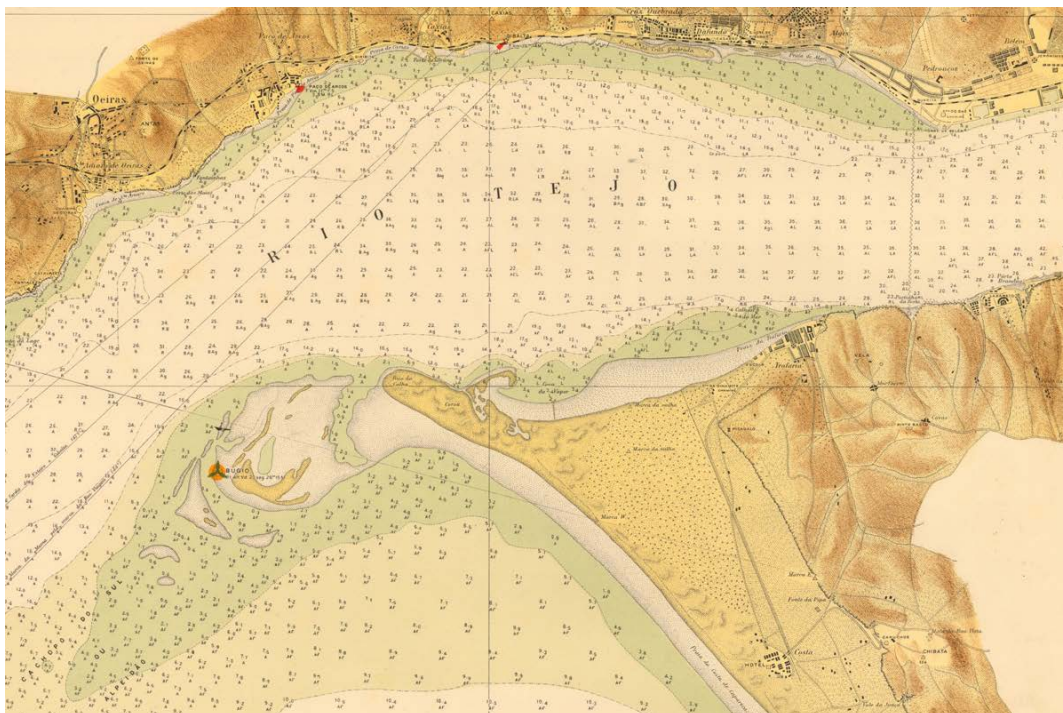


1820





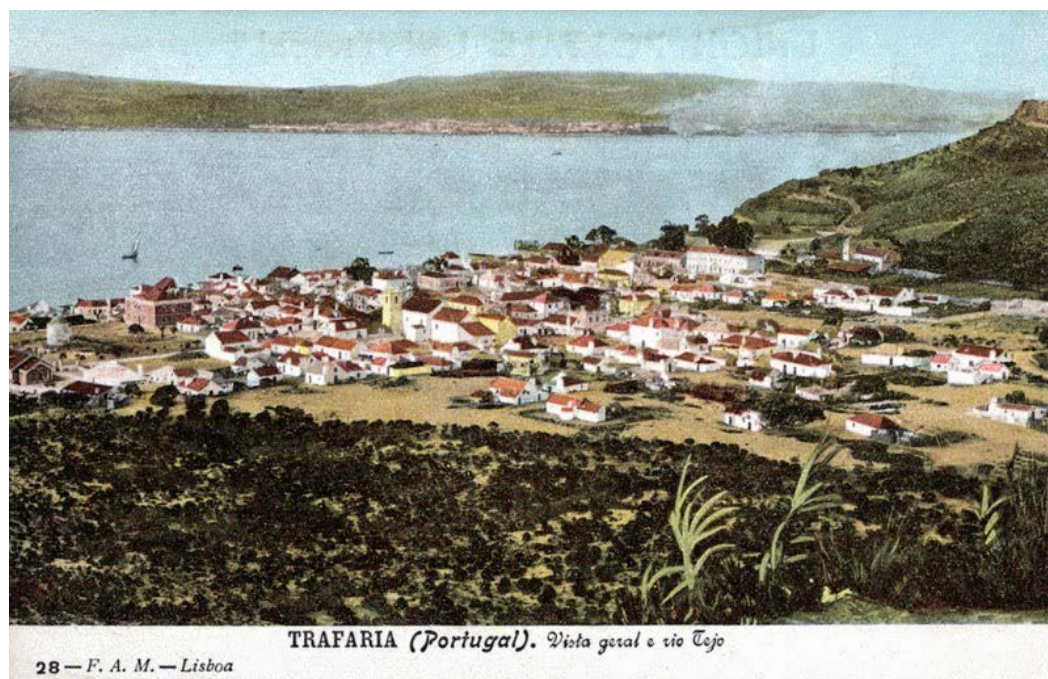
1857



1929 - Mapa Plano Hidrográfico da Barra do Porto de Lisboa



## Anexo II | Registo Fotográfico e de Referência



Década de 1900 - Trafaria (Portugal): Vista geral e rio, ed. Martins/Martins & Silva







Década de 1900 - Trafaria: Estrada da Costa, Ed. Manuel Henriques





Década de 1940 - Trafaria: Paragem de autocarros, Mário Novais



Década de 1930 - Trafaria: Avenida Florestal, ed. Alberto Aguiar





Início do século XX - Transporte de sardinha da Trafaria, Joshua Benoliel



Década de 1900 - Trafaria: Ponte de embarque, ed. Manuel Henriques



1954 - Os amantes do Tejo, Henri Verneuil



1933 - Trafaria, João Ribeiro Cristino da Silva





Trafaria: Rua 5 de Outubro



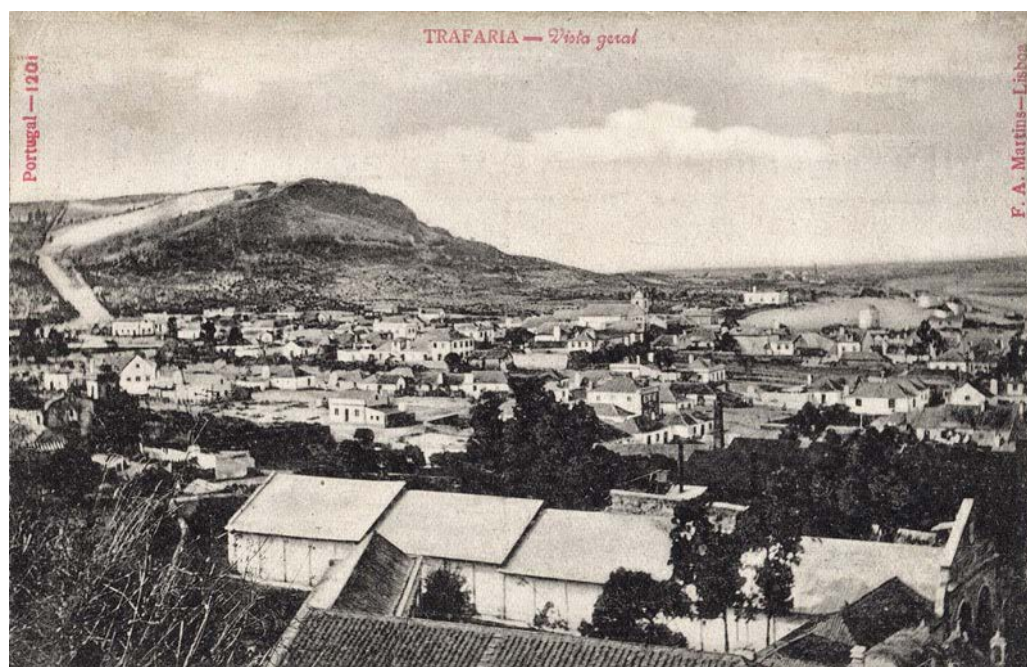
Década de 1900 - Trafaria: Praia de banhos, Ed. J. Quirino Rocha







Década de 1900 - Trafaria: Valle da Enxurrada, ed. J. Quirino Rocha



Década de 1900 - Trafaria: Vista geral, ed. Martins/Martins & Silva

Anexo III | “450 Anos de História: O Presídio e a Trafaria”  
Painéis Exposição, CMA



# IO ARIA

A Trafaria é um lugar extremo na foz do Tejo. A sua história está ligada à proteção da cidade de Lisboa contra doenças e epidemias que chegassem por mar. Pessoas e mercadorias faziam quarentena no "Impedimento", lugar onde mais tarde foi o Presídio.

A abundância de peixe e a proximidade da capital atraem à Trafaria pescadores e barqueiros, que atravessam o rio com passageiros e provisões. No início do século XX a Trafaria é praia da moda, mas também terra laboriosa com fábricas e novas construções.

Ao longo dos últimos 450 anos a Trafaria foi lugar de reclusão, de resistência, de partida e de chegada, de homens e mulheres participantes na história de Almada e de Portugal.

Desta forma a Câmara Municipal de Almada e o Centro de Arqueologia de Almada, divulgando uma história rica em acontecimentos e pessoas, procuram prever, no espaço que lhe deu origem, o futuro da Trafaria.

















## A PESCA E OS TRANSPORTES NA TRAFARIA

**Os primeiros habitantes da Trafaria** que não estavam diretamente ligados ao Lazareto, foram pescadores. A partir do século XVII famílias vindas da Beira Litoral e do Algarve, instalaram-se na Trafaria e na Frente Atlântica (Costa). A abundância de peixe e a proximidade da foz do Tejo impulsionaram a pesca, bem como o transporte de peixe para a capital.

**O Transporte para Lisboa do peixe pescado na Costa** era assegurado pelos marítimos da Trafaria. Atividade que envolvia diversas embarcações que aportavam na Trafaria. A partir de 1785 o transporte fluvial de mercadorias no Tejo passa a ser regulado no sentido de evitar o contrabando e a fuga aos impostos. Em 1864 é criada na Trafaria um posto de alfândega de Lisboa cobrando 1/15 sobre o valor do peixe vendido. Acelerando a importância da porta, em 1894 é instituída a Delegação Marítima da Trafaria.

**Associadas à pesca surgem durante o século XIX** fábricas de "bacalhau sarcofinado", uma Seca de Bacalhau instalada no Lazareto, substituída no mesmo local pela uma fábrica de adidos, perdendo a partir do peixe rejeitado para consumo. No início do século XX haviam três fábricas de conservas de peixe a laborar na Trafaria.



**Pescador da Trafaria**, após da revista Semanário Português, 26 de Janeiro de 1909



## A PRAIA DA TRAFARIA

**Quando os banhos de mar se tornaram populares**, com fins terapêuticos, a Trafaria foi uma das principais praias do país. A localidade transformou-se em estação balnear.

**Os "banhos da Trafaria"** trouxeram à praia centenas de crianças de Lisboa. Promovidos pela Assistência Nacional aos Tuberculosos e o jornal O Século, atraíram a atenção da rainha D.<sup>a</sup> Amélia, que visitou a Trafaria em 1907.

**As Casas de Praia, construídas pelos banhistas** de condição social elevada, inspiradas nos chões suíços, definiram o cara urbano da Trafaria. **A Praia de Banhos** contribuiu igualmente para o desenvolvimento do comércio local.

**Os banhistas desenvolveram a vida social e cultural** da Trafaria, dando origem a associações. No edifício atualmente conhecido como Casino estava instalado em "Clube dos Banhistas", que organizava festas e eventos recreativos. Este ambiente cultural influenciou os habitantes locais a criarem as suas próprias associações, como a Sociedade Recreativa Musical Trafariense, fundada em 1907.



**FOTOGRAFIA DA BANDA DA REAL SOCIEDADE RECREATIVA TRAFARIENSE EM 1909, APÓS A IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA PASSOU A DESIGNAR-SE SOCIEDADE RECREATIVA MUSICAL TRAFARIENSE.**

[Exibido: Sociedade Recreativa Musical Trafariense]



**CASA COMERCIAL MANUEL HENRIQUES**

Património Histórico do Freguesia de Santa Cruz (desenho: Carlos Salgueiro - CHA - Museu da Cidade de Lisboa)





# A INDÚSTRIA NA TRAFARIA

**Tirando partido dos ventos e do rio como via de transporte para receber e escoar o carvão e a fareja, em meados do século XVIII, existiam na Trafaria quatro moinhos de vento.**

**Associados à pesca,** surgiram durante o século XIX fábricas da "fanta de sardinha". Em 1825, a Sociedade de Pescarias Lisbonense instalou no Presídio uma Seca de Bocafina. Esta foi, mais tarde, substituída no mesmo local por uma fábrica de sardas (guarás), produzida a partir de peixe negligido para consumo. No início do século XX existiam também três fábricas de conservas de peixe a laborar na Trafaria.

**Em 1824 a Fábrica de Dinamite da Trafaria** instalou-se a pouco da proclamação do lugar do fardo. Uma indústria que empregava população local, mas cujos quadros técnicos eram maioritariamente franceses. A primeira fábrica de dinamite foi construída no local onde se encontra atualmente a Escola Básica da Trafaria. Na década de trinta do século XX, foi construída uma segunda fábrica de explosivos na zona da Cova do Vitor, que se manteve em laboração até 1966.

**Beneficiando da localização geográfica** na foz do Tejo e da profundidade do porto, iniciou-se na década de oitenta do século XX a construção de um complexo industrial de armazenamento de carvão e outros sólidos alimentares. Para a instalação dos silos foi realizado um aterro que provocou profundas alterações na paisagem da Trafaria.

**MOLINHOS DE VENTO NA PRIMA DA TRAFARIA. A DATA DA FOTOGRAFIA EM INÍCIO DO SÉCULO XX OS MOLINHOS JÁ NÃO ESTAVAM EM FUNCIONAMENTO.**

Pinhal subido do início do século XX. Colecção "Vento Carvão e Dinamite" - Museu da Cidade de Almada

Fábrica de explosivos da Cova do Vitor. C23 Colecção de Arqueologia da Almada

# O PRESÍDIO DA TRAFARIA

**A designação "Presídio"** a par de "impedimento" ou "Lazereta", identifica apenas uma das funções do conjunto edificadas.

A utilização do espaço como prisão remonta a 1751 quando os condenados ao degredo aqui aguardavam o embarque para as colónias.

**No início do século XIX,** quando das Investidas Francesas, as instalações prisionais encontravam-se superlotadas devido à necessidade de prender os prisioneiros franceses em barcos ancorados junto da Trafaria.

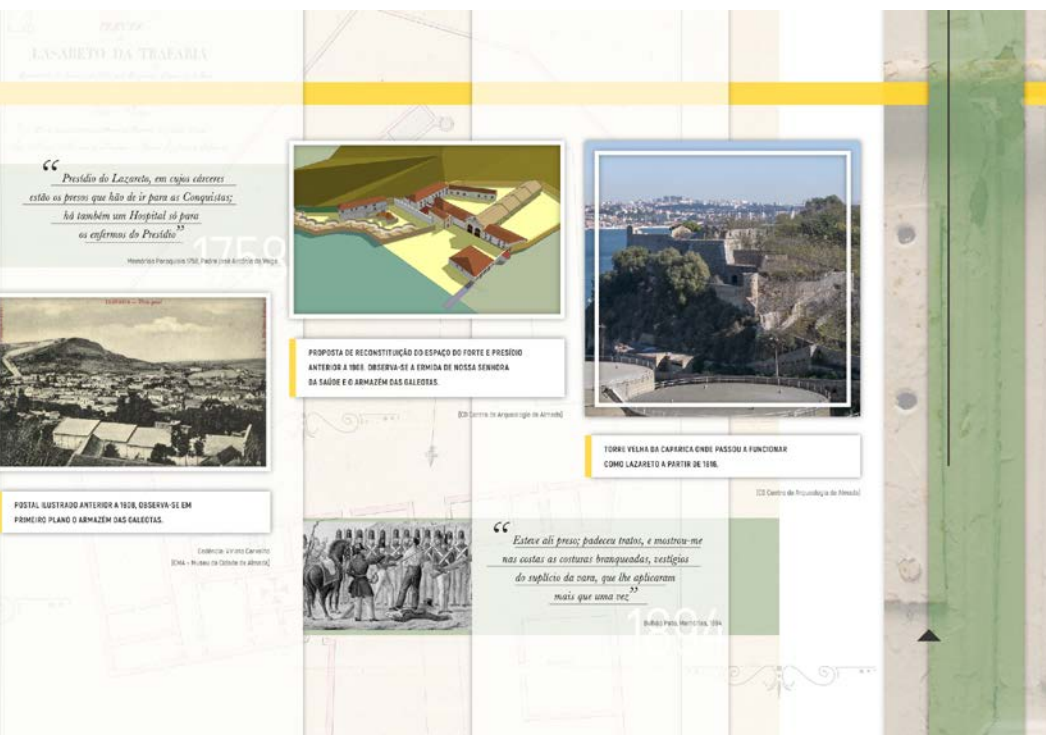
Devido às péssimas condições de salubridade em que permaneciam presos e doentes nas instalações da Trafaria, em 1816 o Lazareto é transferido para a Torre Velha da Cascais, ficando as instalações desocupadas.

**Durante o reinado de D. Miguel,** são realizadas obras no Presídio que a partir de 1830 volta a receber prisioneiros e degredados, na sua maioria liberais, sujeitos a severos castigos.

**Após a vitória liberal em 1833 e até 1908** os edifícios do Presídio são utilizados para diversas funções entre as quais: armazém das Galerias Reais, vivário de aves e até sala de espetáculos.

**NA PLANTA DO LAZARETO DA TRAFARIA DATADA DE 1821 NÃO ESTÁ REPRESENTADO O FORTE COM AS ESPLANADAS DE ARMAZENAGEM, MAS APENAS A ÁREA ONDE ATÉ HOJE ESTÁVAM INSTALADOS O HOSPITAL E A PRISÃO.**

Desenho do forte construído no Presídio - SICRAM



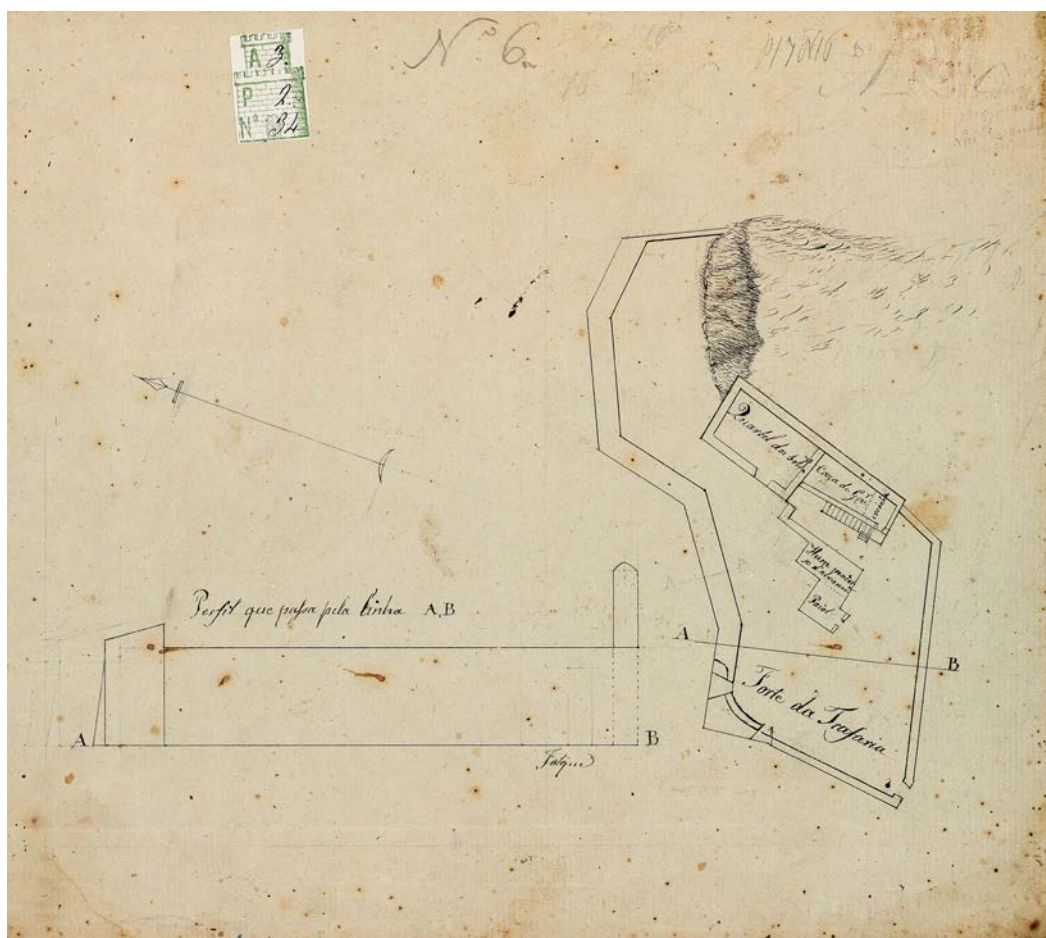




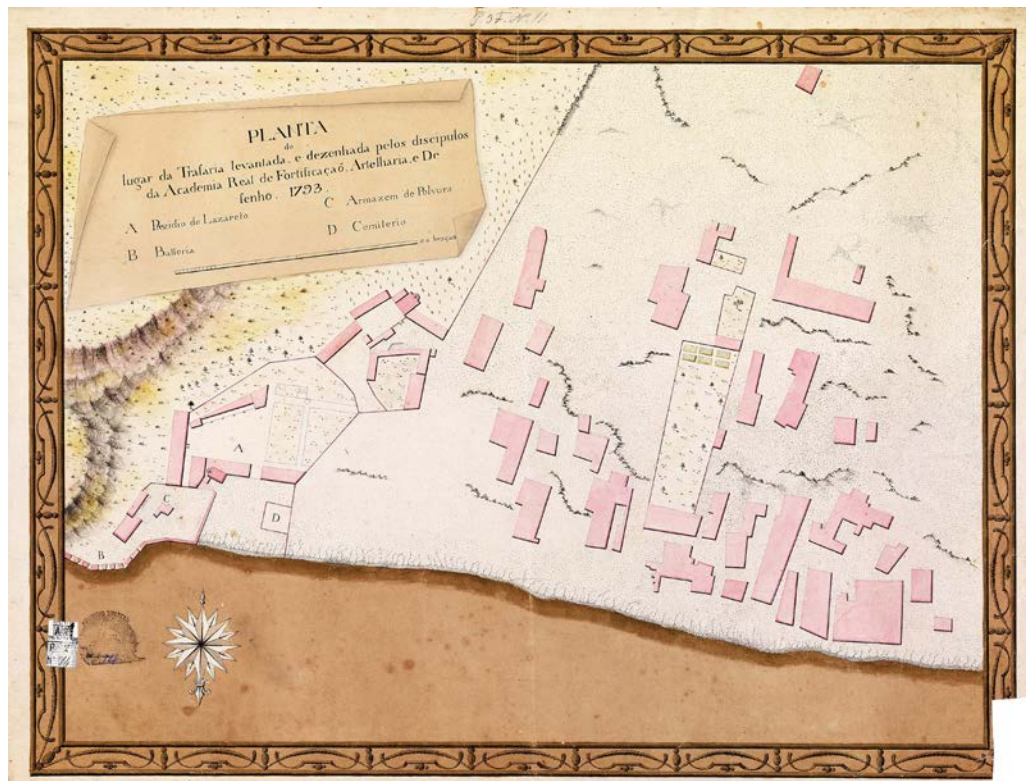


## Anexo IV | Levantamento das Infraestruturas do Exército

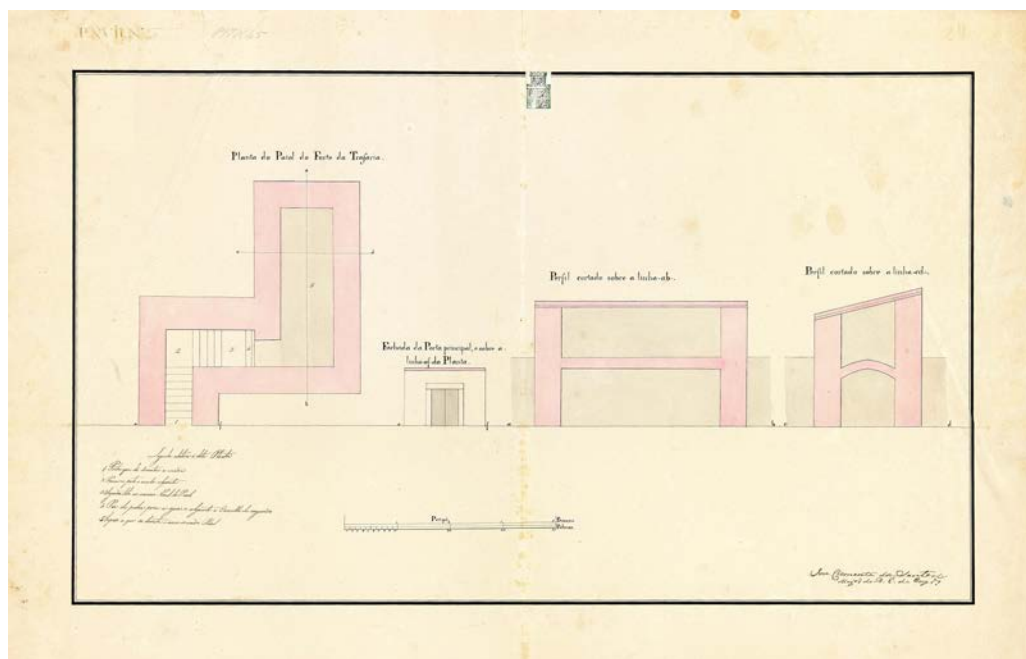
### Forte da Trafaria



1700/1900 - Forte da Trafaria, Autor desconhecido

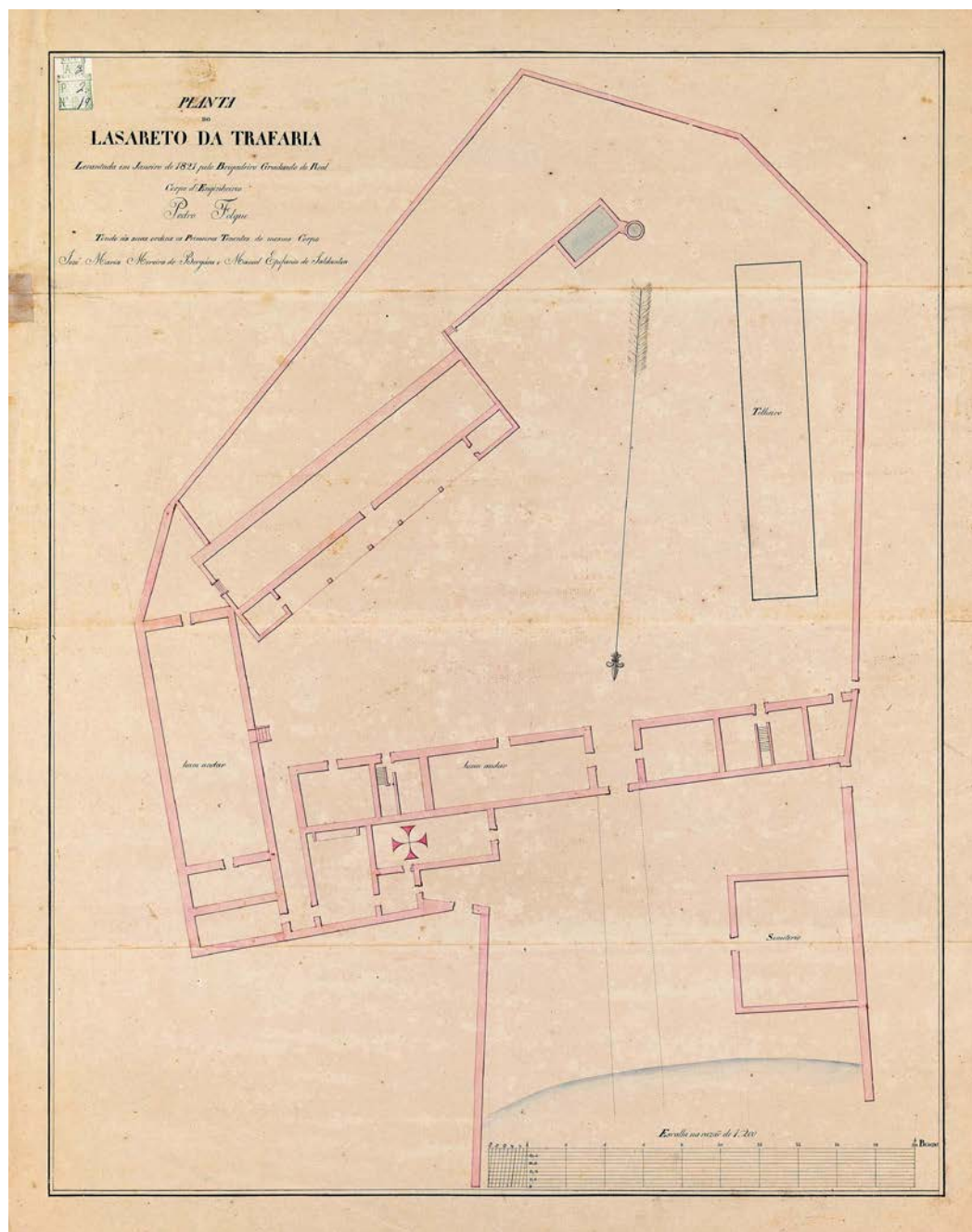


1793 - Planta do lugar da Trafaria, Discipulos da Academia Real de Fortificação, Artelharia e Desenho



1830 - Planta do paiol do forte da Trafaria; Fachada da porta principal e sobre a linha EF da planta; Perfil cortado sobre a linha AB; Perfil cortado sobre a linha CD, José Clemente dos Santos, Major do R. C. de Eng.os



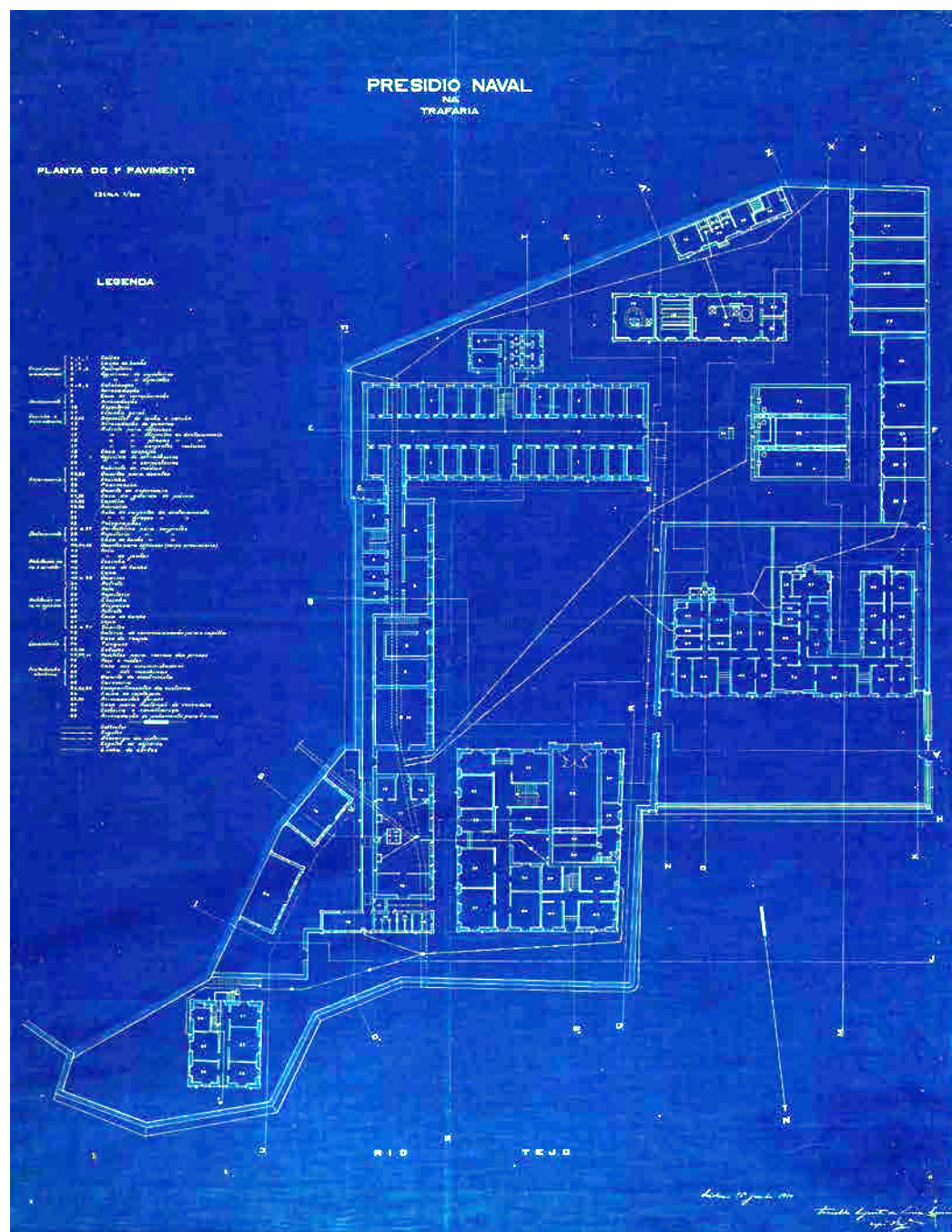


1821 - Planta do Lasareto da Trafaria, Brigadeiro Graduado do Real Corpo d'Engenheiros Pedro Folque

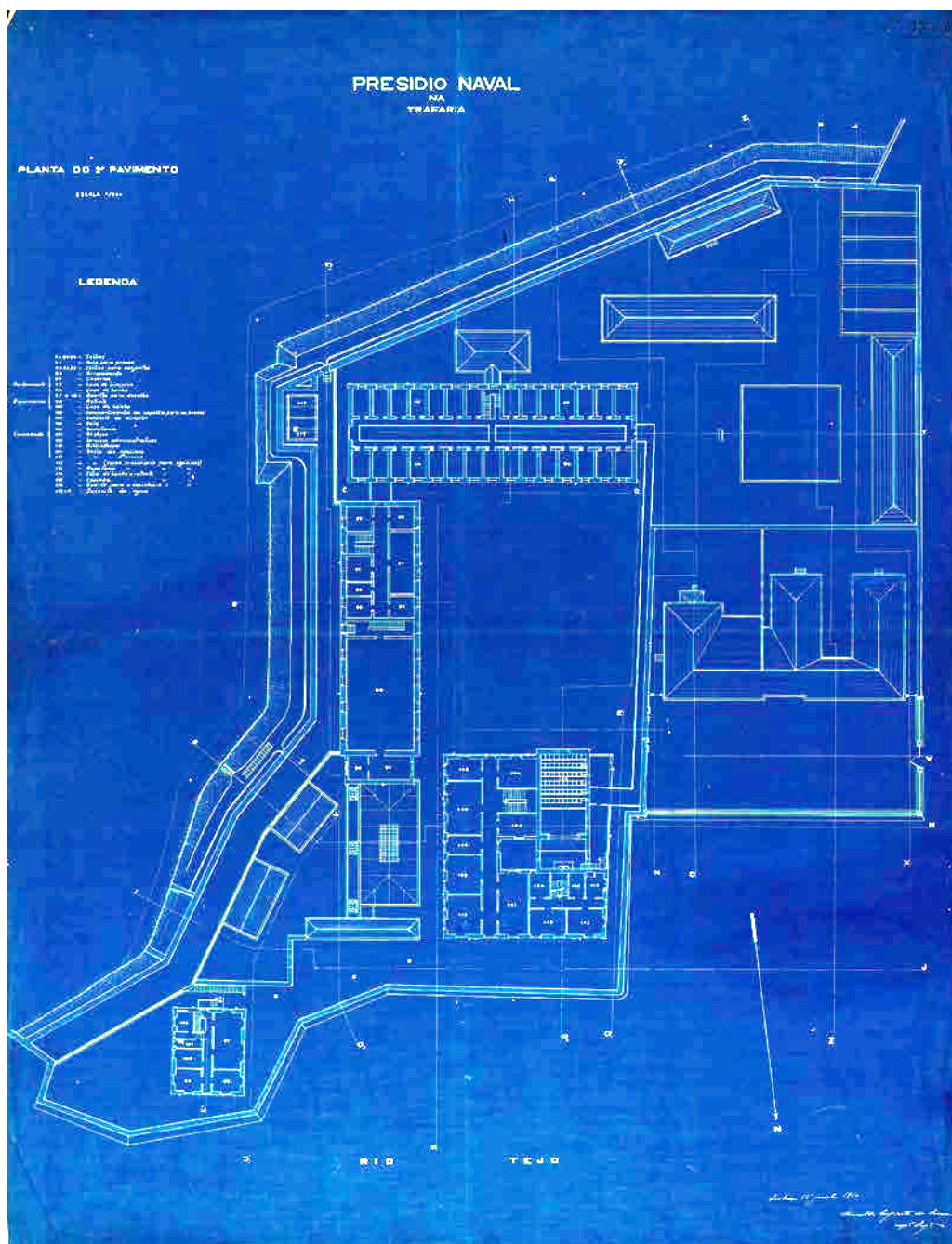




1857 - Esboço de planta dos armazéns da Trafaria; Bateria com três plantas- forma, Autor desconhecido



1910 - Presidio naval da Trafaria: planta do 1º pavimento, Cap. d'Eng.<sup>a</sup> Arnaldo Augusto de Sousa

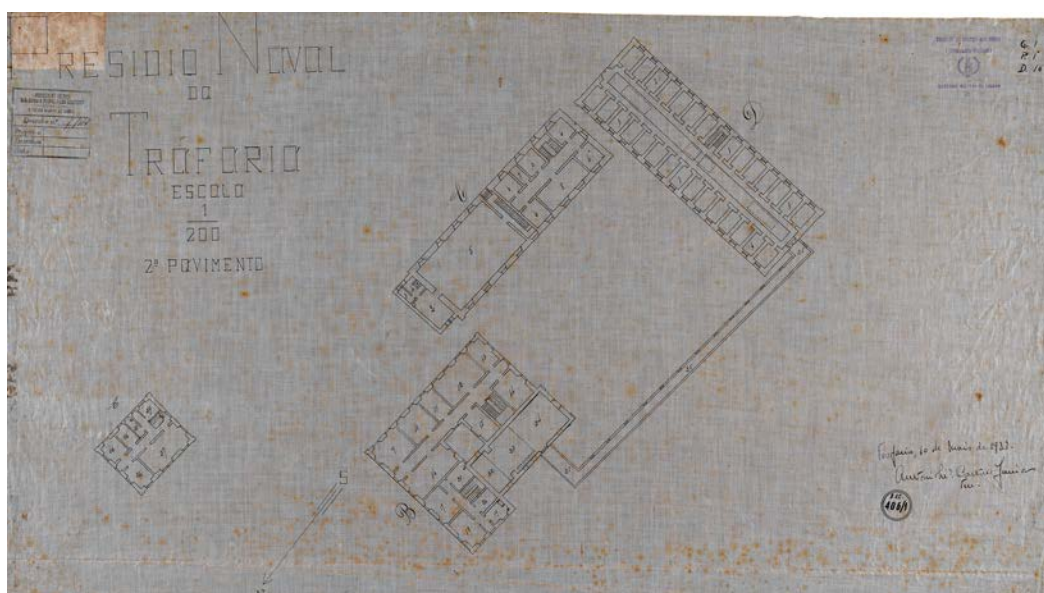


1910 - Presidio naval da Trafaria: planta do 2º pavimento, Cap. d'Eng.<sup>a</sup> Arnaldo Augusto de Sousa





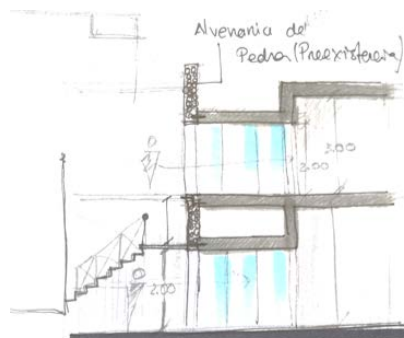
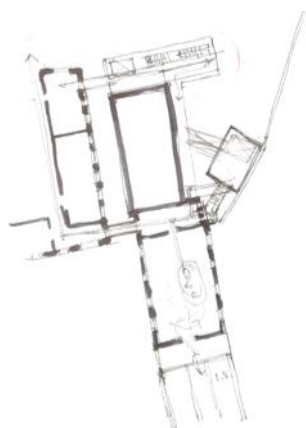
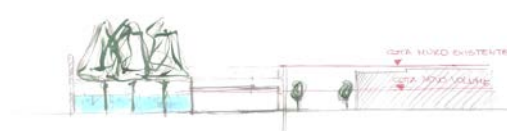
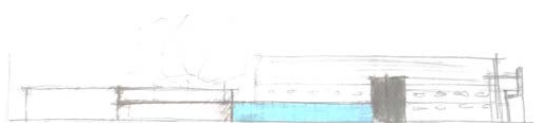
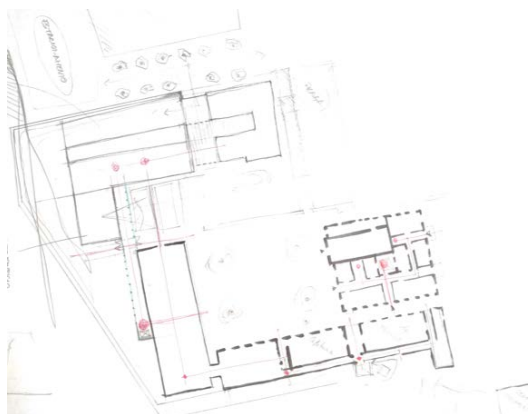
1933 - Presidio naval da Trafaria: 1º pavimento, Ten. Inf.ª Antonio M.ª Cartaxo Junior

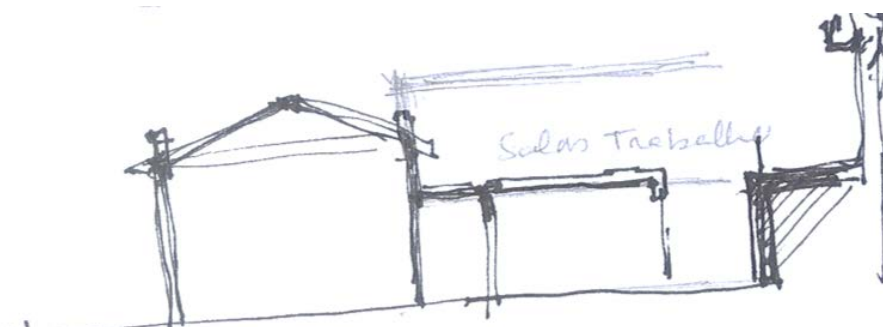
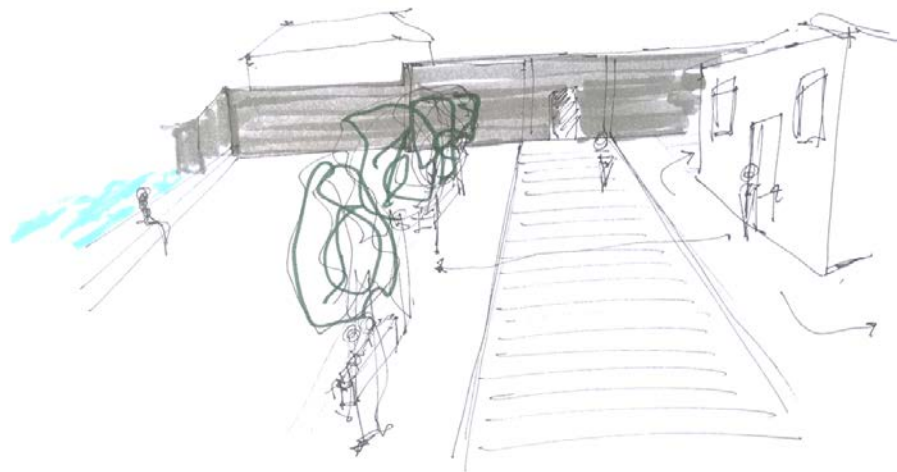
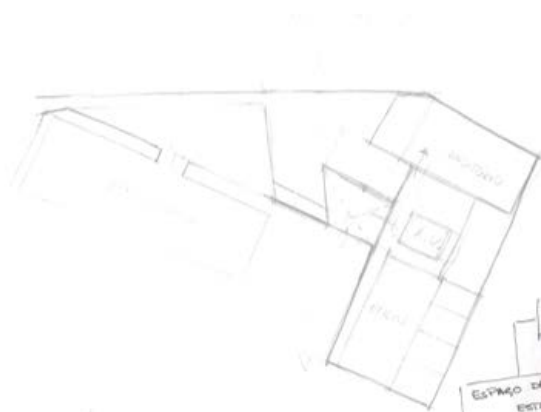
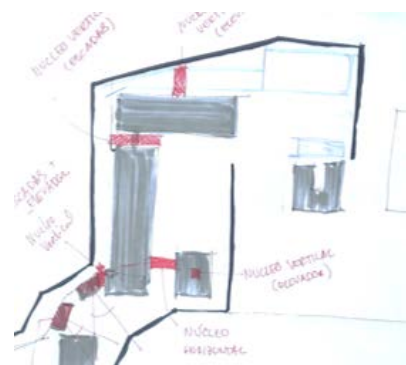
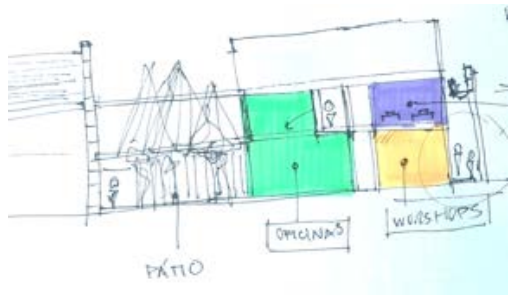


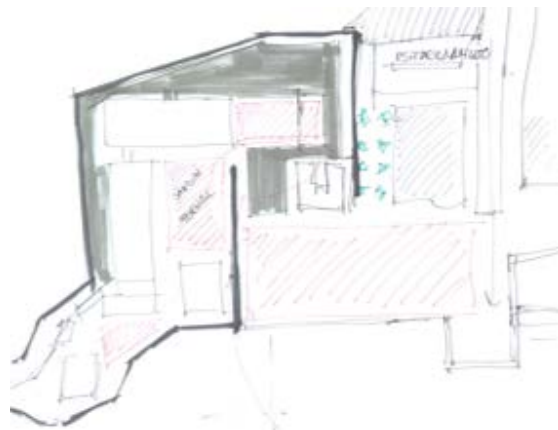
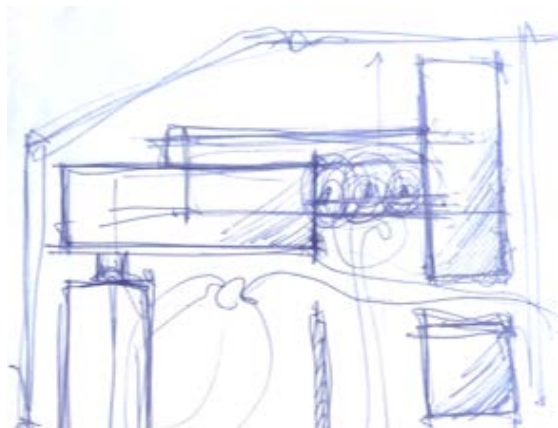
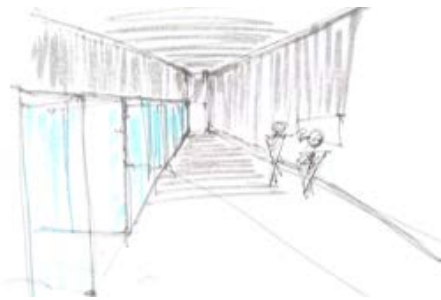
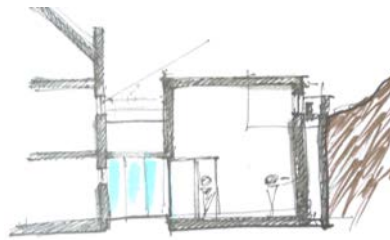
1933 - Presidio naval da Trafaria: 2º pavimento, Ten. Inf.ª Antonio M.ª Cartaxo Junior



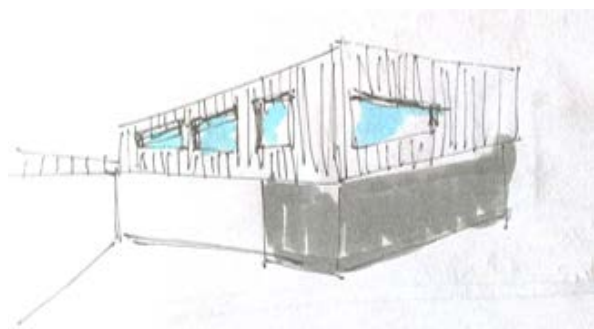
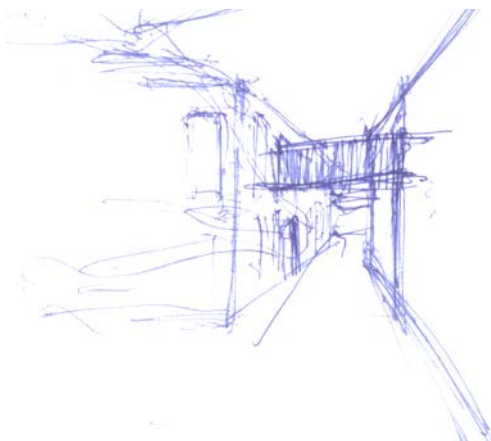
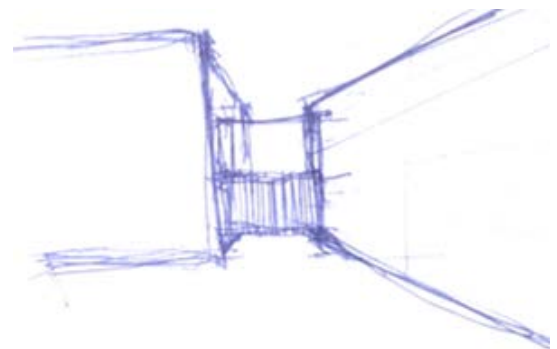
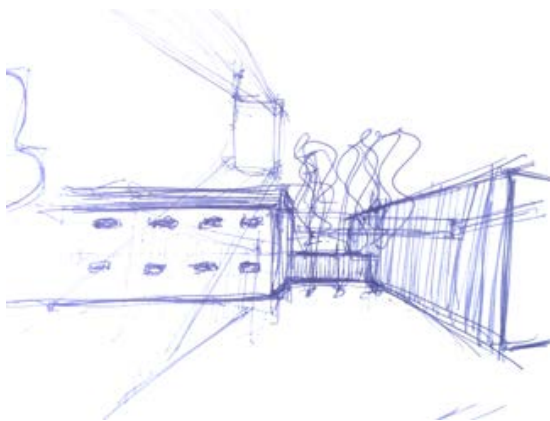
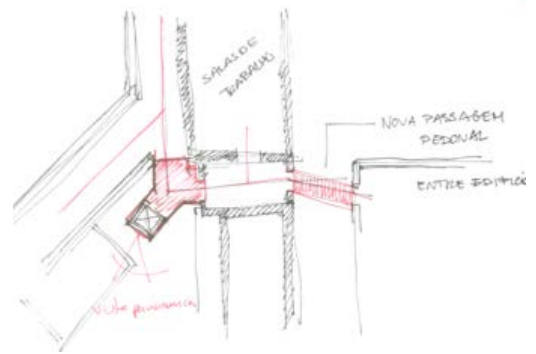
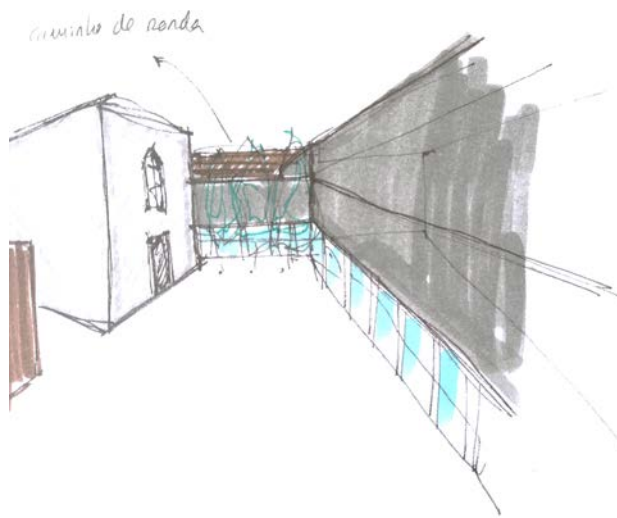
## Anexo V | Processo de Trabalho

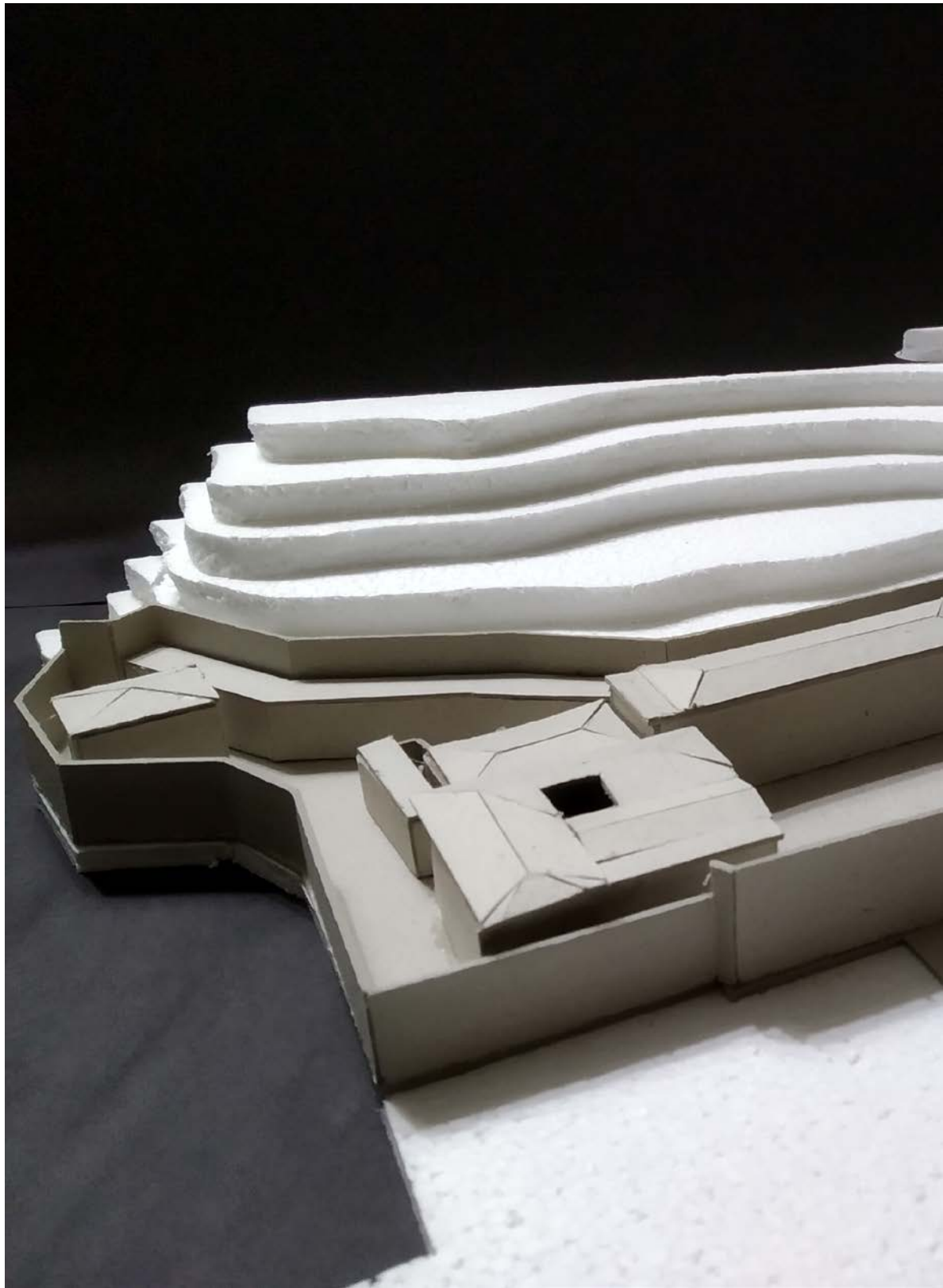












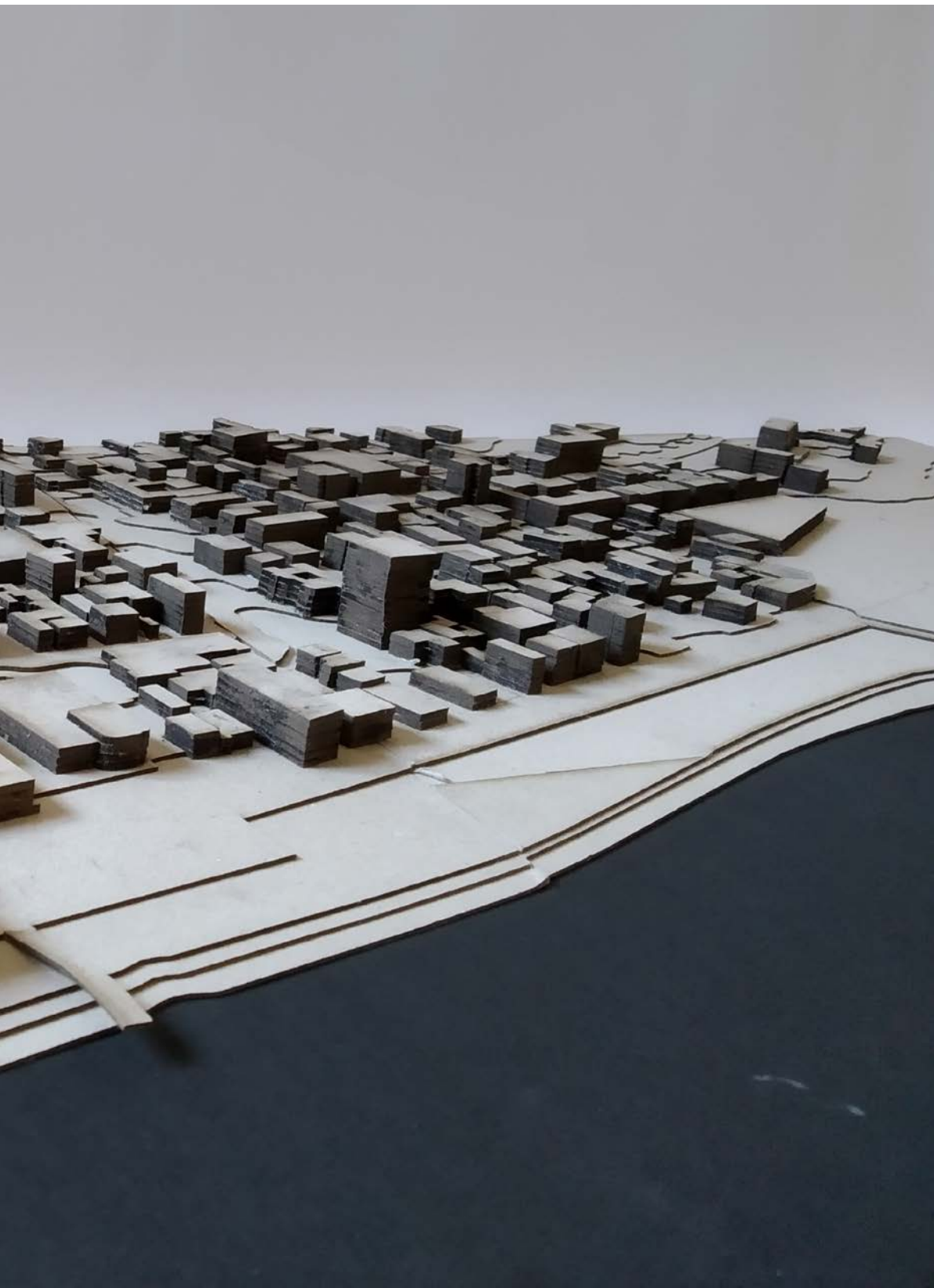
Maquete de Estudo | Proposta Arquitetónica | Escala 1/500







Maquete Final | Plano Urbano | Escala 1/1000

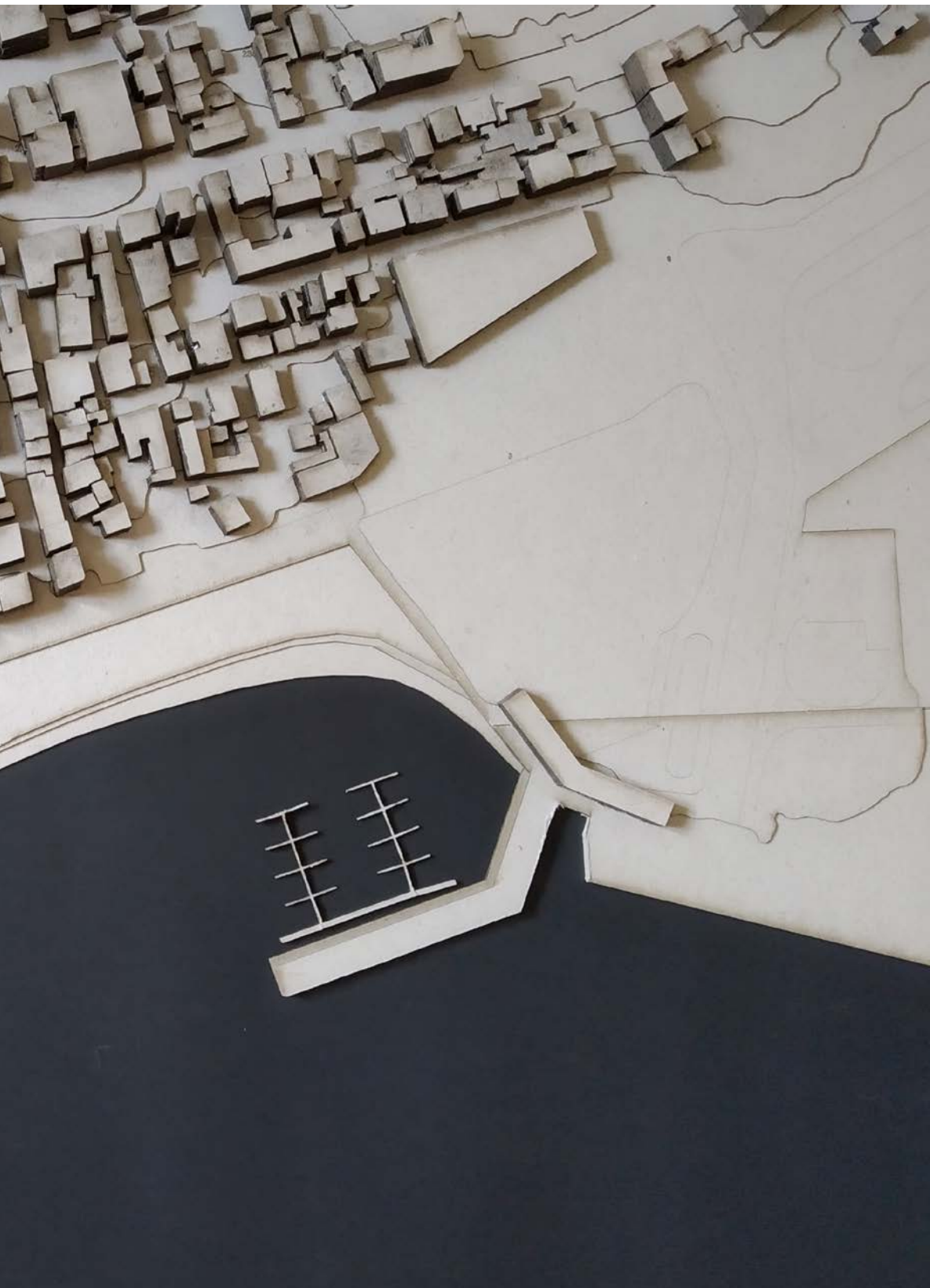






Maquete Final | Plano Urbano | Escala 1/1000







Maquete Final | Proposta Arquitetónica | Escala 1/200





Maquete Final | Proposta Arquitetónica | Escala 1/200





## Anexo VI | Paineis Finais



